

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA-DCET I
CURSO DE URBANISMO**

SUZANA CARVALHO DOS REIS

**CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: Reconhecimento e Inclusão
Social, um estudo de caso na Comunidade de Narandiba.**

**Salvador-BA
2008**

SUZANA CARVALHO DOS REIS

CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: Reconhecimento e Inclusão Social, um estudo de caso na Comunidade de Narandiba.

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Urbanismo.

Orientadora: Profª Rosali Braga Fernandes

**Salvador-BA
2008**

SUZANA CARVALHO DOS REIS

CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: Reconhecimento e Inclusão Social, um estudo de caso na Comunidade de Narandiba.

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado para obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo, Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Salvador, 19 de Junho de 2008.

Prof. Ney Castro
Coordenador da disciplina Seminário Monográfico

BANCA EXIMINADORA

Maria de Fátima Torreão Espinheira
Coordenadora do Fórum Lixo e Cidadania/Ba.

Prof^ª. Olivia Beltrão
Antropóloga

Prof^ª. Rosali Braga Fernandes
Universidade do Estado da Bahia
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram para sua realização, não só disponibilizando informações mais também, seu tempo, atenção, compreensão e paciência.

Em especial a todos os catadores de materiais recicláveis e a aqueles que reconhecem a importância de sua atividade.

AGRADECIMENTO

A Deus por me iluminar na escolha deste tema e por me dar forças para concluir mais esta etapa da vida.

Ao Prof. Ney Castro, minha orientadora Prof^a. Rosali Fernandes, Dr^a Fátima Espinheiro, Dr^a Gardênia Azevedo, a meus amigos: Fabiana Casaes, Gláucia Ventura, Paula Daiana e em especial a meus pais, minha avó e meu noivo, que me incentivaram nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Em Salvador, como em outras capitais do país, cresce o número de pessoas que, devido a antigos problemas urbanos, como o aumento da pobreza e, conseqüentemente, a exclusão social, criam novas alternativas de geração de renda e, até mesmo, sobrevivência. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a necessidade do reconhecimento e inclusão social dos catadores de materiais recicláveis, ressaltando a importância de tal fato, tanto para o grupo quanto para a sociedade como um todo. Para isso, foi realizado um estudo de caso na comunidade de Narandiba, na qual se percebeu o aumento do número de pessoas que encontram no lixo uma alternativa de geração de renda ou sobrevivência. A partir do levantamento bibliográfico e, principalmente, por meio de entrevistas e observações, foram realizadas análises que levaram à caracterização da comunidade, a qual se revela carente em assistência a serviços básicos como o de saneamento; a descrição da atividade desenvolvida pelos catadores e sua relação com a comunidade, constatando-se a precariedade com que é realizada a função das associações e cooperativas e a inexistência da consciência ambiental dos mesmos e da própria população. Contudo, são apresentados os impactos que a possível inclusão social dos catadores podem proporcionar ao meio ambiente urbano, os instrumentos legais, como a Lei de Saneamento Ambiental e o decreto nº 5940/06, programas e ações, a exemplo do Fórum Lixo e Cidadania da Bahia, que podem favorecer o processo de inclusão social dos catadores.

Palavras chaves: lixo; coleta seletiva; catadores; reconhecimento; inclusão social.

ABSTRACT

In Salvador, as in other capitals of the country, the number of people grows who, had the old urban problems, as the increase of the poverty and, consequently, the social exclusion, create new alternatives of income generation and, even though, survival. The present work has the objective to present the necessity of the recognition and social inclusion of the catadores of materials you recycle, standing out the importance of such fact, as much for the group how much for the society as a whole. For this, a study of case in the community of Narandiba was carried through, in which if it perceived the increase of the number of people who find in the garbage an alternative of income generation or survival. From bibliographical survey e, mainly, by means of interviews and comments, condizentes analyses with the characterization of the community had been carried through, which if discloses in assistance the basic services as of sanitation devoid; the description of the activity developed for the catadores and its relation with the community, evidencing itself it precariousness with that it is carried through the function of the associations and cooperatives and the inexistence of the ambient conscience of the same ones and of the proper population. However, the impacts that the possible social inclusion of the catadores can provide to the urban environment, the legal instruments, as the Law of Ambient Sanitation and the decree nº 5940/06, programs and action, the example of the Forum are presented Garbage and Citizenship of the Bahia, that can favor the process of social inclusion of the catadores.

Words keys: garbage; it collects selective; catadores; recognition; social inclusion.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1	MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO EM SALVADOR.	11
Figura 2.1	MAPA DOS SETORES CENSITÁRIOS SELECIONADOS PARA OBJETO DE ESTUDO EM NARANDIBA.	33
Figura 2.2	FAIXAS DE IDADE DETERMINADAS A PARTIR DE DADOS REFERENTES AOS SETORES CENSITÁRIOS, IBGE, CENSO 2000.	35
Figura 2.3	CATADORA A CAMINHO DO DEPÓSITO, PERTENCENTE A FAIXA ETÁRIA DE 50 A 64 ANOS.	36
Figura 2.4	CRIANÇA QUE AJUDA A MÃE DESEMPREGADA A REALIZAR A COLETA E VENDER O MATERIAL, PERTENCENTE A FAIXA ETÁRIA DE 7 A 14 ANOS.	36
Figura 2.5	ANOS DE ESTUDO, DO RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO PARTICULAR PERMANENTE. CENSO 2000.	36
Figura 2.6	RENDA DO RESPONSÁVEL PELO DOMICÍLIO PARTICULAR PERMANENTE. CENSO 2000.	37
Figura 2.7	ABASTECIMENTO DE ÁGUA DETERMINADO A PARTIR DE DADOS REFERENTES AOS SETORES CENSITÁRIOS, IBGE, CENSO 2000.	38
Figura 2.8	ACESSO AO SISTEMA DE ESGOTO, DETERMINADO A PARTIR DE DADOS REFERENTES AOS SETORES CENSITÁRIOS, IBGE, CENSO 2000.	38
Figura 2.9	ACESSO AO SISTEMA DE COLETA DE LIXO URBANO, DETERMINADO A PARTIR DE DADOS REFERENTES AOS SETORES CENSITÁRIOS, IBGE, CENSO 2000.	39
Figura 2.10	LIXO JOGADO NO CHÃO, A MARGEM DO CANAL, POR ALGUNS MORADORES, TV ÁGUAS CRISTALINAS.	43
Figura 2.11	LIXO DISPOSTO DE FORMA INADEQUADA POR ALGUNS MORADORES, TV. ÁGUAS CRISTALINAS.	43
Figura 2.12	CANAL QUE LIGA TV. LUIS CABRAL A TV ÁGUAS CRISTALINAS. PRESENÇA DE RESÍDUOS SÓLIDOS.	43

Figura 2.13	PRESENÇA DE RESÍDUOS SÓLIDOS E SINAIS DE SEDIMENTAÇÃO.	43
Figura 2.14	MOMENTO DA COLETA, SEM PROTEÇÃO NAS MÃOS E PÉS, UTILIZANDO APENAS UMA CAPA DE CHUVA E UM PEDAÇO DE MADEIRA PARA RETIRAR OS SACOS DA CAIXA COLETORA.TV. ÁGUAS CRISTALINAS.	46
Figura 2.15	CATADOR REALIZANDO COLETA, DENTRO DO CONTAINER, SEM QUALQUER TIPO DE PROTEÇÃO E SEM VESTIMENTA ADEQUADA. AV. EDGAR SANTOS.	46
Figura 2.16	TABELA DE PREÇO PREGADA NA PAREDE DO DEPÓSITO, ONDE O COBRE APARECE COMO MATERIAL DE MAIOR VALOR.	48
Figura 2.17	MOMENTO DA COLETA CONVENCIONAL, PRESENÇA DE LIXO NO CHÃO, MESMO EXISTINDO DUAS CAIXAS COLETORAS.	54
Figura 2.18	LITROS DE 51, COMPRADOS NO DEPÓSITO, POR UM PEQUENO COMERCIANTE DE BEBIDAS.	56
Figura 2.19	PAPELÃO SENDO VENDIDO AO DEPÓSITO PELA EMPRESA, TOQUE DA CASA.	56
Figura 2.20	BALANÇA UTILIZADA PARA PESAR OS MATERIAIS QUE APRESENTAM MAIS VOLUME.	60
Figura 2.21	BALANÇA UTILIZADA PARA PESAR MATERIAIS COMO AS LATINHAS E O COBRE.	60

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1.1	MATERIAIS RECICLÁVEIS E SEUS BENEFÍCIOS, SEGUNDO CALDERONI, 2007.	21
Quadro 2.1	MATERIAIS RECICLÁVEIS COMERCIALIZADOS NO DEPÓSITO, POR TIPO E VALOR COMERCIAL EM NARANDIBA – 2008.	55
Quadro 2.2	IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DO CATADOR PARA A CIDADE, 2008.	66
Quadro 2.3	BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS QUE O TRABALHO DO CATADOR AUTÔNOMO PODE GERAR A COMUNIDADE, 2008.	68
Quadro 2.4	SURGIMENTO DE NOVAS COOPERATIVAS, UMA ALTERNATIVA?, 2008.	70
Quadro 3.1	PROGRAMAS DO GOVERNO FEDERAL QUE PODEM INCENTIVAR A MINIMIZAR OS PROBLEMAS VINCULADOS AO LIXO.	85

SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	07
Lista de Quadros.....	09
INTRODUÇÃO.....	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
1.1 Conceito e Classificações do lixo.....	15
1.2 Coleta Seletiva e Reciclagem.....	18
1.3 Os Catadores de Materiais Recicláveis.....	24
1.4 Destino do lixo, um problema urbano.....	27
2 ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DE NARANDIBA.....	31
2.1 Diagnósticos: Conhecendo o perímetro considerado.....	31
2.2 O catador em Narandiba.....	45
2.3 Os atravessadores em questão.....	54
2.4 Associação e Cooperativa: os casos ACOPAMEC e COOPCICLA.....	61
2.5 Inclusão social dos catadores e seu impacto no meio ambiente urbano de Narandiba.....	65
3 INSTRUMENTOS LEGAIS: Leis, decretos, programas e ações: instrumentos para inclusão.....	72
3.1 Lei de Saneamento - nº 11.445/07.....	72
3.2 Programa Nacional Lixo & Cidadania.....	73
3.3 Decreto nº 5940/06 – Separação dos Resíduos.....	78
3.4 Política Nacional dos Resíduos Sólidos.....	79
3.5 Plano Básico de Limpeza Urbana de Salvador.....	84
3.6.Financiamentos/ BNDES.....	84
3.7 O Movimento Nacional dos Catadores: reconhecimento perante a Classificação Brasileira de Ocupações.....	88
3.8 Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo.....	90
3.9 Gestão do Lixo X Educação Sócio-ambiental.....	91
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
APÊNDICE.....	104
ANEXO.....	128

1 INTRODUÇÃO

O Brasil ainda vivencia antigos problemas urbanos – ambientais, políticos, econômicos e sociais - intensificados por comportamentos que pregam a modernidade. No entanto, aqueles que atingem com mais rigorosidade a população são condicionados pelos tradicionais modelos de gestão, os quais ao menos conseguem promover, com qualidade, as necessidades básicas da população: educação, emprego, transporte, saúde e lazer.

O consumo, característica determinante dos estágios de modernidade ou pós-modernidade, gera situações que proporcionam grandes prejuízos à saúde pública e ao meio ambiente. Um exemplo disso é o aumento da produção de resíduos sólidos, que possui conseqüências mais graves nos países em desenvolvimento, os quais não vêem o lixo como gerador de problemas em longo prazo.

O polígono escolhido para estudo localiza-se na região correspondente ao Miolo de Salvador, limitando-se apenas a um trecho da área que constitui o subdistrito de Narandiba, cuja localização pode ser visualizada na figura que segue:

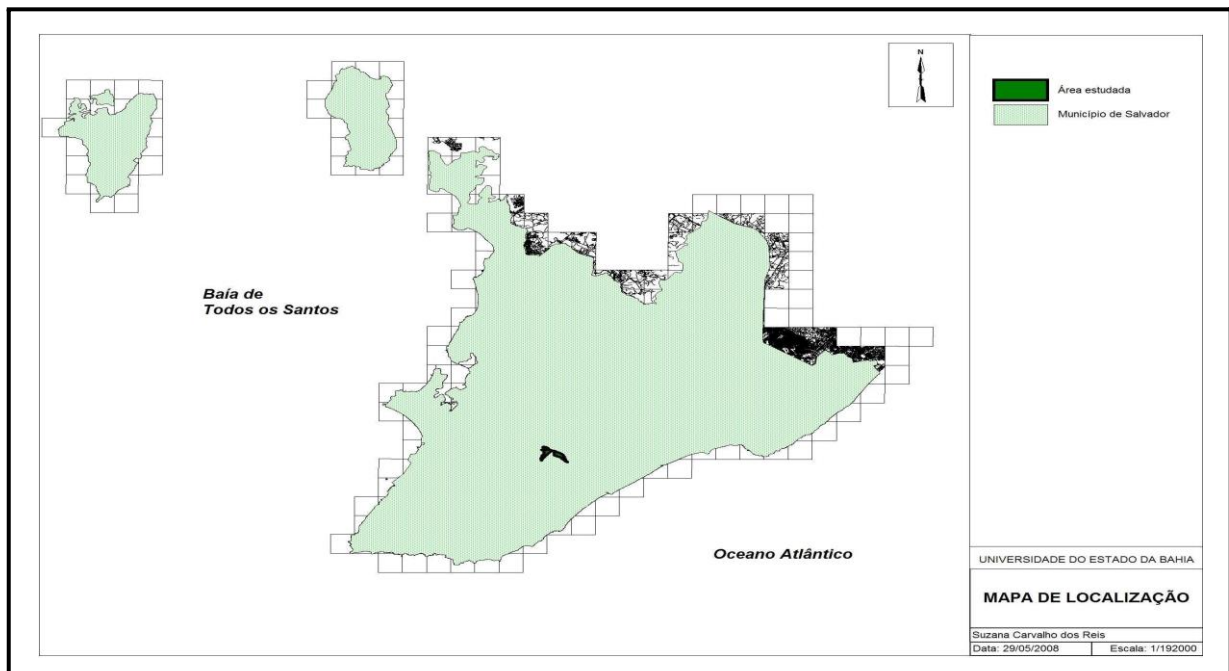


Figura 1.1 – Mapa de localização da área de estudo em Salvador, segundo dados do IBGE, 2000. Escala: indefinida.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

A decisão por trabalhar com o tema foi tomada ao ser observado o considerável crescimento de pessoas que coletam os materiais na comunidade de Narandiba e o desconhecimento de estudos vinculados a tal grupo na capital baiana.

O desenvolvimento do estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis, além de discutir assuntos como o papel dos diversos grupos relacionados – associações, cooperativas de reciclagem, atravessadores, empresas e indústrias – envolvem questões vinculadas a alguns dos principais problemas urbanos metropolitanos. Dentre eles, podemos citar os altos índices de desemprego, aumento da pobreza e exclusão social; condições que promovem o surgimento de novas alternativas – em sua maioria, informais – para geração de renda e sobrevivência.

O objetivo geral deste estudo é demonstrar como o reconhecimento e o apoio à atividade desenvolvida pelos catadores de materiais recicláveis pode favorecer para sua inclusão social através da geração de renda e melhoria da qualidade de vida urbana.

Os objetivos específicos são analisar a possível existência de contradições na comunidade de Narandiba, levando em consideração a importância e o incômodo da coleta seletiva realizada pelos catadores; retratar as dificuldades enfrentadas pelo grupo no meio urbano e os benefícios que sua atividade pode proporcionar à comunidade e à cidade como um todo.

A técnica de pesquisa utilizada foi à pesquisa de campo, que teve o intuito de identificar as relações construídas pelos catadores na comunidade, um grupo que vem crescendo não só na localidade em específico, como nas demais escalas geográficas. O trabalho se enquadra no grupo qualitativo-descritivo, realizado a partir da pesquisa documental, bibliográfica e por meio de contatos diretos.

Inicialmente foi determinado quem seriam os entrevistados e quais seriam os critérios de seleção dos mesmos, os quais seguem abaixo:

- dois catadores, que pudessem apresentar as características comportamentais mais comuns do grupo, observadas diariamente pelas ruas da cidade;
- representantes de uma cooperativa e de uma associação, a fim de verificar as funções desempenhadas, sendo escolhidas a Cooperativa de

Agentes Autônomos da Reciclagem (COOPCICLA), por se tratar da primeira a desenvolver atividades com catadores, e a Associação das Comunidades Paroquiais de Mata Escura e Calabetão (ACOPAMEC), por ser a mais próxima do perímetro de estudo em melhor estágio de organização;

- local de venda dos materiais coletados pelos catadores, os chamados atravessadores, encolhido o depósito que apresentava o maior fluxo de catadores, situação que possibilitou determinar as relações comerciais dos catadores na comunidade;
- representante da comunidade, pessoa que pudesse expressar sua visão sobre o trabalho dos catadores, sendo escolhido um dos moradores que reside a mais tempo no local.

Contudo, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa aconteceram fatos não planejados, como o convite para fazer parte das reuniões do Fórum Lixo & Cidadania, entre outros que serão citados posteriormente.

Foram realizados levantamentos bibliográficos e de trabalhos anteriores, a exemplo do Programa Lixo & Cidadania, e pesquisa documental, a partir da investigação de fontes primárias como os dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Informs e fontes secundárias com a coleta de informações por meio dos noticiários divulgados pela imprensa em meio visual e eletrônico.

Os resultados provenientes da coleta de dados estatísticos foram dispostos por meio de quadros, tabelas e gráficos, com o intuito de auxiliar na apresentação dos mesmos, facilitando assim, sua compreensão e interpretação. Além da metodologia já citada, foi realizada a observação direta intensiva, por meio das técnicas de observação e entrevista, com propósito de possibilitar o estabelecimento de diferenças, semelhanças e relações durante a exposição dos mesmos.

A técnica de observação utilizada foi à individual, a qual possibilitou a realização de inferências do pesquisador sobre o observado, predominando-se a pesquisa

estruturada, com perguntas¹ predeterminadas, o que possibilitou a comparação entre um conjunto de perguntas apresentadas no capítulo 4, por meio dos quadros. No entanto, aconteceram fatos não programados como o sinalizado anteriormente, como a inclusão de alguns depoimentos, realizados por moradores da comunidade que possuíam um maior contato com os catadores.

O trabalho é composto por quatro capítulos. No primeiro, encontra-se o referencial teórico, no qual são relacionados os conceitos, classificações e categorias referentes ao lixo, seguidos das diferentes denominações entre os termos lixo, resíduos sólidos e rejeito. Apresenta também as formas de organizações dos catadores: associações, cooperativas ou individualmente e discute ainda a destinação do lixo como um dos principais problemas urbanos.

O terceiro capítulo refere-se ao estudo de caso, onde são apresentados dados característicos do subdistrito de Narandiba, um diagnóstico local, constituído por abordagens como: a condição de trabalho do catador, o papel de uma associação e cooperativa, as relações existentes entre os catadores e os chamados atravessadores, a visão da comunidade perante o trabalho dos catadores e os possíveis impactos da inclusão social deste grupo no meio ambiente urbano a partir da visão dos principais personagens envolvidos na questão dos catadores.

O quarto capítulo apresenta os instrumentos legais existentes que podem ser utilizados para o reconhecimento do trabalho dos catadores como atividade importante para a cidade e sua inclusão social. Nesse sentido, a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), por exemplo, vem realizando uma atividade em conjunto com o Fórum Lixo e Cidadania e demais entidades.

Ao final do trabalho, são apresentadas as conclusões onde é possível constatar a importância do reconhecimento da profissão dos catadores. Além disso, são expostas também as possíveis proposições que buscam um benefício comum: a melhoria da qualidade de vida urbana na cidade de Salvador.

¹ Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente, encontram-se dispostas como forma de apêndice.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito e Classificações do lixo

A produção acelerada de grande volume de lixo, destacada principalmente nas capitais do país, está diretamente relacionada com o crescimento das populações urbanas e rurais, da industrialização, assim como o aumento do poder de consumo dos povos de uma forma geral (BIDONE, 1999).

A palavra lixo origina-se do latim *lix*, que significa cinzas ou *lixívia*. Na linguagem técnica é sinônimo de resíduos sólidos, representados por materiais descartados pelas atividades humanas. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define o lixo como os restos das atividades humanas, considerado pelos geradores, inútil, indesejável ou descartável, podendo apresentar-se no estado sólido, semi-sólido ou líquido, desde que não seja passível de tratamento convencional (BIDONE, 1999).

No entanto, existem posições opostas a definições como a determinada pela ABNT, uma delas é apresentada Elisabeth Grimberg (2004), ao considerar resíduo diferente de lixo, não cabendo, para a mesma, a denominação de lixo para aquilo que sobra no processo de produção ou de consumo.

Para a autora, restos de alimentos, embalagens descartadas, objetos inservíveis só se tornam lixo quando misturados. Porém quando separados em materiais secos e úmidos, passam a ser resíduos reaproveitáveis ou recicláveis. Denominando-se rejeito o que não pode ser aproveitado através do reuso ou reciclagem.

As definições apresentadas pela ABNT são as mais utilizadas nacionalmente. Classifica ainda os resíduos sólidos de acordo com os riscos potenciais de contaminação do meio ambiente e quanto à natureza ou origem, como pode ser verificado abaixo:

Quanto ao potencial de contaminação, NBR 10004, são identificados:

Classe I ou perigosos – aqueles que, em função de suas características intrínsecas de inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade ou

patogenicidade, apresentam riscos à saúde pública por meio do aumento da mortalidade ou da morbidade, podendo ainda causar efeitos adversos ao meio ambiente quando manuseados ou dispostos de forma inadequada.

Classe II ou não-inertes – resíduos que podem apresentar características de combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade, com possibilidade de acarretar riscos à saúde ou ao meio ambiente, não se enquadrando nas classificações dos outros resíduos.

Classe III ou inertes – aqueles que, por suas características intrínsecas, não oferecem riscos à saúde e ao meio ambiente (NBR, 2004 s.n).

Quanto à natureza ou origem, os principais elementos para a caracterização dos resíduos sólidos e diferentes tipos de lixo, agrupam-se da seguinte forma:

Lixo doméstico ou residencial – gerados nas atividades diárias em casas, apartamentos, condomínios e demais edificações residenciais.

Lixo comercial – originado por estabelecimentos comerciais, cujas características dependem da atividade desenvolvida.

Lixo público – resíduos presentes nos logradouros públicos, em geral resultantes da natureza, tais como: folhas, galhadas, poeira, terra e areia, e também aqueles descartados irregular e indevidamente pela população, como entulho, papéis, restos de embalagens e alimentos.

Lixo domiciliar especial – compreende os entulhos de obras, pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes e pneus. Os entulhos de obra, também conhecidos como resíduos da construção civil, só estão enquadrados nesta categoria, segundo a ABNT, por causa da sua grande quantidade e pela importância que sua recuperação e reciclagem vêm assumindo no cenário nacional.

Lixo de fontes especiais – resíduos que, em função de suas características peculiares, passam a merecer cuidados especiais em seu manuseio, acondicionamento, estocagem, transporte ou disposição final (NBR, 2004 s.n).

Inseridos na classe dos resíduos de fontes especiais, são destacados pela Norma Brasileira, outras subdivisões que determinam os diferentes tipos de lixo especiais.

Lixo industrial – resíduo muito variado, gerados pelas indústrias, que apresentam características diversificadas dependendo do tipo de produto manufaturado. Devem, portanto, ser estudados caso a caso.

Lixo radioativo – resíduos que emitem radiações acima dos limites permitidos pelas normas ambientais. No Brasil, segundo a ABNT, o manuseio, o acondicionamento e a disposição final desse lixo estão a cargo da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN).

Lixo de portos, aeroportos e terminais rodoviário-ferroviário-resíduos gerados tanto nos terminais, como dentro dos navios, aviões e veículos de transporte. Os resíduos dos portos e aeroportos são decorrentes de passageiros em veículos e aeronaves e sua periculosidade está no risco de transmissão de doenças já erradicadas no País. Esta transmissão também pode se dar por meio de cargas eventualmente contaminadas, tais como: animais, carnes e plantas.

Lixo agrícola – formado basicamente pelos restos de embalagens impregnadas com pesticidas e fertilizantes químicos, utilizados na agricultura, que são

perigosos, o que torna necessário que se tenha o mesmo manuseio, rotinas empregados para os resíduos industriais, Classe I.

Lixo de serviços de saúde – compreendendo todos os resíduos gerados nas instituições destinadas à preservação da saúde da população. Segundo a NBR 12808 da ABNT (NBR, 2004 s.n).

No Brasil, o lixo classificado como doméstico ou residencial é composto, principalmente, por materiais orgânicos biodegradáveis ou compostáveis, correspondendo cerca de 65% do total. O restante dos resíduos constitui-se de materiais recicláveis, que compõem aproximadamente 25% a 30% do peso total do lixo, porcentagem que representa uma parcela muito maior em volume, ocupando grandes espaços nos aterros. Apenas 5% da massa total dos resíduos urbanos caracterizam-se como rejeitos, em grande parte os perigosos e contaminados (BRASIL, 2001).

Utilizando uma linguagem mais objetiva e expressiva, “Cada pessoa gera, durante toda a vida, uma média de 25 toneladas de lixo. Uma montanha de restos de comida, papel, plástico, vidro [...]” (ABREU, 2001, p. 11).

Em Salvador, o serviço de limpeza pública é responsabilidade da Empresa de Limpeza Urbana (LIMPURB), que desenvolve serviços de coleta, varrição, fiscalização, acompanhamento, controle, planejamento, transporte, tratamento e destino final do lixo, além de educação ambiental (SALVADOR, 2008).

Segundo a Secretaria de Planejamento Urbano, Urbanismo e Meio Ambiente do Município (SEPLAM), os resíduos sólidos gerados na capital são direcionados para o Aterro Metropolitano Centro, localizado na BA-526, com capacidade diária de 2.400t/dia de resíduos em área que corresponde a 250 ha. A capital também conta, com uma Estação de Transbordo de Resíduos, localizada no bairro de Canabrava, em funcionamento há quase 8 anos.

De acordo com a SEPLAM, os maiores percentuais da coleta são realizados pelas empresas terceirizadas atingindo um total de 75%, em 1996. Em segundo lugar, encontra-se o lixo que é levado diretamente ao aterro com 24%, e por último, o coletado pela LIMPURB com 1%. Contudo, em 2003, o total de lixo coletado por hab/dia em Salvador foi de 0,56 kg, o urbano 1,11kg, e o entulho 1,25kg. Neste ano (2003), a coleta diferenciada de resíduos sólidos alcançou o montante de 4.486 t/dia, com maior

percentual, os resíduos urbanos (50,7%), seguido pelos provenientes de entulhos (45%). Essa situação pode ser constatada no anexo A.

Até o ano de 1996, os serviços de limpeza urbana atendiam 75% da população, ampliando para 96,4%, ao incluir as 19 áreas de difícil acesso, originadas por ocupações espontâneas, com a implantação do Programa de Agentes Voluntários de Limpeza (SALVADOR, 2008).

O modelo de administração adotado pela LIMPURB, apresentada no anexo B, se dá por meio da divisão da cidade em áreas de atuação, com a implantação de Núcleos de Limpeza (NL'S), os quais correspondem às 17 Regiões Administrativas - RA's do Município. No que se refere aos resíduos provenientes do serviço de saúde, os mesmos são depositados em uma vala séptica, técnica utilizada para o aterramento desses resíduos (SALVADOR, 2008).

2.2 Coleta Seletiva e Reciclagem

Os problemas relacionados ao lixo estão diretamente vinculados ao ritmo de crescimento da população e à forma como o lixo produzido por ela é gerenciado, sendo uma de suas explicações o fato de sua produção ocorrer em proporção maior que a ampliação das infra-estruturas urbanas, a exemplo do sistema de limpeza urbana, visivelmente diagnosticado, quando se observam ruas sujas, com destinação imprópria do lixo, situações que ocorrem com mais frequência em bairros carentes, onde o serviço de coleta é deficiente.

O termo coleta seletiva consiste na separação dos materiais já na fonte produtora, o que os possibilita serem posteriormente reciclados (BIDONE, 1999). Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004), a coleta seletiva é uma forma diferenciada de coletar os resíduos, onde o lixo seco ou reciclável é separado na origem e recolhido em coleta especial.

A utilização do termo coleta seletiva surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX. Em seguida, adotado pelos europeus e japoneses, que iniciaram as práticas

no campo da reciclagem, processo caracterizado pela ação direta dos governos, empresas, instituições da sociedade civil e da população como um todo. Tal prática foi expandida durante a Segunda Guerra Mundial, quando todos os países reciclavam, sobretudo metais para a indústria bélica (SANTOS, 1995).

As primeiras ações voltadas para reciclagem de lixo, associadas a programas de coleta seletiva, ocorreram no final da década de 70, em 1978, com a Prefeitura de Pindamonhangaba, São Paulo, pioneira na implantação deste programa, realizado por meio de charretes à tração animal (CEMPRE, 1993).

“O acesso à coleta de lixo constitui-se num indicador adequado de infraestrutura, principalmente nas áreas urbanas” (IBGE, 2004, p. 135). Os exames realizados pelo Instituto revelam que, nas áreas urbanas, os percentuais de atendimento encontram-se elevados, mantendo as taxas de incremento e universalização de acesso ao serviço.

Na zona rural, devido à dispersão entre as moradias, tal processo não é esperado, pelo menos em curto prazo, nesses locais o lixo é queimado ou enterrado na propriedade, mesmo apresentando-se em tal estágio, o IBGE vem percebendo, nos últimos, anos um grande crescimento do número de domicílios atendidos pela coleta.

Ao direcionar esta análise para a escala regional, ainda considerando os últimos indicadores do IBGE, é possível constatar a existência de diferenças entre os percentuais do Sul e Sudeste, apresentando os maiores índices de atendimento, e o Norte e Nordeste, com os menores percentuais. Nas regiões Sul e Sudeste mais de 98% dos domicílios urbanos têm coleta de lixo domiciliar, situação considerada próxima da universalização. Enquanto no Norte e Nordeste, apesar do grande incremento da taxa de atendimento nos últimos anos, mais de 10% dos domicílios urbanos ainda não contam com o serviço (IBGE, 2004).

Para Grimberg (2004), as grandes disparidades podem ser explicadas pela inexistência de programas de coleta que direcionem e valorizem a coleta seletiva operada pelos catadores. Há aproximadamente 50 anos, os catadores vêm atuando na limpeza urbana como a gentes ambientais, recuperando materiais, antes descartados nos aterros.

Os catadores de materiais recicláveis, considerados agentes ambientais ou heco-heróis por Blanc (2008) realizam uma das quatro formas de coleta seletiva existentes, como pode ser observado abaixo:

Porta-a-porta - Quando os resíduos são separados na fonte geradora, ou seja no local onde os resíduos são gerados (como por exemplo na sua casa, trabalho ou local de estudo) para depois serem recolhidos pela prefeitura.

PEV's (Pontos de Entrega Voluntária) ou LEV's (Locais de Entrega Voluntária) - São locais distribuídos em diferentes pontos da cidade (ou de uma empresa) com grupos de lixeiras diferenciadas por cores e/ou símbolos onde as pessoas depositam espontaneamente os resíduos recicláveis.

Unidades ou Centrais de Triagem - Locais onde é feita a separação dos materiais recicláveis ou do material orgânico para a compostagem. Quando não há Coleta Seletiva podem estar localizados nos locais de depósito final dos resíduos ou, para atender à Coleta Seletiva, estão distribuídos pela cidade. Mesmo quando há este tipo de coleta, são indispensáveis para separar cada tipo de material, possibilitando sua venda.

Por catadores ou carrinheiros - Os catadores separam os materiais recicláveis que chegam nos lixões ou aterros (quando isso é permitido) e os carrinheiros recolhem os recicláveis, informalmente, através do sistema porta em porta. (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2008 s.n grifo do autor).

A coleta seletiva e a reciclagem proporcionam vários benefícios ao meio ambiente, mas tais benefícios não se resumem apenas às questões ambientais, como também proporciona bons resultados relacionados às questões econômicas e sociais.

Entre os inúmeros benefícios², podem ser citados os dispostos abaixo e os exemplificados em seguida no quadro 2.1.

- Economia de matérias-primas virgens;
- Economia de energia no processo de produção dos recicladores;
- Redução do volume de lixo de difícil degradação no solo, poupando assim, os aterros sanitários, autores de grandes problemáticas;
- Facilita o processo de compostagem do lixo orgânico;
- Menores problemas ambientais e de saúde pública;
- Flexibilidade operacional do sistema de limpeza pública;
- Desenvolvimento industrial e agrícola;
- Educação ambiental;
- Participação comunitária;

² Os benefícios citados são definidos pelos autores, BIDONE (1999) e CALDERONI (2007).

- Geração de empregos, diretos e indiretos, com a instalação de Centrais de Triagem e novas indústrias recicladoras e ampliação das já estabelecidas;
- Resgate social de indivíduos, através da criação de associações ou cooperativas de catadores.

MATERIAIS	BENEFICIOS
VIDRO	A produção de vidro pela reciclagem reduz em 20% a poluição do ar e em 50% a poluição da água relacionada à produção.
LATA DE ALUMÍNIO	A reciclagem de uma lata de alumínio dá origem a uma nova lata de alumínio, economizando energia suficiente para deixar acesa uma lâmpada de 100 watts por 20 horas.
PAPEL	Uma tonelada de papel reciclado economiza 10 mil litros de água e evita o corte de 17 árvores.
PLÁSTICO	Cada 100 toneladas de plástico reciclado economiza 1 tonelada de petróleo.
LIXO	A incineração de 10 mil toneladas de lixo cria um emprego, o aterramento da mesma quantidade cria seis empregos e a reciclagem desse montante de lixo cria 36 empregos.

QUADRO 2.1 – Materiais recicláveis e seus benefícios, segundo Calderoni, 2007.

Fonte: Dados publicados no Correio da Bahia em 06/12/2007, autor Sabetai Calderoni.

Segundo Calderoni (1997), a implantação e ampliação de programas que estimulem a coleta seletiva podem render até R\$ 135,00 por tonelada, valor que vem sendo destinado para a remuneração que envolve o processo e gastos operacionais. Se realizado de forma planejada, poderá resultar na diminuição dos gastos da Prefeitura com o serviço de coleta, transporte, transbordo e disposição final do lixo domiciliar não separado. Isso pode proporcionar melhores resultados, com adesão da população, o que resultaria na obtenção de produtos recicláveis com menor grau de impurezas, elevando assim seu valor de mercado.

Calderoni (1997), em uma de suas publicações, faz uma espécie de simulação, com o objetivo de especificar os 4,6 bilhões de reais que são perdidos no Brasil pela não reciclagem do lixo, valor calculado apenas no ano de 1996, jogados literalmente no lixo.

R\$ 4,6 bilhões equivalem a....

* 433 mil carros populares (de R\$ 15 mil)

* 460 mil casas populares (de R\$ 10 mil)

* 46 milhões de cestas básicas (em Florianópolis)

* 77% do valor arrecadado em um ano com a CPMF.
(CALDERONI, 2007, s.n.).

Em Salvador, além das formas de tratamento do lixo urbano apresentadas anteriormente, há também a coleta seletiva executada por cooperativas, como a COOPCICLA, que apresentou, em 2003, no contexto municipal, 2,547 t/ano de lixo reciclável. A participação da COOPCICLA no sistema de tratamento e destino de lixo da capital é apresentada no anexo C (SALVADOR, 2008).

A reciclagem é o processo de separação e transformação do lixo para sua posterior reutilização (BIDONE, 1999). Também definida como um conjunto de técnicas que tem por finalidade aproveitar os detritos e reutilizá-los no ciclo de produção de que saíram, resultado de uma série de atividades, onde os materiais que se tornariam lixo são desviados, coletados e processados tornando-se matéria-prima na manufatura de novos produtos (RCICLAGEM NET, 2006).

São várias as possibilidades de definição do termo reciclagem, atividade que vem sendo discutida amplamente nos últimos anos pela sociedade, considerada por muitos um desafio em busca do processo também atual, denominado sustentabilidade.

A importância de tal atividade, segundo o IBGE, pode ser analisada abaixo.

A reciclagem é considerada uma das questões mais importantes no gerenciamento sustentável de resíduos [...], é uma das atividades chaves para o enfrentamento do desafio reapresentado pelo destino final dos resíduos sólidos, compondo a mundialmente conhecida estratégia dos três R: reciclar, reutilizar e reduzir (IBGE, 2004, p. 287).

Segundo dados fornecidos a partir dos indicadores de desenvolvimento sustentável, pelo IBGE (2004), a reciclagem catalisa interesses do poder público, empresas e da sociedade, sintetizando vários princípios do desenvolvimento sustentável. Trata-se de uma atividade que, além dos benefícios ambientais, é vista como uma oportunidade de negócios, uma atividade geradora de emprego e renda, que subsidia estratégias de conscientização da população para o tema e a promoção do uso eficiente dos recursos.

Para o IBGE, as atividades relacionadas à reciclagem apresentam importantes implicações econômicas, reduzindo tanto o uso de materiais quanto de energia, promovendo o aumento da eficiência energética de vários setores industriais. “É a

importância econômica da reciclagem que explica o aumento no consumo de quase todos os materiais reciclados” (IBGE, 2004, p.287).

No que se referem ao restante dos materiais, não recicláveis, os índices variam entre 35% a 45%, todos com tendência crescente.

O aumento nos preços das matérias-primas de energia, associado à legislação municipal, estadual e federal, cada vez mais exigentes em termos ambientais, deve fazer com que os índices de reciclagem de todos os materiais mantenham a tendência de crescimento por muito tempo. No caso do Brasil os altos níveis de reciclagem estão mais associados ao valor das matérias-primas e aos altos níveis de pobreza e desempenho do que à educação e a conscientização ambiental. É por conta disto que a resina PET, de baixo valor de mercado, apresenta os maiores índices de reciclagem entre os materiais acompanhados (IBGE, 2004, p. 289).

As colocações do IBGE, ao relacionar o aumento dos níveis de reciclagem aos da pobreza, volta-se para o assunto posteriormente analisado, o qual norteia o presente trabalho, ou seja, a situação em que se encontram pessoas que sobrevivem desta atividade, os catadores de materiais recicláveis.

Segundo a Associação Brasileira de Alumínio (ABAL), 85% das latas de alumínio consumidas no Brasil são recicladas, classificando o país como maior reciclador global do material. (BLANC, 2008). Este índice deve-se ao alto valor de mercado da sucata de alumínio, associado ao elevado gasto de energia necessário para a produção do alumínio metálico (IBGE, 2004).

Além do alumínio, são citados por Blanc (2008), outros materiais possíveis de ser reciclado:

- papel de escritório 16%;
- garrafas PET 21%;
- vidro 40%.

Os autores Eingenherr (2006) e Ferreira (2006) apresentam um contraponto voltado para a reciclagem, ao afirmar que o composto orgânico produzido é de baixa qualidade e que sua comercialização depende de um complexo e instável mercado, tanto para o composto como para os materiais reaproveitáveis industrialmente, ressaltando que no Brasil. Por diferentes razões, muitos produtos considerados recicláveis não têm mercado ou sofrem restrições. Contudo, para os mesmos, tal fato

pode ser revertido com a aplicação das diretrizes da Política Nacional dos Resíduos Sólidos, as quais serão apresentadas no 4º capítulo.

Contudo, são considerados recicláveis os resíduos que constituem interesse de transformação, que têm mercado ou operação que viabiliza sua transformação industrial. (LIXO.COM.BR, 2008). A partir do anexo D, poderão ser distinguidos os materiais que podem ou não ser reciclados.

2.3 Os Catadores de Materiais Recicláveis

Desde a Segunda Guerra Mundial, a globalização e as novas tecnologias têm criado riqueza para alguns e gerado desemprego para aqueles considerados sem habilidades necessárias para atender ao novo mercado. Para sobreviverem, os que são excluídos criam novas alternativas. Os “catadores de lixo” são um exemplo deste novo fenômeno (FERREIRA, 2005).

A partir da definição proposta pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002, é possível conhecer algumas características destes indivíduos.

O catador é o sujeito mais importante no ciclo da cadeia produtiva de reciclagem, é o sujeito que está na ponta do processo produtivo, fazendo cerca de 89% de todo o trabalho. Contudo, o catador é quem menos ganha, mesmo sendo responsável por cerca de 60% de todo os resíduos que são reciclados hoje no Brasil, o catador vive na miséria, nas ruas e nos lixões por todo o Brasil. Um catador coleta em média 600 quilos de materiais recicláveis por dia, ou seja, a coleta seletiva que destina corretamente esses resíduos, gerando uma renda mensal de cerca de R\$ 140,00 em média. As empreiteiras pagas pelos municípios Brasil afora recebem milhões por ano para fazer a coleta comum, pagando salários miseráveis e superlotando os aterros sanitários (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, 2002 s n).

Contudo, vale salientar um fato não apontado pela CBO, mas que será tratado no próximo capítulo: grande parte dos catadores realiza essa atividade como única forma de sobrevivência, por fazerem parte do grupo citado anteriormente, os excluídos.

Os catadores recebem diversas denominações, as quais variam de acordo com os países ou aterros dos quais são provenientes. No México, por exemplo, são

chamados de pependores, na Argentina cartoneros, no Peru são os moscas e no Brasil, são mais conhecidos como catadores de lixo. Os catadores provenientes de aterros como o de Canabrava, em Salvador, e Cautera no Paraguai, recebem respectivamente os nomes de badameiros e gancheros (CONSTANCE, 2004).

Estima-se que 1 em cada 1000 brasileiros é catador e que 3 em cada 10 gostariam de continuar na cadeia produtiva da reciclagem mesmo que tivessem uma outra alternativa de trabalho. (LIXO.COM.BR, 2008) Esses fatores podem ser explicados, mas não confirmados, a partir de algumas colocações do representante da Cooperativa de A gentes Recicláveis (COOPCICLA), no capítulo seguinte.

Segundo Grimberg (2008), existem pelo menos 35 mil crianças em lixões e estima-se que há 200 a 800 mil catadores trabalhando em depósitos a céu aberto e nas ruas em todo o país, coletando alimentos e materiais recicláveis para sobreviverem.

Abaixo é possível identificar as categorias em que os catadores de materiais de recicláveis no país podem ser encontrados.

Trecheiros: aqueles que vivem no trecho entre uma cidade e outra catam lata pra comprar comida.

Catadores do lixão: os que catam diuturnamente fazem seu horário, catam há muito tempo ou só quando estão sem serviço de obra, pintura etc.

Catadores individuais: catam por si, preferem trabalhar independente, puxam carrinhos muitas vezes emprestados pelo comprador que é o sucateiro ou depositista.

Catadores organizados: fazem parte de grupos autogestionários onde todos são donos do empreendimento, legalizados ou em fase de legalização como cooperativas, associações, ONGs ou OSCIPs (LIXO.COM.BR, 2008, [s n.] grifo do autor).

Dentre os Catadores que se encontram organizados existem:

Grupos em organização: com pouca ou nenhuma infra-estrutura, necessidades de apoio, trabalham em grupo buscando se fortalecerem.

Catadores organizados autogestionários: grupos que funcionam como cooperativas onde as decisões devem ser tomadas de modo democrático, as vendas e os resultados ao alcance de todos. Não há uma liderança única da qual dependam todas as decisões e todos os associados representam o empreendimento como dono.

Redes de cooperativas autogestionárias: a idéia de rede é utilizada como forma de fortalecer os grupos na busca de quantidade, qualidade e frequência que são algumas das imposições do mercado da reciclagem. Em rede os grupos podem vender por melhores preços por terem, juntos, maiores quantidades de material. Em rede os grupos também podem se organizar para

otimizar a coleta e realizarem inclusive coleta de outros materiais como óleo de cozinha, alimentos entre outros.

Coopergatos: grupos não autogestionários, que tem um dono, onde um manda e todos obedecem, funciona como uma empresa privada, mas sem os benefícios sociais que uma empresa privada teria que arcar.

Cooperativas de Sucateiros: são alguns sucateiros que, nem sempre, mas freqüentemente tem com catadores relações exploratórias, percebendo vantagens junto a políticas públicas se regularizam legalmente como cooperativas, mas funcionam como empresa privada, sob a fachada do cooperativismo. Tal padrão é bastante freqüente.

Cooperativas de apoiadores: são grupos de catadores organizados por pessoas que não tem histórico na catação e se auto declaram catadores (mas tem perfil de apoiador) para exercer uma liderança sem nenhum compromisso com o processo emancipatório dos catadores (LIXO.COM.BR, 2008, [s n.] grifo do autor).

No próximo capítulo, que apresenta o estudo de caso, poderão ser analisadas de forma mais detalhada as reais condições de vida e trabalho de um catador no meio urbano, tomando como exemplo o subdistrito de Narandiba, onde predominam os denominados catadores individuais.

2. 4 Destino do lixo, um problema urbano

O aumento da produção industrial, do consumo e a geração de resíduos, trazem à tona questões como: o que fazer? Como fazer? Quem irá fazer? (CEMPRE, 1993).

Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB), no Brasil coleta-se diariamente cerca de 125.281 mil toneladas de resíduos sólidos domiciliares, dos quais 47,1% vão para aterros sanitários. O que sobra, 22,3%, segue para aterros controlados e 30,5% para lixões. Apenas uma parcela mínima, não contabilizada, é coletada seletivamente e destinada para a reciclagem (IBGE, 2000).

Para Grimberg (2004) deve ser levado em consideração que os dados referentes à destinação do lixo para aterros sanitários são relativizados inclusive pelo IBGE, ou seja, não são totalmente confiáveis.

A PNSB revela uma tendência de melhoria no quadro, entretanto o Instituto ressalva que não é provável que se tenha atingido a qualidade desejada da destinação final do lixo urbano no país (assunto analisado anteriormente no tópico 2.1). Um dos

fatores determinantes é o fato destes locais estarem geralmente nas periferias das cidades, não despertando o interesse da população geradora de opinião, tornando pouco prioritária a aplicação de recursos por parte da administração municipal. (IBGE, 2000)

Para Grimberg (2004), esta situação evidencia uma grave questão ambiental. 3.502 municípios brasileiros, o que equivale a 63,6%, ainda utilizam o lixão para depositarem seus resíduos. Para a autora, até mesmo os aterros controlados são questionáveis, por ser uma modalidade de disposição extremamente frágil, definidos como uma forma adequada de tratamento.

A autora acredita que aterros controlados são inadequados porque podem facilmente virar lixões, concluindo, assim, que na verdade 52,8% do total dos resíduos gerados no país são gerenciados de forma inadequada, revertendo-se também num grande problema, a falta de espaço para a construção dos aterros, principalmente nas grandes cidades.

As dificuldades e desvantagens da destinação dos resíduos em aterros sanitários são acrescidas pelos altos custos para a instalação e gerenciamento desta infra-estrutura. Além de questões como o grave quadro social que envolve a presença de crianças, adolescentes e adultos, vivendo no e dos lixões, muitas vezes presentes também nos aterros sanitários e controlados (GRIMBERG, 2004).

Levando em consideração o contexto municipal, é assegurada pela Constituição Brasileira (1988), artigo 30, a competência do Município em legislar sobre assuntos de interesse local, especificando seu papel na organização e prestação desses serviços, os quais compreendem a coleta domiciliar, seu transporte e o destino final dos resíduos sólidos. Os custos dos serviços de limpeza pública variam entre 10% e 20% do orçamento municipal, conforme os equipamentos empregados na coleta domiciliar e o método de tratamento e disposição final do lixo (CEMPRE, 1993).

Segundo Eigenher e Ferreira (2006), as taxas de lixo embutidas no Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), geralmente não garantem suporte financeiro para dar conta dos problemas provenientes do lixo como um todo, o que torna ainda mais grave a irresponsabilidade com o desperdício de recursos no setor.

Uma das conseqüências disso é o fato de que mesmo os tradicionais serviços de coleta e varrição acabam não sendo realizados em áreas desprotegidas politicamente e socialmente. As restrições citadas pela autora geram graves efeitos como: obstrução de rios e canais, inundações, deslizamentos de encostas em áreas de morros entre outros, ou seja, de alguma forma o lixo não coletado acaba reaparecendo. Situações como estas são comuns em localidades como a de Narandiba, que enfrenta problemas de infra-estrutura, principalmente no que diz respeito ao saneamento básico, como poderá ser visto posteriormente.

De acordo com a Secretaria Municipal do Planejamento, Urbanismo e Meio ambiente (SEPLAM), a discussão sobre o sistema de limpeza urbana é de fundamental importância, não só em termos ambientais como econômico o que pode ser constatado na citação que segue:

De fundamental importância não somente por causa da questão da preservação do meio ambiente, mas também porque em torno do lixo, principalmente nos grandes centros urbanos, verifica-se a formação de um sistema econômico informal marcado pela extrema carência de condições de trabalho, colocando em risco a saúde de todos aqueles que tentam sobreviver da prática de “garimpo” de possíveis utilidades nos lixões das cidades. Com isso, um olhar sobre a questão da limpeza urbana pode dizer muito sobre a saúde pública e, conseqüentemente, sobre o seu processo de desenvolvimento socioeconômico (SALVADOR, 2007 p.89).

Com base nos censos de 1991 e 2000, apresentados pela SEPLAM, a coleta de lixo na Bahia apresenta taxas de atendimento aos domicílios inferiores a média nacional, em 1991, enquanto o Brasil apresentava uma taxa de 63,80% dos domicílios com lixo coletado, no estado a taxa era de 41,01%. Em 2000, o país possuía 79,01% de atendimento, enquanto a Bahia apresentava 61,67%, índice este inferior à média nacional de 1991.

A partir dos mesmos censos, foi analisada a situação de Salvador, onde, em 1991, 78,36% dos domicílios tinham seu lixo coletado, enquanto, em 2000, a taxa de atendimento chegou a 93,42% dos domicílios. De acordo com a SEPLAM, há mais de 10 anos a capital apresenta índices de atendimento do serviço de coleta acima da média nacional (em 1991 de 63,80% e em 2000, 79,01%), apresentando uma produção diária de 2.500 toneladas de lixo. Para a Secretaria de Planejamento do município de

Salvador, a existência do serviço de coleta não é suficiente para determinar que a disposição do lixo seja adequada.

O lixo pode causar grandes problemas, como os já salientados anteriormente, principalmente quando destinado de forma inadequada. São conseqüências que recaem consecutivamente sobre quem o produz. Dentre as diversas problemáticas, pode ser citado o aumento do índice de proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*, que transmite uma virose, através da picada da fêmea contaminada, popularmente conhecida como dengue que pode se manifestar de duas formas: a dengue clássica e a dengue hemorrágica (SÃO PAULO, 2008).

Abaixo são citados alguns dos sintomas que identificam e diferenciam as formas de contaminação da dengue:

A chamada dengue clássica aponta um quadro clínico variável. Dentre os sintomas, estão febre, que pode chegar a 40 graus, além de dor de cabeça e nas articulações. Os infectados ainda se queixam de falta de apetite e indisposição. Já a forma mais temida da doença, dengue grave, ou hemorrágica, como é conhecida vulgarmente, provoca baixa pressão arterial e sangramentos podendo levar o paciente à morte (SOUZA, 2008, [s n]).

Segundo a Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB), o número de casos de dengue clássica, nos primeiros quatro meses do seguinte ano, chegou a pouco mais de 30% do total observados no ano anterior, o que representou, cerca de 18,4 mil, contra aproximadamente 14,1 mil registrados no estado da Bahia, durante todo o período de 2007 (SOUZA, 2008).

Este problema de saúde pública pode ter como uma de suas causas os hábitos do mosquito e da população, a forma e rapidez com que se prolifera e disposição incorreta do lixo por parte das comunidades.

O *Aedes Aegypti* nasce e se reproduz em água parada, limpa, dificilmente é encontrado a mais de 100m das residências. Para pôr seus ovos, a fêmea é atraída principalmente por recipientes com boca larga, que estejam em locais sombreados, por exemplo, pratinhos de vasos ornamentais, vasos de plantas aquáticas, recipientes como garrafas, latas, pneus expostos ao sol e chuva, caixa d'água sem tampa, entre outros, depositados nas bordas dos recipientes. As temperaturas mais altas é o maior estimulante da oviposição (São Paulo, 2008).

No Próximo capítulo, que apresenta a análise da comunidade³ de Narandiba, serão abordados outros problemas urbanos vinculados à disposição inadequada do lixo.

³ O termo comunidade é definido por Bauman (2003) como um “tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir”. BAUMAN, Zygmunt. Trad. Plínio Dentzien. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, 2003 p. 9.

3 ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DE NARANDIBA

3.1 Diagnósticos: Conhecendo o perímetro considerado

Localizada entre os bairros do Cabula VI, Doron e Tancredo Neves, Narandiba é um dos subdistritos de Salvador, composto de duas vias principais, a Av. Edgar Santos e Silveira Martins, que a interliga com o bairro do Cabula e a Av. Paralela. A atual comunidade surgiu nas imediações destas duas localidades a partir de pequenas invasões.

O nome Narandiba tornou-se conhecido após a elaboração do Projeto Narandiba, elaborado pela Companhia Estadual de Desenvolvimento Urbano (CEDURB), no final dos anos 70, durante a gestão do então governador Roberto Santos. (SALVADOR, 1976)

A área destinada ao projeto era constituída pelos núcleos do Beiru, Engomadeira, Saboeiro, Dois Irmãos e Barreiras, os quais, neste período, compreendiam uma população de, aproximadamente, 20 mil habitantes, selecionada como local compatível para efetivar as tendências naturais de expansão da cidade e da Região Metropolitana que ocorriam naquele momento (SALVADOR, 1976).

O governo Roberto Santos, com o intuito de articular o projeto ao processo de desenvolvimento urbano que ocorria naquele momento, identificou, como objetivos prioritários, a minimização do déficit habitacional, recuperação de áreas em condições sub-normais, implantação de equipamentos metropolitanos necessários á realização individual e do desenvolvimento social (SALVADOR, 1976 p. 1).

Os objetivos foram considerados de grande importância para tal contexto, mas não suficientes para que o projeto obtivesse êxito, como pode ser constatado na citação:

Narandiba foi o nome do megaprojeto com que o governador Roberto Santos pretendia, no final dos anos 70, criar uma extensa área urbana, “uma nova cidade” para famílias de trabalhadores de baixa renda, ao lado da Av Paralela. O projeto, no entanto, fracassou, depois que a Avenida Edgar Santos foi invadida. Na área determinada para se criar a nouvelle village imaginada pelo urbanista francês Jean Emmanuel, foram erguidos, na década seguinte, os conjuntos habitacionais Doron, Cabula VI e Saboeiro ganharam status de bairros independentes, onde vivem hoje cerca de 20 mil pessoas (NETO, 2001, p. 4).

A planta que segue apresenta a área escolhida para objeto de estudo, local onde se encontra o maior fluxo de pessoas que desenvolvem atividades voltadas para coleta

seletiva do lixo como fonte de renda (No anexo E, sua imagem aérea pode ser visualizada).

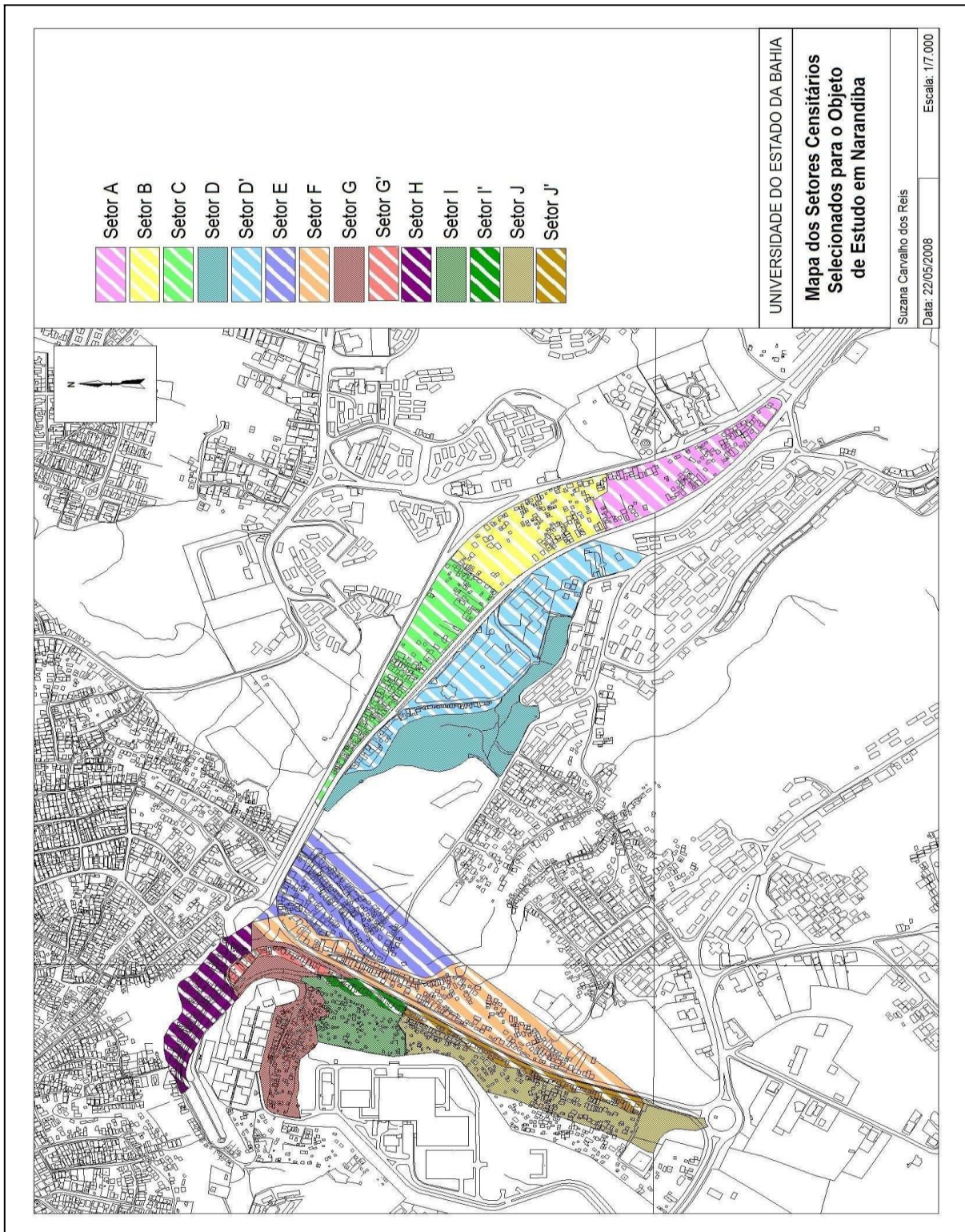


Figura 3.1 – Mapa dos setores Censitários selecionados para objeto de estudo em Narandiba, segundo dados do IBGE, 2000. Escala: indefinida.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

A fim de levantar as principais características sócio-econômicas de Narandiba, foram tomados como base os dados censitários elaborados pelo IBGE em 2000, representados na figura 3.1 e identificados pelas letras alfabéticas de A a J. As áreas rachuradas referem-se as regiões mais densas dos setores.

Constatou-se, no local, um fluxo diário de indivíduos percorrendo as caixas coletoras, situadas às margens da via Edgar Santos e a caminho do depósito, onde os materiais são comercializados. A partir da tabela 3.1, pode-se analisar a população e a densidade da área de estudo no contexto municipal:

Tabela 3.1 - Demonstrativo da população e densidade de Salvador, AR XII e Narandiba, referente ao Censo Demográfico, 2000.

LOCAL	POPULAÇÃO ANO	DENSIDADE (hab/ha)
	2000	2000
Salvador	2.443.107	75,29
AR XII	188.444	122,68
Narandiba	8.792	0,33

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base nos dados do IBGE - Censo Demográfico 2000.

É possível inferir, a partir da tabela 3.1, que a população do perímetro de estudo em Narandiba representa aproximadamente 4,7% da população que constitui a região administrativa da qual faz parte, com uma densidade de 0,33 habitantes por hectares. Uma população de 8.792, dos quais 51% (4.487) é do sexo feminino⁴, distribuída em área equivalente a 294.604 hectares. Não foi possível determinar quantos exercem a atividade de catadores, o que necessitaria de um estudo mais detalhado.

Estão dispostos a seguir, respectivamente, os seguintes índices: faixa etária da população, nível de escolaridade, distribuição de renda e acesso à infra-estrutura, vale ressaltar que todos os dados estão dispostos levando-se em consideração os setores censitários.

A seguir, pode-se observar, de forma mais detalhada, como está disposta a faixa de idade da população referida.

⁴ Cálculo determinado pelos dados do IBGE, censo 2000.

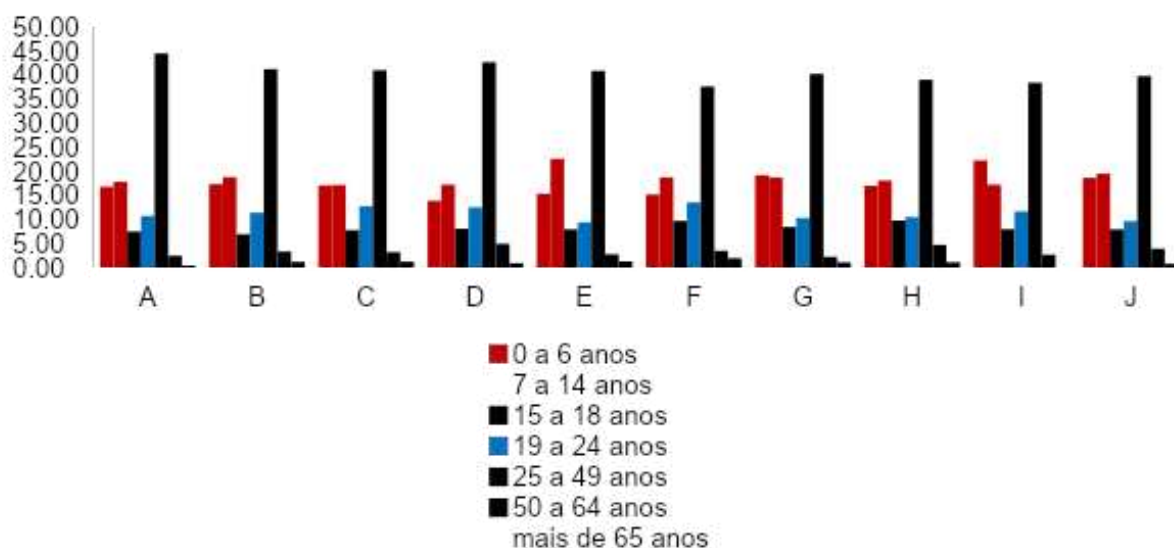


Figura 3.2 – Faixas de Idade determinadas a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

Atráves da figura 3.2 pode-se perceber que a população do perímetro em estudo é eminentemente adulta, com aproximadamente 50% das pessoas com idades acima de 24 anos, o que a classifica como uma população economicamente ativa.

Levando-se em consideração o contexto municipal que apresenta Salvador, como uma das capitais com os maiores índices de desemprego do país, pode-se deduzir que considerável parte dessa população pode estar inserida na massa desempregada, exercendo, como na maioria dos bairros das grandes capitais do país, atividades consideradas informais, a exemplo dos catadores de materiais recicláveis.

A partir de um contato maior com os catadores, foi evidenciado que, na maioria dos casos, os mesmos realizam a atividade por falta de oportunidade no mercado de trabalho, fator reconhecido entre eles, e que se encontra cada vez mais concorrido e exigente.

No que diz respeito às faixas etárias dos catadores, foi observado durante as visitas ao depósito, onde se contactou o maior fluxo de pessoas, que a maior parte dos que frequentam o local se inserem na faixa de 25 a 49 anos, valendo lembrar que também foram verificados os fluxos constantes de crianças e idosos, fato demonstrado pelas figuras 3.3 e 3.4.



Figura 3.3 - Catadora a caminho do depósito, pertencente a faixa etária de 50 a 64anos. Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.4 - Criança que ajuda a mãe desempregada a realizar a coleta e vender o material, pertencente a faixa etária de 7 a 14 anos. Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008

A figura 3.5 apresenta os percentuais referentes à quantidade de anos de estudo, ou seja, o nível de instrução da população por setor.

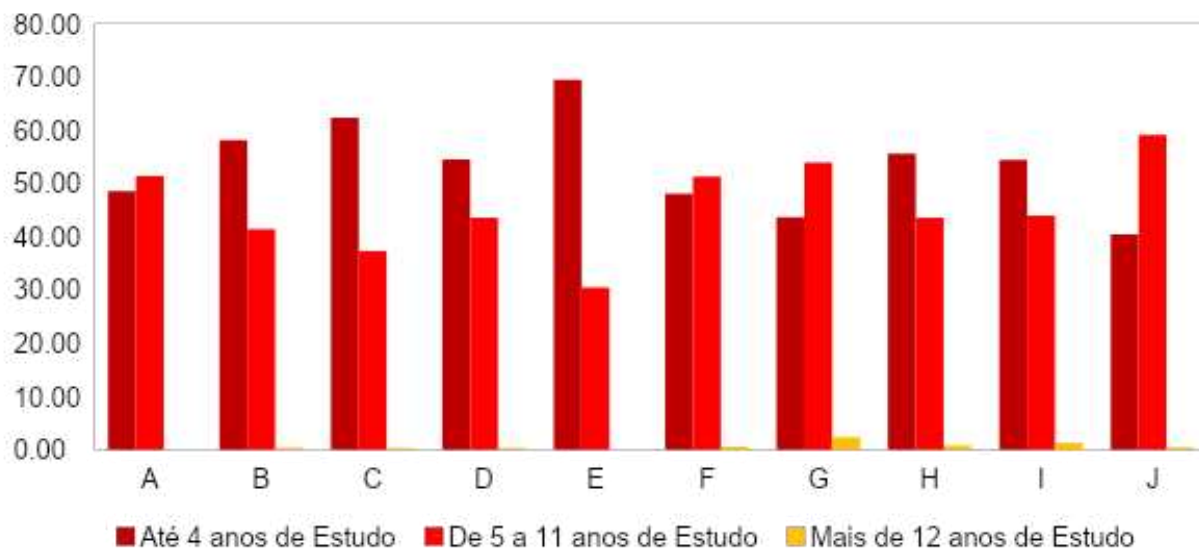


Figura 3.5 – Anos de estudo, do responsável pelo domicílio particular permanente determinado a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

Como pode ser visualizada no gráfico, a população que faz parte do perímetro em questão apresenta um baixo índice de escolaridade, o que a caracteriza como uma população com baixa instrução.

Essa situação pode ser associada aos indicadores de renda demonstrados na figura 3.6, o que é bastante comum em países como o Brasil e principalmente no estado da Bahia, onde os baixos índices de escolaridade ocorrem, em grande parte, pelo fato de muitos indivíduos interromperem os estudos pela necessidade de trabalhar.

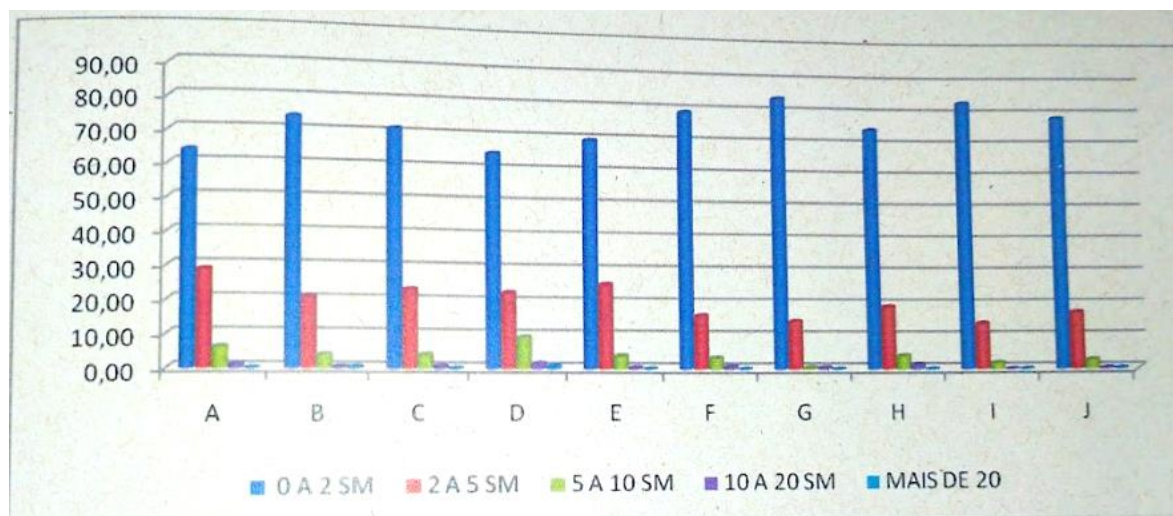


Figura 3.6 - Renda do responsável pelo domicílio particular permanente determinada a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

Como pode ser percebido, quase que 50% da população da comunidade não chegou a cursar o ginásio, não sendo possível determinar, no entanto, quantos conseguiram concluir o ensino médio.

A partir da figura 3.6, percebe-se que mais de 60% da população recebe até 2 salários mínimos, situação que inclui aqueles que não chegam a receber até mesmo 01 (um) salário. Em alguns casos, como nos setores G e I, este índice chega há um pouco mais de 80%, ou seja, uma comunidade considerada de baixa renda, constituída de poucos (menos de 30%) que recebem acima de dois salários mínimos.

Em localidades com características semelhantes às de Narandiba, é comum identificar dados estatísticos que não favorecem para uma boa qualidade de vida, no que diz respeito tanto à infra-estrutura quanto a habitação, saúde e educação. Isso pode ser explicado pelo fato de não contarem com condições financeiras suficientes para manter tais necessidades como a serviços básicos de qualidade que minimizem a situação existente.

No que se refere à infra-estrutura, sistema marcante em uma comunidade e comumente utilizada ao se determinar a qualidade de vida de uma população, foram

tomados para análise os dados referentes ao acesso a serviços básicos de abastecimento de água (figura 3.7), à rede de esgoto (figura 3.8) e à coleta de lixo (figura 3.9).

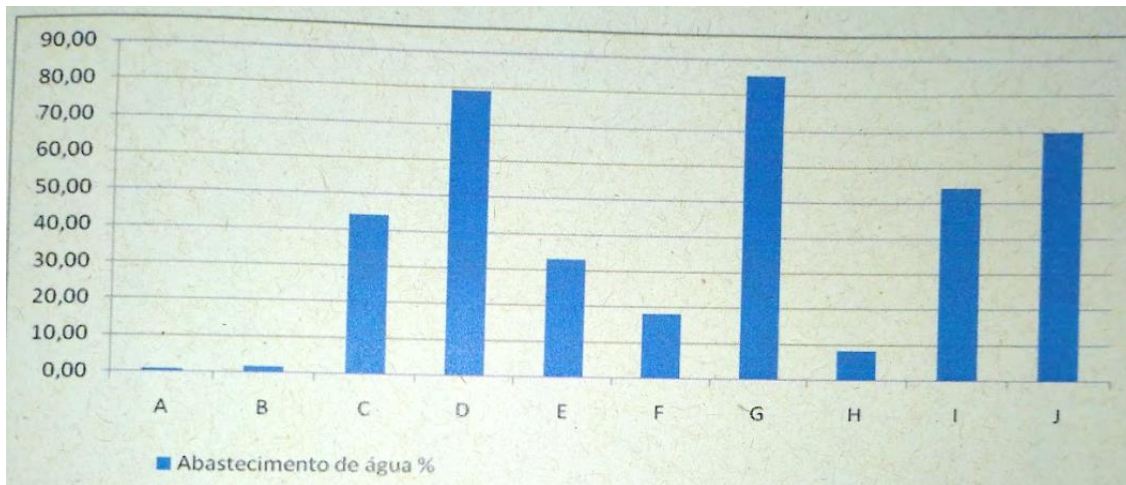


Figura 3.7 - Abastecimento de Água determinado a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

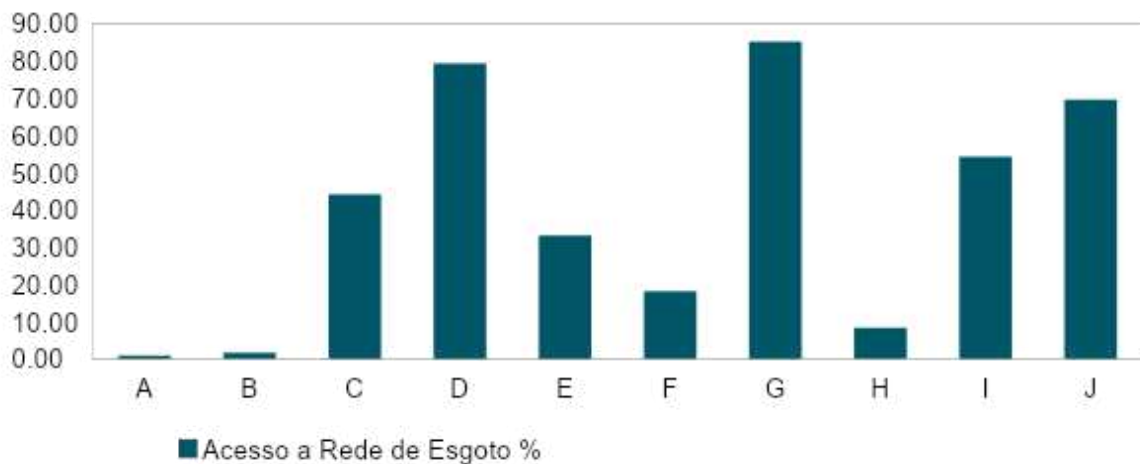


Figura 3.8 - Acesso ao sistema de esgoto, determinada a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

Os setores A e B, representam as maiores densidades (junto ao J) e os piores indices de acesso ao serviço de saneamento básico (com exceção ao J), sendo a falta de infra-estrutura vinculada ao acesso à rede de esgoto sanitário, seu principal problema.

Os dois setores estão localizados no canteiro central, com trechos de difícil acesso, com declividade acentuada, o qual tem seus problemas intensificados nos períodos de chuva, quando ocorrem constantes alagamentos.

No que se refere ao serviço de coleta, sua disponibilidade encontra-se representada no gráfico da figura 3.10:



Figura 3.9- Acesso ao sistema de coleta de lixo urbana, determinado a partir de dados referentes aos setores censitários, IBGE, Censo 2000.

Fonte: Elaborada por REIS, S. C., 2008, com base em dados cedidos pelo Informs, CONDER, 2008.

Como podem ser observados, os setores A e B, assim como os demais, não enfrentam muitas dificuldades no que diz respeito à coleta de lixo, mesmo estando localizados em região desfavorável, o que dificulta a ação dos funcionários da limpeza urbana. Apresentando um dos melhores índices de acesso, a população destes locais é beneficiada por estar próxima à via principal, a Av. Edgar Santos. Contando com o serviço constante de coleta, além de possuir um total de 4 caixas coletoras espalhadas no entorno dos mesmos.

O setor H apresenta o menor índice de acesso, o que pode ser determinado por estar localizado em área mais interna, mais distante das principais vias em relação aos demais, sendo um local onde o lixo é destinado em um ponto fixo e que é visto como um dos problemas mais antigos.

Já o setor J, que apresenta a maior população considerada, tem o serviço dificultado pelo fato de grande parte de sua população estar em área de difícil acesso,

onde o carro compactador não pode entrar, sendo beneficiada apenas a faixa que margeia a Av. Edgar Santos, sentido Hospital Roberto Santos, que conta com a coleta porta a porta. (faixa representada na legenda pela letra J')

No que se refere à questão habitacional, há em Narandiba dois tipos de moradia predominantes: a considerada institucionalizada, formada pelos conjuntos de apartamentos e a que foi fruto da invasão, sendo que “ambas acabaram sendo valorizadas, na medida que a cidade cresceu naquela direção” (ROCHA, 2002 p. 4). Já no que se refere ao atendimento de serviços, é contemplada com prédios importantes como, a sede da Conder, da Coelba, o Detran, a 23ª Campanha Militar, além de estar próximos ao Hospital e Roberto Santos Odebrecht e contar com o fácil acesso ao Complexo Iguatemi.

A partir da entrevista realizada com Sr. Edson, 41 anos, um dos moradores mais antigos da comunidade (mais de 21 anos no local), foi possível identificar alguns dos principais problemas enfrentados por esta comunidade.

Sr. Edson atualmente colabora como motorista no trabalho realizado pelo depósito de materiais recicláveis da região. Considera sua atividade importante por estar contribuindo com a cidade, ao limpar as ruas, minimizando os problemas causados em decorrência da disposição inadequada do lixo. Segue sua resposta quando indagado sobre a importância do trabalho que realiza:

Eu dou uma força ao homem aí para adiantar o lado, para limpar, porque se não limpar, minha filha, aí, da periferia, vem rato, barata, todo tipo de inseto que não presta, principalmente a dengue, né? Se não fosse essa reciclagem, quantas garrafas estariam por aí? Quantas reciclagens desta tem dentro da periferia de Salvador? Se ninguém reciclasse isso, como traria? Já analisou isso? Seria montanha de papelão, montanha de Pet. A reciclagem é uma coisa que ajuda a diminuir, ajuda de um lado e arruma empregos para outras pessoas. (ENTREVISTA, n. 8, 2008)

Ao ser perguntado sobre a relação do lixo com os alagamentos e consequências enfrentadas pela população quando ocorrem às intensas chuvas, Sr. Edson toca em um ponto fundamental, quando considera o papel da comunidade, questão bastante discutida inicialmente. Seguem suas colocações:

O brasileiro em si tem que se educar, nós não, que já temos uma educação totalmente diferente, que se nós pega um sofá, nós joga no lixo, ali no container, eles não, eles jogam dentro do canal, ali tiram fogão, geladeira, bicicleta, armário, ali tira de tudo quando chove, quer dizer que a água entrou e tirou de dentro de casa para levar para lá? Não! A água não entrou [...] e se não fosse o catador? É o que tô te dizendo. Eu peguei montanhas de papel, de garrafa, porque antigamente quando não tinha reciclagem, em 78, por aí assim, à beira da praia, ali no Stiep, e no rio das tripas, tirava no mínimo, no mínimo, 18 caçambas de lixo, era brincadeira? Eu rodava na praça nessa época. Eu tirava 18 caçambas da li, usando máquina trator, e aí fica difícil (ENTREVISTA, n. 8, 2008).

Sr. Edson também comenta como era Narandiba há 20 anos. Sua colocação remete-nos a imaginar o processo de transformações ou evolução pelo qual passou o local e a deduzir, sob diferentes ângulos, o estágio de desenvolvimento em que atualmente se encontra a região, ao percorrer suas ruas.

Quando eu cheguei aqui não rodava nem ônibus aqui, não rodava ônibus não, estava construindo o Cabula VI e o Hospital Roberto Santos, quando eu cheguei agente pegava Tancredo Neves (ônibus) soltava no Alto do Macaco e vinha andando para aqui, não tinha carro direto, a gente vinha até o 19 BC e pra vim para cá, pegava outra condução, a estrada ali nas Barreiras, era toda de barro cheio de nativos de um lado e de outro, de manhã, quando você passava assim, tinha umas 6, 7, 8 cobras que os carros matavam, quer dizer que em consideração ao que a gente já passou, estamos no paraíso hoje (ENTREVISTA, n. 8, 2008).

Quando questionado sobre os principais problemas enfrentados pela comunidade, Sr Edson deixa de lado a falta de infra-estrutura sanitária. Porém, este é um problema facilmente diagnosticado, bastando entrar em algumas de suas travessas, casas sem ligações sanitárias adequadas, muito próximas aos canais ou a esgotos a céu aberto, exposto aos variados tipos de vetores comumente conhecidos, provenientes do esgoto e do lixo. Tal ação pode ser constatada em sua resposta:

Eu acho que os principais problemas aqui hoje em dia é a droga, porque, estava até comentando ontem, porque daqui a dez anos quem tem filho não vai poder mais controlar, você chega num evento e você fica de longe observando, 50% das pessoas que estão no evento usam drogas, você pega um ônibus hoje, um coletivo, você olha assim, você vê os meninos novos, você olha para cara e diz aquele ali é usuário de droga não tem jeito, não tem jeito (ENTREVISTA, n. 8, 2008).

Assim como foi exposto por Sr. Edson, as drogas e, conseqüentemente, o aumento da violência na cidade é o que vem amedrontando atualmente a população, não só as que residem no subúrbio, em bairros pobres como o subdistrito de Narandiba, mas também áreas nobres, como Pituba e Itaigara. São índices de violência altíssimos, assassinatos que ocorrem, principalmente, durante os finais de semana.

Narandiba se encontra entre as localidades que apresentam os maiores índices de violência, cercada por Tancredo Neves e Engomadeira, considerados recentemente como o bairro mais violento e o de maior tráfico de drogas, respectivamente. Em 2007, Tancredo Neves registrou 216 homicídios, passando a ser considerada a área mais violenta da cidade (JORNAL NACIONAL, 2008).

Segundo a Secretaria de Segurança Pública da Bahia, o aumento do número de homicídios na capital esta associado a dois fatores: a exclusão social e o tráfico de drogas.

Dois problemas provocam o aumento no número de homicídios: a exclusão social, que deixa o jovem sem oportunidades de emprego, e o tráfico de drogas, que acaba atraindo exatamente esses jovens que são hoje as maiores vítimas de crimes violentos (JORNAL NACIONAL, 2008 s. n).

A seguir, a opinião do Sr. Edson sobre a relação entre o uso de droga e o aumento da criminalidade:

Exatamente, a polícia vem à polícia só vem aí, ela entra ali na rua de barro (Tv, Águas Cristalinas), chega ali na frente onde o usuário de drogas e o vendedor não estão, abordam as pessoas ali, inclusive essas semanas levaram uma menina lá que não tinha nada a ver, que estava no barzinho, toda vez que vem, eles só param no barzinho, porque não vão lá dentro? Porque eles não vão lá dentro, aí dentro fazer uma limpeza, lá dentro? Você acha que quem está vendendo drogas vai ficar aqui na beira de uma pista onde toda hora está passando carro da polícia, policial e tudo? Porque policial é igual à formiga só quer andar na trilha, eles não vão para lá pra dentro, eles são covardes neste ponto ai são covardes, eles tem o poder de andar, mais lá dentro eles tem medo [...] nós que é morador, nós vai, mais eles não vem, se você entrar ali agora, se você não encontrar dez pessoas ali, usuário de droga eu mudo meu nome, quem ta acabando com o mundo e vai acabar com o Brasil é a droga. (ENTREVISTA, n. 8, 2008)

No que se refere ao serviço de limpeza urbano prestado a comunidade, Sr. Edson, assim com outros moradores, considera que o serviço não causa tanto incômodo, não tendo, segundo o mesmo, motivo para reclamar. O principal problema relacionado ao lixo é causado pela própria comunidade, ou seja, por grande parte da

população local, que o dispõem de forma incorreta, a exemplo do que ocorre na Tv. Águas Cristalinas, onde o lixo é jogado no chão, próximo ao canal, onde caem muitas vezes, mesmo contendo duas caixas estacionárias no local. Este fato pode ser visualizado nas figuras que seguem.



Figura 3.10 Lixo jogado no chão, a margem do canal, por alguns moradores, Tv Águas Cristalinas.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.11 Lixo disposto de forma inadequada por alguns moradores, Tv. Águas Cristalinas.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.12 - Canal que liga Tv. Luis Cabral a Tv Águas Cristalinas. Presença de resíduos sólidos.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.13 - Presença de resíduos sólidos e sinais de sedimentação.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

São problemas, expostos nas colocações de Sr. Antonio, representante da comunidade, durante a entrevista, quando cita alguns dos benefícios e malefícios da atividade do catador. “É importante para não deixar o lixo nos terrenos baldios, no rio

(canal), que vai parar no mar, que prejudica a gente, para evitar ratos, a dengue, os insetos e não prejudicar o meio ambiente”. Ou seja, a disposição inadequada do lixo pela população, pode determinar conseqüências para a região, como inundações das ruas e casa nos períodos das chuvas, devido a obstrução dos canais e a ploriferação de doenças, provenientes do aumento da população de ratos, baratas e mosquitos, expondo a comunidade à contaminação ou doenças como a dengue e a leptospirose.

Os fatos anteriormente constatados não consideraram apenas as informações prestadas por Sr. Edson e Sr. Antonio Reis, que moram em frente ao local reservado à destinação do lixo. Alguns fatores podem ser confirmados por meio de observações realizadas pela autora, diariamente, durante seus percursos pelo local, nos quais, por exemplo, foi possível verificar o trabalho das empresas Torre, Vega e JG, as quais realizam a coleta no local, dividido por setores. A respeito disso, Sr. Edson relata:

Nesse ponto aí é suficiente isso aí a gente não pode reclamar aqui. Aqui, nessa área, todo o dia ele pega uma carga de lixo. Lá na rua, todos dias o caminhão entra, inclusive agora, eles estão vindo até os domingos, que antes eles não vinham no domingo, eles vem todos os dias, quando tem uma quantidade de lixo excessiva eles trazem uma caçamba, pegam três quatro caçambas, enche as caçambas e levam (ENTREVISTA, n. 8, 2008).

Abaixo, pode-se verificar a posição de Sr. Edson ao ser realizada a seguinte pergunta: O Sr concorda que mesmo o caminhão do lixo passando todos os dias, a rua ainda continua suja? E que o principal culpado é a própria comunidade, que não joga o lixo no local adequado?

Exatamente. Você vê que a prefeitura bota o funcionário, é igual você dizer assim, minha vó dizia assim - olhe meu filho quando você for montar um negócio monte na trilha da formiga -, a trilha da formiga é isto aqui, a rua que tem movimento, de coletivo e etc, agora se você monta um negócio lá dentro, você esta esquecido, você só vai vender a comunidade ali, tá entendendo? Aí a prefeitura chega até ali no portão do Juliano (Hospital Juliano Moreira), varreu ali, olha para lá vê tudo sujo vai embora, eu digo isso porque eu canso de ver eles fazendo isso lá, cadê? Por que eles não botam dois homens para varrer daqui até na igreja lá em cima? Porque não coloca dois homens para fazer a manutenção na rua toda, até a caixa de lixo? Isso eles não fazem, só fazem aqui, aqui tem dois homens trabalhando, mais cadê lá dentro? Porque aqui toda hora ta passando carro da prefeitura, passando carro para fazer vistoria, fica difícil, cada coisa tem seu ponto, tem seus denominadores (ENTREVISTA, n. 8, 2008).

Contudo, tanto Sr. Edson e Sr. Antonio como, de certa forma, outros moradores, reconhecem que os problemas atualmente ocasionados pelo lixo são, em grande parte, provocados pelo comportamento da própria população, ou seja, devido à falta de consciência de muitos moradores, que jogam o lixo em local inadequado.

3.2 O catador em Narandiba

Assim como ocorre em Salvador, ainda não é possível estimar a quantidade de pessoas que realizam a coleta de materiais recicláveis como meio de subsistência, ou possibilidade de complementação de renda, no perímetro de estudo. No entanto pode-se afirmar que tanto em Narandiba, em Salvador como em outras capitais, aumentam a cada dia o número de pessoas que iniciam a atividade, principalmente na condição informal, sem receber apoio de nenhum órgão ou instituição.

Foi observado em Narandiba que grande parte dos catadores trabalha individualmente, quando não estão sozinhos, tem em sua compainha um familiar, realizam a atividade de forma inadequada, expondo-se a riscos de acidentes, por não utilizarem acessórios, como luvas e botas, essenciais em atividades consideradas de alta periculosidade. A partir das figuras 3.14 e 3.15 é possível observar a real exposição destas pessoas ao perigo.



Figura 3.14 – Momento da coleta, sem proteção nas mãos e pés, utilizando apenas uma capa de chuva e um pedaço de madeira para retirar os sacos da caixa coletora. Tv. Águas Cristalinas. Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.15 - Catador realizando coleta, dentro do container, sem qualquer tipo de proteção ou vestimenta adequada. Av. Edgar Santos. Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

Dependendo do local, e até mesmo do bairro onde colem, nem sempre o lixo estará condicionado em sacos plásticos, em muitos casos encontram-se misturados a resíduos orgânicos, alguns em estado de decomposição. Os catadores são expostos a acidentes com materiais cortantes, como vidros e laminas de barbear, ou contaminados, como seringas ou dejetos sanitários, além de estarem em contato com a urina e fezes de animais, como os ratos e, muitas vezes, com cadáveres dos mesmos.

Os catadores não têm acesso a atividades educativas, de socialização, que possibilitem o melhor desenvolvimento do seu trabalho. Esse fato poderá ser percebido nas informações que serão apresentadas a seguir, referentes às entrevistas realizadas com os dois catadores selecionados para análise.

Carlos Antonio do Espírito Santos, foi o primeiro catador de material reciclável a ser entrevistado, será representado pelo código C 1. Com 29 anos de idade, C1 estudou até a 4ª série do ensino fundamental. No momento, encontra-se solteiro e pai de dois filhos. Mora nas proximidades de Narandiba, possui casa própria, a qual foi construída com os resultados de sua atividade como catador de materiais recicláveis. C 1 desenvolve a atividade de catador a 10 anos, a qual é considerada o único meio encontrado para ganhar um pouco mais.

Essa atividade é um meio que a gente tem de ganhar mais do que quem está trabalhando de carteira assinada. Se não tivesse ganhando um pouco mais, não daria para construir minha casa e nem pagar minhas contas. Então, eu larguei de trabalhar de carteira assinada para ganhar um pouco mais. Dá para conseguir dinheiro, viver numa boa. Agora tem gente que não sabe trabalhar, aí fica difícil. Agora eu sei trabalhar, meu modo de trabalhar é juntar, juntar, juntar para depois vender, agora tem pessoas que cata um pouquinho ali e vende logo, aí não sabe trabalhar. (ENTREVISTA, n.1, 2008).

Como pode ser percebido nas colocações de C 1, o que o levou a trabalhar como catador foi a necessidade de ganhar uma quantia que, além de satisfazer suas necessidades alimentares, pudesse pagar suas despesas pessoais, o que não conseguiria se estivesse trabalhando de carteira assinada, recebendo apenas um salário mínimo.

C 1 levanta todos os dias às 6 horas, veste uma calça, uma máscara e sai de casa dando início a seu trabalho, percorrendo as ruas, indo de casa em casa pedindo a vizinhança ou coletando onde encontra, os materiais que podem ser aproveitados, os quais, se não fosse pelo mesmo coletado, teria, na melhor das hipóteses, as caixas coletoras, os frágeis sacos plásticos nas portas das casas e na pior delas, os terrenos baldios. Contudo, o material por C 1 coletado será vendido no depósito e posteriormente destinado à reciclagem.

C 1 percorre, além dos trechos próximos a sua moradia, bairros como: Barra, Ondina e Pituba, onde predomina parte da população com alto poder aquisitivo, locais onde, provavelmente encontra-se uma maior quantidade de material, devido ao alto poder de consumo desse grupo.

C 1 trabalha com mais duas pessoas. Os materiais que mais coletam são a Garrafa Pet, o PP (embalagens plásticas como: vasilha de margarina, frascos de detergentes, shampoo, etc) e o papelão. Juntos conseguem arrecadar uma média de 20 a 25 reais, por dia. Ao final do mês, o valor obtido por cada um, após a divisão, pode chegar a 700 reais, devido, muitas vezes, ao cobre e o alumínio, que possuem um valor mais alto, como pode ser constatado na figura da tabela de preços que segue abaixo.



TABELA DE PREÇOS	
COBRE	R\$10,50
LATINHA	R\$2,40
PANELA	R\$2,70
ALUMINIO	R\$2,40

Figura 3.16 - Tabela de preço pregada na parede do depósito, onde o cobre aparece como material de maior valor.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

Antes de tornar-se catador, C 1 exercia a função de pedreiro, até o momento não tinha conseguido um emprego de carteira assinada. Com o intuito de conferir se C 1 fazia parte do grupo de trabalhadores de materiais recicláveis, que não deixaria a atual profissão se conseguisse um emprego formal, ou seja, com carteira assinada e seus benefícios, fato discutido no capítulo anterior, foi perguntado qual seria sua decisão se tivesse tal oportunidade. O mesmo respondeu: “Exatamente, não, trabalhar duro para não receber nada, né, até achar uma coisa melhor né eu pretendo continuar”. (ENTREVISTA n. 1, 2008)

Inicialmente, C 1 responde, de forma convicta, que não deixaria de ser um catador, mas acaba, posteriormente, afirmando que se conseguisse um trabalho melhor, ou seja, um trabalho através do qual fosse possível receber no final do mês uma quantia maior do que consegue realizando a coleta deixaria a atividade.

Ao ser indagado sobre as dificuldades enfrentadas em sua profissão, C 1 não soube responder, com o objetivo de simplificar a pergunta, a entrevistadora, complementa-a acrescentando a mesma, quais os riscos que, o mesmo, “corria” no momento da coleta e se a considerava segura. C 1 responde da seguinte forma: “Eu acho que é seguro, para mim é seguro”. Ou seja, não considera sua atividade periculosa, pelo fato de ser um dos poucos desse grupo a utilizar máscara e luvas no momento da coleta.

C 1 nunca ouviu falar nas cooperativas ou associações que trabalham com catadores de materiais recicláveis e não demonstrava possuir nenhum conhecimento a respeito das leis vinculadas aos resíduos sólidos e a existência do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis.

Com o intuito de não cometer erros, ao utilizar termos inadequados ao se dirigir aos catadores, o que certamente resultaria no fortalecimento, do que Nunes (2001) denominou estigmatização da pobreza⁵, ao continuar denominando-os catadores de lixo, foi perguntado a C 1 como costumava ser chamado pela comunidade e qual termo considerava correto. Segue sua resposta:

Qualquer nome que colocar vai pegar, eu não ligo para que nome eles colocam (a comunidade), geralmente quando eu passo pela rua muitas pessoas dizem olha o lixeiro!, o catador de lixo! e eu não estou nem aí para eles, muitas vezes aquele que tá falando ali, eu boto no meio onde estou trabalhando, boto ele para catar e tirar dinheiro como eu tiro, ali ele vai se interessar por um lixo que não tem valor, que não tem valor nenhum e eu vou tirar o que tem valor, ele não saberá catar (ENTREVISTA, n.1, 2008).

Ao comentar sobre o termo correto a ser utilizado pela autora em seu trabalho, antes denominado como catador de lixo, C 1 explica: “Na verdade esta palavra é um pouco pesada, todas as vasilhas que eu pego, eu leio a vasilha, reciclável, mais tá certo catador de lixo”. A pergunta foi complementada: Mas você me aconselharia a chamar como? O mesmo responde:

Catador de lixo, mais tem o seguinte, tem outra palavra por cima, reciclável, catador de lixo reciclável, ele cata o lixo mais ele sabe que ali ele vai reciclar e vender, entendeu como é o caso? E não tem jeito, a gente tá pegando no lixo de qualquer jeito, a gente tá separando as vasilhas e o lixo, aí no final das contas, a gente pega o que presta e joga dentro do carro e o que não presta a gente joga lá de novo (ENTREVISTA, n.1, 2008).

Contudo, levando em consideração a dúvida existente desde o momento da escolha do tema a ser analisado, o contato maior com a realidade e principalmente pelo o que foi relatado por C 1, o decidido pela modificação do tema, passando a ser “Catadores de Materiais Recicláveis: reconhecimento e inclusão social, um estudo de caso na Comunidade de Narandiba”, e não mais “Catadores de lixo: legalização e

⁵ Em sua obra – Pedagogia da participação: trabalhando com comunidades, Nunes (2006) utiliza o termo para referir-se á identificação condenatória a priori de uma pessoa ou um grupo. A estigmatização também é vista pela autora como uma relação social.

inclusão social [...], substituindo também o termo legalização por ser constatado, durante o estudo, a necessidade do reconhecimento da importância da atividade, como primeiro passo, antes de se discutir a legalização dos mesmos, o que torna-se possível a partir do estabelecimento de sua inclusão social. Essa foi uma das mais significativas modificações realizadas no decorrer da pesquisa.

O segundo catador entrevistado, o qual será identificado como C 2, foi Ricardo Santana Amorim Santos, 42 anos, nascido em Santo Amaro, onde estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Casado, pai de dois filhos, C 2 é morador do bairro de Sussuarana de onde se desloca para coletar os materiais recicláveis nas proximidades de Narandiba e posteriormente vendê-los no depósito.

As mesmas perguntas destinadas a C 1 foram utilizadas para C 2, acrescentando apenas algumas complementações, o que será visível no decorrer da análise. A primeira pergunta direcionada a C 2 teve como objetivo identificar o motivo que o levou a desenvolver a atividade de catador e quanto tempo a realizava. Segue sua exposição:

Porque quando eu vi que a gente tava ganhando alguma coisa, aí comecei a trabalhar aqui, porque se eu ficasse esperando por emprego eu não ia ganhar nada e todo mundo ia passar fome. Então graças a Deus depois que abriu a sucata, pouco ou muito, estamos levando de tarde o dinheiro para casa, para comprar o rango. Há seis anos estou na atividade (ENTREVISTA, n.2, 2008).

Assim como C 1, C 2 levanta cedo para trabalhar, percorre o bairro do Doron, Cabula e Saboeiro, passando em todos os equipamentos destinados à disposição do lixo, ou seja, de caixa em caixa ou de saco a saco, até chegar em Narandiba, todos os dias, ao contrário de C 1, que escolheu os bairros de classe alta para coletar os materiais. Com C 2, trabalha sua esposa e seu dois filhos de 12 e 15 anos, os quais freqüentam a escola e, segundo o mesmo, disponibilizam tempo para realizar a coleta.

A esposa de C 2 e seus filhos percorrem os bairros de Sussuarana e Pau da Lima. Juntos, realiza a atividade, fato este que possibilitou a construção de sua casa, antes de tábuas, e aquisição de bens duráveis, como uma televisão, um rádio e um DVD.

Quando trabalha o dia todo C 2, consegue arrecadar em torno de 50 reais. Segundo o mesmo, se tivesse um carro-de-mão, esse valor poderia ser bem maior. Assim como C 1, C 2 trabalhava na construção civil, como ajudante de servente.

Quando perguntado se deixaria de ser catador ao conseguisse um trabalho de carteira assinada, o mesmo respondeu: “Ah, com certeza deixaria, sabendo que eu vou levar todo mês o dinheiro da comida dos meus filhos eu deixaria, porque isso aqui é um quebra galho, emprego não tem né? É um quebra galho”.

C 2 que possui todas as características padrão dos catadores de materiais recicláveis, que trabalham por conta própria, informalmente, difere de C 1, que conseguiu aprender, durante os 10 anos de exercício da atividade, técnicas de coleta, como foi possível verificar em suas colocações, principalmente no que se refere a sua segurança, enquanto C 2 revela que não tem tempo de usar qualquer tipo de proteção, realizando a atividade de forma bastante arriscada. A seguir estão dispostas algumas das colocações de C1 durante a entrevista:

Entrevistador - Utiliza alguma espécie de proteção durante a realização da coleta?

C 2 – “Só a palavra de Deus e a força de Deus só, ele protege a gente de tudo”.

Entrevistador - O Sr. já se cortou?

C 2 – “Eu nunca me cortei, porque a gente já tem as manhas já, o papel de coco a gente não pega, onde tem garrafa a gente pendura, a gente tem que ter cuidado teve um colega meu que se cortou assim”.

Entrevistador - No momento da coleta o Sr. rasga o saco?

C 2 – “Não porque a gente vai lá e pega, às vezes a gente usa até a vassoura, se eu pegar e deixar lá o pessoal do prédio vai falar, tá sujando ai?, mas eu pego e coloco no lugar, se algum outro deixa eu também pego e coloco no lugar”.

Contudo, o que se assemelha nas colocações é o fato dos dois catadores, durante toda a entrevista, conceber a atividade como uma forma de gerar renda. Isso possivelmente está relacionado ao alto índice de desemprego na capital, tornando cada vez mais difícil surgirem oportunidades de emprego para pessoas com baixa instrução, em um mercado altamente competitivo, assim como para aqueles que possuem mais conhecimento.

No entanto, o que chama atenção, é o ponto incomum existente entre os dois. Enquanto C 1 apresenta características de percepção maiores que C 2, o que pode ser comprovado com a aplicação das técnicas desenvolvidas durante os dez anos de

trabalho, sem a instrução para tal, o mesmo nunca ouviu falar na existência das cooperativas ou associações de reciclagem, das leis vinculadas a sua ferramenta de trabalho (os resíduos sólidos) ou mesmo o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis, C 2 se comporta, de certa forma, inconseqüente aos perigos que se encontra exposto no momento da atividade, não utilizando qualquer tipo de proteção, muitas vezes nem uma camiseta, demonstra ter mais conhecimento sobre tais questões.

Tal fato revela o quanto é importante o apoio a tais profissionais, até mesmo por meio de instruções básicas a respeito de seu trabalho. A seguir pode ser verificado como a comunidade vê o trabalho desenvolvido por estes e demais catadores, os quais estão diariamente percorrendo as ruas da comunidade, ou seja, como é a relação dos moradores de Narandiba com os catadores? Eles são bem aceitos pela população?

Com o intuito de identificar os “laços” da comunidade com os catadores, ou seja, verificar a existência do reconhecimento⁶ da importância do papel desenvolvido pelos catadores, e até mesmo os conflitos ou preconceito, foi realizada entrevista com um morador a fim de representar a comunidade.

Sr. Antonio Reis, um dos mais antigos moradores de Narandiba, há 22 anos no local, define o lixo da seguinte forma: “É papel, garrafa, resíduo de comida, muitas coisas que se transformam em lixo”. O mesmo descreve os catadores como pessoas que realizam a atividade como forma de sobrevivência, por não ter oportunidade de emprego. Sr. Antonio: “São pessoas que pegam o lixo para sobreviver porque não tem emprego, não tem como trabalhar, a reciclagem é para isso”.

Quando perguntado sobre a forma que poderia ajudar a desenvolver e facilitar o trabalho dos catadores, afirmou: “Colocar o lixo de reciclagem em um saco e dá na mão dele para ele levar, do que ele derramar o lixo na rua”.

Tal posição apesar de apresentar um dos pontos chaves, no que se refere à possível contribuição da população, revela um dos principais problemas apontados por

⁶ Segundo Bauman (2003), “sempre que a questão do” reconhecimento “é levantada é porque certa categoria de pessoas se considera relativamente prejudicada e não vê fundamento para essa privação”. BAUMAN, Zygmunt. Trad. Plínio Dentzien. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, 2003 p. 75.

outros moradores da comunidade, verificado nas conversas informais no decorrer da pesquisa de campo.

Um exemplo que cabe a tal fato é o comportamento de alguns catadores no momento da coleta, retirando o lixo da caixa estacionária, rasgando os sacos, deixando o que não foi aproveitado por eles espalhado na rua, o que, além do aumento da contaminação, acompanha o desconforto visual, situação constatada na Tv. Águas Cristalinas, (limite entre Narandiba e o bairro de Tancredo Neves) local que se encontra diariamente sujo, o que seria de senso comum, considerar que a área não conta com um serviço de coleta adequado, o que, no entanto, não ocorre, pois Narandiba, conta com um serviço de coleta rigoroso, ou seja, que percorre as ruas todos os dias em horários estabelecidos e conhecidos pela comunidade.

Sendo constatados na localidade citada anteriormente, que os principais causadores de tais transtornos são alguns dos moradores, ou seja, a própria comunidade, que não deposita o lixo adequadamente, jogando-o no chão ao invés de destiná-lo as duas caixas estacionárias existentes. Fato demonstrado pelas figuras de 3.10 a 3.13 apresentadas anteriormente.

Como moradora do local, a autora presenciou algumas vezes os funcionários da prefeitura, que realizam a coleta, reclamar da situação, utilizando termos como: “Os moradores daqui são verdadeiros porcos, não enxergam as caixas”.

Um fato a ser destacado é a indisponibilidade de um container maior, pois diante da quantidade de lixo produzido neste setor, as duas caixas tornam-se insuficientes, não sendo esta deficiência, como já foi salientado, o principal vilão. A seguir, a partir da figura 3.17, pode ser constatado que as duas caixas existentes não são suficientes para condicionar todo o lixo produzido na localidade, que além do setor H, que constitui a área de estudo, recebe o lixo de outras regiões.



Figura 3.17 – Momento da coleta convencional, presença de lixo no chão, mesmo existindo 2 caixas coletoras.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

3.3 Os atravessadores em questão

Atravessador⁷ é o nome dado ao grupo que compra os materiais recicláveis dos catadores, pagando, segundo os representantes das cooperativas, valores abusivos, em alguns casos chamados exploradores. Os atravessadores revendem os materiais para as fábricas, indústrias ou para pequenos comerciantes.

Para conhecer as relações dos atravessadores com os catadores foram realizadas visitas ao local (apêndice B) e uma entrevista com o seu encarregado.

Localizado na Av. Edgar Santos, sentido paralela, antes da 23ª Companhia Militar, o depósito utiliza-se de três locais destinados ao estoque dos recicláveis. Um possui três pavimentos, dividindo o segundo, espaço com uma residência, outro, em frente ao mesmo, naquele momento destinado ao estoque de jornais, a outra área, mais distante, abrigava os materiais que já haviam passado pela triagem, prontos para serem transportados.

⁷ Atravessador foi o nome utilizado por representantes de algumas cooperativas de Salvador durante a reunião do Fórum Lixo & Cidadania.

Antonio Carlos, mais conhecido como Carlinhos, nome pelo qual será chamado aqui, trabalha no local há 4 anos. Recebeu o convite do dono para desempenhar a atual função, aceitando, segundo o mesmo, por não ter outra opção.

Segundo Carlinhos, o estabelecimento funciona em horário comercial, nos domingos até 1 hora. Possui 12 funcionários, que recebem R\$150,00, (cento e cinquenta reais) por semana, o que equivale a R\$ 600,00 (seiscentos reais) por mês, contando ainda com benefícios como folga férias e o décimo terceiro salário.

O local é visitado por aproximadamente 150 pessoas, das quais muitas voltam de 2 a 3 vezes no mesmo dia. Alguns dos materiais que são comercializados no depósito aparecem no quadro 3.1. e são apresentados no apêndice C. Os mais vendidos pelos catadores são o ferro, o papelão e os PPs (embalagens plásticas de detergentes, shampoos margarinas, etc), os mais encontrados nas ruas.

Material reciclável	Valor comercial/ Kg
Jornal	0,05
Revista	0,10
Papel branco	0,15
Papelão	0,15
Ferro	0,20
Sopro(P P)	0,50
Pet	0,60
Perciana	0,80
Chumbo	0,80
Antomônio	1,50
Inox	1,80
Alumínio	3,00
Metal	5,00
Motor de geladeira	6,00
Bateria de carro (pequena)	9,00
Cobre	10,50

Quadro 3.1 – Valor dos materiais comercializados no depósito.
Narandiba – 2008.

Fonte: Elaborado por REIS, S. C., 2008, com base em dados fornecidos pelo depósito de materiais recicláveis.

Um fato importante foi à constatação, durante as visitas ao depósito, de que este não mantém relações comerciais apenas com os catadores. Algumas famílias da própria comunidade e de bairros adjacentes, como o Imbui, que possuem renda fixa, ou seja, que não vende os materiais para sobreviver, também freqüenta o local, o qual conta

com a presença constante de pequenos comerciantes que vendem ou compra os materiais e grandes empresas, servindo como exemplo, o depósito da Farmácia Santana localizada na Av. Paralela, outros exemplos podem ser vistos nas figuras que seguem.



Figura 3.18 - Litros de 51, comprados no depósito, por um pequeno comerciante de bebidas.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.19 - Papelão sendo vendido ao depósito pela empresa, Toque da casa.

Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

Melhores detalhes referentes às pessoas que freqüentam o local poderão ser vistos nos relatos de Carlinhos, durante a entrevista, que se encontram no apêndice. Indagado sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo depósito no desenvolvimento de suas atividades, respondeu:

Proteção, preconceito (muito), a prefeitura não deixa, não quer, eles cobram muito o alvará, na verdade a gente tenta registrar mais ela não deixa. Ela diz que neste ponto não pode usar este ponto não pode utilizar tipo de trabalho, são materiais inflamáveis, eles não podem liberar alvará porque de um lado é familiar e de outro também é familiar (ENTREVISTA, n.3, 2008).

Os materiais comercializados pelo depósito são vendidos para algumas empresas que compram para revendê-los diretamente para as indústrias. Ao responder

sobre as relações que o estabelecimento desempenha com as empresas, são revelados os nomes de algumas das empresas⁸ que mantém tais relações comerciais:

Em relação às empresas elas trabalham quase no mesmo esquema que a gente trabalha aqui, só que aqui, a gente trabalha no esquema que atende o cliente, atendendo o cliente que vem da rua e lá nas empresas são os mesmos clientes, mas já é outro tipo de classificação, a gente leva uma quantidade de material para ele, ele vai classificar este material, no caso da Pet, ele vai classificar a Pet todinha pelas cores dela, vai prensar ela e vai levar para outra indústria, no caso do papelão ele vai imprensar todinho e já vai fazer a caixa, no caso do papel branco vai triturar ele todinho e vai olhar, qual o papel que tá bom, que não presta, vai classificar ele, triturar ele todinho e vai prensar e passa para outras empresas. Apenas é uma empresa de um japonês que recebe todo o papelão da região é a empresa mais forte daqui de Salvador, é uma indústria para onde o papelão é destinado, onde é realizado todo o processo com o papelão, a Bahia ecologia, é a empresa que recebe o papel branco, que faz o processo do papel branco e revende e Charles é quem faz a classificação da Pet. (ENTREVISTA, n.3, 2008).

No que se refere à circulação do dinheiro, ou seja, ao fluxo econômico desenvolvido a partir da venda dos materiais no depósito, é afirmado, de forma convicta, pelo encarregado, que o depósito atua na região como um mercado normal, no qual circula mais dinheiro do que qualquer mercadinho do subdistrito.

O fluxo gerado através das relações comerciais não se resume a tais relações. Em alguns casos, como é explicado por Carlinhos, o dinheiro proveniente da venda do material é utilizado, em grande parte, pelos catadores para compra de alimentos. O mercado que vende o alimento irá destiná-lo à compra de novas mercadorias, o que resultará na geração de material reciclável, como, por exemplo, o papelão, que retornará ao depósito através dos proprietários do ponto comercial, seus funcionários ou, em maior número, pelos catadores.

Contudo, além de aquecer o comércio, a atividade desenvolvida pelos catadores ajuda a manter o fluxo econômico, constante, voltando-se para a possível existência de algo semelhante ao que Santos (2004) denominou circuito inferior da economia⁹, e traz

⁸ Além das empresas que serão citadas abaixo, faz parte da relação a Metal Ferros, localizada, segundo Carlinhos, em Simões Filho, que compra os ferros.

⁹ Segundo Santos (2004), o circuito inferior é um produto da modernização, dependente do superior, constituído essencialmente por formas de fabricação não-capital intensivo, pelos serviços não-modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão. Podendo ser definido segundo a fórmula de Lavosier: “Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: USP, 2004.

benefícios ao meio ambiente, evitando que grande parte dos materiais seja destinado ao lixo ou de forma incorreta, quando poderia ser reutilizado.

Carlinhos afirmou que o depósito não recebe nenhum tipo de apoio, seja de órgãos, associações ou ONGs, e não mantém relações com cooperativas de reciclagem, sendo do interesse de “todos” que o mesmo possa tornar-se uma, como pode ser confirmado, na seguinte declaração, quando perguntado sobre a relação do depósito com as cooperativas: “Nenhuma, ainda não, mas o plano é este, todo mundo unido fazer a cooperativa”.

Mesmo demonstrando que um dos objetivos do depósito é tornar-se uma cooperativa, Carlinhos, durante conversas informais, ou seja, que não ocorreram durante a entrevista, demonstrou não ver com bons olhos as ações desempenhadas pelas cooperativas, além de não ser confiável sua confirmação ao referir-se ao desejo de todos.

Para Carlinhos, as atuais cooperativas não são bem aceitas pelos catadores pelo fato das mesmas não pagarem de forma justa o valor correspondente a cada material, o que relaciona com a incapacidade de administração das mesmas.

Levando em consideração a afirmação que fez a respeito do pagamento que deveria ser destinado ao catador, foi indagado sobre como o mesmo era realizado pelo depósito. Foi elaborada a seguinte pergunta:

Os valores que vocês pagam pelos materiais são bem aceitos? Respondendo – “o valor que nós pagamos é o valor comercial de Salvador. E tem o valor do mercado. Como tem muito funcionário, a gente tem que pagar o funcionário também. Então, é uma rotatividade, todo mundo tem que ganhar o seu”.

Segundo Carlinhos, a Companhia de Desenvolvimento Urbano de Salvador (CONDER) esteve no local, realizando uma espécie de cadastramento do pessoal que trabalhava com a catação, afirmando que os ajudaria, disponibilizando materiais como luvas e carrinhos de mão, o que não chegou, segundo o mesmo, a ocorrer. Carlinhos, em uma de suas colocações, ironiza: “acho que ficou no papel, já tem mais de um ano até hoje não apareceu nada, a não ser que eles devem ter feito o projeto e por lá deram sumiço, né”

Com a finalidade de saber como é arrecadado o capital para o pagamento de seus funcionários, foi pedido a Carlinhos que explicasse como os recursos eram gerados:

Ele compra por um preço, em cima desse próprio produto que ele compra que vai vender, ele coloca uma porcentagem, aí essa porcentagem varia de 20 % a 50% em cima desse produto, dessa porcentagem, ele tira o lucro dele e consegue pagar aos funcionários dele todos em dia, por exemplo, ele compra o papelão de R\$ 0,10 a R\$ 0,5 (dez a cinco centavos) passa para quem ele fornece de R\$ 0,20 a R\$ 0,25 (vinte a vinte e cinco centavos), quando passa a R\$ 0,20 (vinte centavos) ele tá ganhando 25%, esse 25% ele consegue pagar o funcionário dele e manter a casa em ordem, às vezes ele consegue tirar uma porcentagem boa, tirar uma boa vendagem, papel branco, aí ele consegue tirar esse lucro em cima disso aí (ENTREVISTA, n.3, 2008).

Durante toda a entrevista, Carlinhos demonstra possuir conhecimentos básicos a respeito do funcionamento de uma empresa, principalmente na qual trabalha o que fica evidente ao afirmar: “isso aqui é como se fosse a Ford da Bahia, é melhor... porque a maioria dos funcionários capacitados são pessoas de fora, os daqui de Salvador acho que não chega a 50%...são todos para pegar no pesado... é que nem isso aqui, tem que ser capacitado”, para Carlinhos, ao se colocar uma pessoa que não possui conhecimentos sobre a atividade da coleta, esta não conseguirá arrecadar 10 reais, enquanto existem pessoas que conseguem por dia de 50 a 150 reais (ENTREVISTA, n. 3, 2008).

Quando perguntado o que deveria ser feito para melhorar a condição dos catadores e dos trabalhadores do depósito, o mesmo respondeu que somente através da legalização, com a liberação do alvará por parte da Superintendência de Controle e Ordenamento do uso do solo do Município (SUCOM). Para o mesmo, se os catadores e funcionários do depósito fossem registrados, teriam, além de uma melhor segurança, acesso a benefícios como o INSS e outras garantias trabalhistas, como já adquirem os funcionários do depósito.

Carlinhos relata que a SUCOM esteve no local por várias vezes, solicitando a desocupação do espaço, informando que tal atividade não poderia ser realizada no local por se tratar de matérias altamente inflamáveis e por estarem em área residencial. Esse fato é reconhecido pelo mesmo e pode-se verificar, ao conhecer seu interior, durante as visitas realizadas.

Trata-se de um local que apresenta em seu entorno residências, com apenas uma opção de acesso, ou seja, uma entrada, com instalações elétricas inadequadas, com alto nível de insalubridade e sem ventilação adequada. O fato mais grave, como foi ressaltado anteriormente, é a presença de grande quantidade de materiais inflamáveis, o que coloca em risco a vida dos mesmos e de quem frequenta o local.

Durante as visitas realizadas pela SUCOM, foram apreendidas um total de 8 balanças, principal ferramenta de trabalho existente no depósito, utilizada para pesar os materiais que chegam a todo o momento. As figuras abaixo apresentam as balanças utilizadas para pesar os materiais.



Figura 3.20 - Balança utilizada para pesar os materiais que apresentam mais volume.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 3.21 - Balança utilizada para pesar materiais leves, como as latinhas e o cobre.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

Para Carlinhos, o depósito possibilita aos catadores uma oportunidade de acumular uma considerável quantidade de materiais, sem precisar percorrer grandes distâncias quando forem comercializar os mesmos, sendo a legalização do depósito, uma das formas de seu trabalho ser mais aceito e mais fácil de ser realizado.

Durante visita realizada em um dos dois locais utilizados pelo depósito para acondicionar os materiais até o momento do transporte, a Sr^a Maria das Graças se oferece a contribuir com a pesquisa. Moradora de quase 20 anos e que, por sinal, mora bem próximo ao local onde se encontra instalado o depósito, fornece as seguintes informações:

O negócio é o seguinte os governadores e os políticos acabaram e destruíram muitas fábricas, muitos campos de trabalho, a maior parte da população está sem emprego, principalmente na maior idade e a juventude também, então temos aqui este depósito que além de limpar o meio ambiente ajuda a fazer o serviço da prefeitura e do gari, fazendo a reciclagem em Narandiba, não é um bom emprego mais ajuda a matar a fome, ajuda na saúde porque através daqui a gente tira dinheiro para comprar remédio pra comprar alimentação, então o governo promete, sabe, mais quando ele faz a pessoa já morreu, então isso aqui ajuda muito mesmo[...] temos esperança de ter aqui em Narandiba uma fábrica muito melhor[...] enquanto estamos trabalhando no lixo ninguém tem tempo, a cabeça vazia, que nem é aí, o que diz a imprensa, quer morrer vá morar em Narandiba, e não é totalmente assim né, todo lugar no mundo acontece isso (ENTREVISTA, n.9, 2008).

Os questionamentos realizados pela Sr^a Maria das Graças revelam sua proximidade com os que trabalham no depósito, principalmente com o seu proprietário, apoiando a atividade desenvolvida por ele como forma de oportunidade de trabalho e sobrevivência da população que se encontra abaixo do nível da pobreza e daqueles que não conseguem emprego, dos jovens e da população que não fazem mais parte da população ativa.

A atividade também é considerada uma forma de evitar delitos ou o uso de drogas, o que fica explícito quando afirma: “enquanto estamos trabalhando no lixo ninguém tem tempo, a cabeça vazia, que nem é aí, o que diz a imprensa, quer morrer, vá morar em Narandiba”.

3.4 Associação e Cooperativa: os casos ACOPAMEC e COOPCICLA

O Plano Básico de Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos de Salvador (PBLU) discutido no próximo capítulo identifica a existência de 15 cooperativas em Salvador, sendo consideradas as demais, iniciativa dos catadores, associações de bairros ou ONGs, em lista formulada pelo mesmo, a ACOPAMEC é uma das entidades que não aparecem.

Segundo a LIMPURB, a partir de 1996 a empresa vem formando parceria com as associações de bairros a fim de apoiar a criação de cooperativas e associações de catadores. Essa ação tem como objetivo difundir políticas públicas voltadas para a

geração de postos de trabalho para as famílias de baixa renda e a minimização da destinação de resíduos sólidos produzidos para o aterro sanitário da capital. No total, são 24 as cooperativas e associações registradas pela Limpurb, instituições sem fins lucrativos, formados por 700 catadores de materiais recicláveis, que têm a atividade como única fonte de renda (LIMPURB, 2008).

A ACOPAMEC foi selecionada para análise devido à inexistência de uma associação ou cooperativa em Narandiba, que desenvolvesse atividades com catadores e por se tratar de única instituição em funcionamento próxima a região estudada. Já a escolha da Cooperativa de Agentes de Reciclagem (COOPCICLA) foi por se tratar da primeira cooperativa a surgir em Salvador, possuindo assim maior experiência no trabalho junto aos catadores.

Foram realizadas entrevistas com os coordenadores de cada instituição, tendo como principais objetivos conhecer melhor as possíveis formas de organização dos catadores de matérias recicláveis e a função que entidades como estas desenvolvem neste processo. Foi entrevistada, Sr^a Maria Alice Santos, bióloga que atualmente coordena o setor de reciclagem e educação ambiental, direcionada aos catadores e a comunidade de Mata Escura.

A ACOPAMEC encontra-se em processo de constituição há um ano, é fruto de uma ação individual, iniciado por uma das líderes comunitárias do bairro, Sr^a Lícia, que junto com algumas colegas decidiram desenvolver um projeto direcionado à reciclagem, realizando para isso o que denominam de catança, recolhendo das ruas todos os materiais que podem ser aproveitados.

No bairro de Mata Escura os catadores autônomos, são conhecidos por catadores independentes, por não terem nenhuma vinculação a associações ou instituições, realizando, como em Narandiba, a coleta de forma inadequada. Tal fato é expresso por Maria Alice na seguinte afirmação: “É com carrinho, é sem carrinho, é com saco, é sem saco, do jeito que eles puderem, nos lixos das ruas, onde se acumulam lixo, nas esquinas...”

Segundo a coordenadora, uma das funções da associação está em desenvolver a educação ambiental, promovendo sensibilização nas escolas e entre os líderes

comunitários, despertando a população para a problemática do lixo e trabalhando em prol da conscientização. Também busca apresentar formas de como tratar o lixo, ou seja, como, separá-lo, destiná-lo ou coletá-lo, e estimular os mesmos a separarem, em suas residências, os materiais possíveis de serem reciclados e doá-los aos catadores. Deste modo, pode-se evitar que os mesmos se exponham aos riscos oferecidos pelo contato direto com o lixo que, como já salientado, em grande parte, encontra-se disposto incorretamente.

A seguir, é possível analisar as declarações de Maria Alice ao ser se perguntar qual o principal objetivo da associação: “Criar condições de trabalho dignas para esses catadores, tanto para trabalhos específicos para reciclagem como condições melhores de vida para qualquer outra área, seja para os filhos, para os idosos que estão em casa, para a família do catador” (ENTREVISTA n. 4, 2008).

A ACOPAMEC possui 14 pessoas cadastradas, mas efetivamente, apenas cinco estão realmente à frente do trabalho, o qual é voluntário e onde todas as decisões são tomadas coletivamente, em reunião, como, por exemplo, para a escolha do responsável, em determinado período de tempo, pelo controle do material coletado pelos associados. Ao final do mês, todo o material é vendido e o valor obtido é repartido proporcionalmente entre os mesmos.

Na COOPCICLA, a entrevista foi realizada com o coordenador Edson. A COOPCICLA surgiu em 1996, a partir da organização de um grupo de catadores, que contou com o apoio da LIMPURB e da Organização das Cooperativas do Estado da Bahia (OCEB). Foi à primeira cooperativa criada em Salvador com o objetivo de realizar a coleta seletiva. Suas primeiras ações foram executadas em alguns bairros, se expandindo posteriormente a outros.

Além dos cooperados, a instituição é formada pela diretoria e o conselho fiscal, como na ACOPAMEC, onde todas as decisões são tomadas em conjunto, através da realização de assembléias, seguindo as normas do seu estatuto.

Atualmente a cooperativa possui 40 cooperados que trabalham interna e externamente, são pagos de acordo com a produção, conseguindo arrecadar em média de 180 a 220 reais por quinzena.

A coleta, realizada pelos catadores cooperados percorre alguns bairros da cidade contando com a parceria de alguns condomínios e empresas, a exemplo, dos condomínios, Aldeia Jaguaribe e Pedra do Sal, a TV Bahia, Banco Real, Ministério do Trabalho e da Fazenda.

A cooperativa, do mesmo modo que a associação, não compra os materiais, diferente dos depósitos. Segundo Edson, a cooperativa coleta realiza a triagem, prensa, armazena e depois os vende, o que, segundo ele, é vantajoso para aqueles que comprem em sua mão, que revendem às indústrias por um preço bem maior. Edson questiona durante a entrevista:

Aí você me pergunta. Por que vocês não vendem diretamente às indústrias? Porque nosso volume é pouco e o nosso pagamento é de 15 em 15 dias, então a gente precisa ter dinheiro para pagar os cooperados, por que se a gente tivesse dinheiro em caixa e pudesse segurar por 2 ou 3 meses a venda para as indústrias seria bem melhor, muito mais vantajoso. A gente não faz a reciclagem por questão de maquinário, nós não temos o maquinário, nós temos uma área muito grande, cedida pela Limpurb. Agente agradece muito né, mas se a gente tivesse o maquinário, a gente poderia manter aqui uma fábrica de plástico, o ganho seria bem melhor, a gente teria um efetivo melhor, não só para eles como quem sabe para os filhos deles, que fossem maiores de idade e poderia estar trabalhando aqui conosco, abriria um campo maior de trabalho (ENTREVISTA, n.5, 2008).

Como podem ser observadas, anteriormente, as cooperativas não compram o material. Este fator e principalmente o desemprego são vistos por Sr. Edson como determinantes para o aumento acentuado do número de depósitos ou ferros velhos pela cidade:

Na realidade a gente não compra os materiais, então eles (os catadores) procuram vender em alguns ferros velhos que já existem em alguns pontos da cidade. Que você sabe, com a onda de desemprego em Salvador, várias pessoas criou os pontos de compra de materiais recicláveis, então Salvador está cheio disso, aqui mesmo você encontra, tem um ponto ali embaixo, já tem outro ali, onde pessoas compram o material e aí ele pega e revende para o atravessador já passa para as indústrias, então na realidade o catador avulso às vezes não tá ganhando o que deveria (ENTREVISTA, n.5, 2008).

Para Edson, os atravessadores são algumas empresas intermediárias, ou seja, que compram os materiais dos depósitos ou ferros-velhos e repassam para as indústrias. Para as cooperativas, o que pôde ser constatado durante a reunião do Fórum Lixo e Cidadania (discutido no próximo capítulo), quando Joilson, representante

da Campanha de Coleta Seletiva de PET e Latinha (CAMAPET), um dos diretores do Fórum, afirma que os depósitos são considerados atravessadores.

No que se refere à forma de organização, algumas diferenças foram observadas quando comparadas as estruturas da cooperativa e da associação, mesmo ambas trabalhando com atividades comuns, como é o caso da coleta seletiva. Maria Alice citou algumas destas diferenças e considerou como a principal a institucional. Os tramites burocráticos são vistos como os mais simples para uma associação do que para uma cooperativa.

Segundo Maria Alice, a burocracia foi o motivo que levou à formação de uma associação, ao invés de uma cooperativa. Outro exemplo citado é a posse de uma área reservada ao desenvolvimento da atividade. No caso da ACOPAMEC, o galpão é emprestado, enquanto na COOPCICLA, o local foi concedido pela LIMPURB.

Contudo, o que se percebe é que a ACOPAMEC, além de iniciar o projeto com os catadores, já possui experiência no ramo da reciclagem. Por exemplo, trabalha com a construção de peças artesanais e produção de papel reciclado, possuindo uma estrutura que pode favorecer o contato do catador com o resultado de seu trabalho, do qual também poderá fazer parte. Já a COOPCICLA possui bastante experiência no mercado da reciclagem, contando com apoio da Limpurb e de grandes empresas, além de possuir uma relação mais próxima com algumas comunidades.

Juntas possuem fatores fundamentais na realização de oportunidades para uma atividade que vem crescendo de forma bastante considerável nos bairros humildes das principais capitais do Brasil a exemplo do subdistrito de Narandiba.

3.5 Inclusão social dos catadores e seu impacto no meio ambiente urbano de Narandiba

O reconhecimento da importância da atividade desenvolvida pelos catadores de materiais recicláveis pode resultar na inclusão social daqueles que ainda se encontram

em condição informal, trabalhando por conta própria, na maioria dos casos em condições inadequadas.

O trabalho do catador passou a ser mais bem conhecido durante as colocações de C 1 e C 2. Quando realizado, sem as devidas precauções, ou seja, de forma que gere riscos para o indivíduo que a realiza como para a comunidade do qual faz parte, pode se transformar em mais um problema urbano. Isso pode trazer graves consequências para a população como um todo, principalmente no que diz respeito à saúde pública.

Contudo, a coleta de materiais recicláveis realizadas pelos catadores como uma estratégia de sobrevivência, proporciona grandes benefícios à sociedade e ao meio ambiente quando realizada adequadamente.

Temas como a importância da atividade dos catadores, os benefícios e possíveis malefícios que pode proporcionar à comunidade e à possibilidade de criação de novas cooperativas são abordados através de quadros comparativos, onde estão dispostos os discursos de alguns dos personagens atualmente envolvidos com a questão dos catadores.

As exposições dos dados são utilizadas com o objetivo de possibilitar deduções sobre os principais impactos que a atividade do catador e sua possível inclusão social podem trazer ao meio ambiente urbano de Narendiba.

No quadro 3.2 estão dispostas as colocações dos catadores, do representante da comunidade e dos coordenadores da ACOPAMEC e COOPCICLA, que avaliam a importância da coleta seletiva realizada pelos catadores para a cidade.

ENTREVISTADOS	POSICIONAMENTOS
CATADOR 1	“É importante, porque a gente limpa a cidade, tá dando emprego, é um dinheiro rápido e está salvando as pessoas até das drogas, ajudando a Limpurb onde ela não passa, não tem tempo de passar por ali e aí a gente passa, eu não vou na usura do dinheiro eu vou na usura de limpar a cidade também”.
CATADOR 2	“Considero, porque consigo meu sustento daqui, depois que abriu essa fábrica aqui, pouco ou muito eu consigo comida para meus filhos, muitos tem vergonha de fazer isso... dizendo ah, eu sou algum lixeiro?,... eu tenho quase 45 anos aqui, sempre ganhando meu trocado e levando para casa, e todo dia estou aqui de novo, todo dia, de domingo a domingo, já fiz minha casinha com isso aqui, minha casa era de tábua,...mas depois eu fiz, eu minha mulher e minha filha e agora lá

	em casa já tenho uma televisãozinha, um sonzinho, já tem sofá... e graças a Deus a gente tá vivo, levando a vida como pode”.
REPRESENTANTE DA COMUNIDADE	“Com certeza, para evitar a sujeira na rua e prejudicar o meio ambiente”.
RESPONSÁVEL PELO DEPÓSITO	“Eu acho muito importante, tá limpando a rua, tá dando emprego, é muito importante, eu mesmo tiro meu pão de cada dia daqui, eu acho muito importante”.
REPRESENTANTE DA ACOMAPEC (setor de reciclagem)	“A atividade do catador autônomo toma para si uma responsabilidade governamental de instância municipal, como tem acontecido com alguns segmentos da sociedade, onde devido a uma carência do serviço público, e à questão socioeconômica de falta de trabalho e renda, a sociedade civil não-governamental, organizada ou não, como no caso dos catadores autônomos, assume responsabilidades e obrigações de outras ordens. No caso dos catadores esta atividade supre uma necessidade e assume uma função social importantíssima. A cidade não dispõe de uma coleta seletiva municipal real, que supra as suas necessidades ambientais e responda aos anseios dos cidadãos que já apresentam consciência para as questões ambientais. A rede que se estende em muitos bairros de Salvador, composta por milhares de cidadãos que por falta de oportunidade de emprego, organiza uma rotina de trabalho baseada em coletar materiais recicláveis e comercializá-los, gerando assim renda para manter sua família, cumpre uma função socioeconômica importantíssima, que inclusive reflete nos índices de desemprego e até de violência do município”.
REPRESENTANTE DA COOPCICLA	“Acho que é importante, agora eles deveriam se organizar melhor, porque existem muitas queixas de moradores, porque na realidade eles chegam, lascam o saco que está com o material, ali dentro às vezes tem alguns pregos, pois há residências que ainda não se conscientizaram para a coleta seletiva, então eles chegam lascam o saco e acaba sujando a rua, isso traz um prejuízo incrível para a Prefeitura, não só para a Prefeitura como para o meio-ambiente, vai manter a rua suja, imunda, as pessoas passam, vê aquilo, daqui a pouco vai tá dando o que? mosca, rato, porque eles deveriam se organizar melhor, porque eles deveriam se organizar melhor se ele abrir um saco daquele e se interessar por algumas latinhas e depois fechasse o saco ficaria tudo limpo, tudo organizado, não é abrir, lascar e largar lá”.

Quadro 3.2 - Importância da atividade do catador para a cidade, 2008.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de informações cedidas através da realização de entrevistas, Salvador, 2008.

Ao analisar as colocações dos catadores (C1 e C2) e do representante do depósito, percebe-se a existência de semelhanças no que diz respeito ao fator que determina a importância da atividade. Tanto C 1 como C 2, acreditam que a coleta, por eles desempenhados, é uma alternativa de sobrevivência, já que a mesma possibilita a realização de suas necessidades básicas, como por exemplo, alimentação e moradia. Assim como Carlinhos (representante do depósito), ao considerar que é uma alternativa de trabalho encontrada pelos catadores e por ele para manter-se.

No entanto, Carlinhos, como C 1, reitera que a função desempenhada pelo catador não se resume apenas à aquisição de renda, sendo também uma forma de contribuir com a cidade, deixando C 1 transparecer que parte de seus colegas, não têm a mesma noção, visando-a apenas como uma necessidade.

O representante da comunidade de Narandiba apresenta-a, de forma indireta, como uma alternativa para a solução dos problemas relacionados ao lixo, o que se percebe quando afirma que sua importância está em manter as ruas limpas. Essa hipótese é válida, ao considerar que, mesmo contando com o sistema de coleta diário, a comunidade continua enfrentando graves problemas, sendo o catador uma peça chave para esta questão.

A ACOMAPEC acentua a responsabilidade do governo perante a questão, considerando ainda a importante função social que a mesma assume. Já a COOPCICLA, revela que os problemas causados pelo comportamento de grande parte dos catadores, no momento da realização da coleta, atualmente sobressaem em relação aos inúmeros benefícios que a mesma pode proporcionar a cidade com um todo.

No quadro 3.3, podem ser observados os benefícios e malefícios, os quais podem ser submetidos à comunidade com a coleta realizada pelo catador. Para isso, foram destacadas as posições dos representantes da comunidade, ACOMAPEC e COOPCICLA.

ENTREVISTADOS	POSICIONAMENTOS
REPRESENTANTE DA COMUNIDADE	“É importante para não deixar o lixo nos terrenos baldios, no rio, que vai parar no mar, que prejudica a gente, para evitar os ratos, a dengue, os insetos e não prejudicar o meio-ambiente. Os pontos negativos? Alguns catadores tiram da caixa, tiram do saco e joga o

	lixo no chão, outros colocam muitos deles jogam no chão e muitos deles botam na caixa coletora”.
REPRESENTANTE DA ACOPAMEC (setor de reciclagem)	“Se não for uma coisa trabalhada, discutida, elaborada, pode trazer problemas de convívio, porque o catador tem necessidade de remexer o lixo, e isso não é bem resolvido na cabeça do cidadão... então as pessoas podem ver com maus olhos, podem criticar, então precisa ter um trabalho de sensibilização, de conscientização, educação mesmo, o catador precisa ser educado de como vai mexer, a realmente não deixar espalhado, a pedir a colaboração das pessoas, que as pessoas entendam que é um trabalho também sócio-ambiental e que não é uma atividade comercial qualquer... o mais importante é deixar claro que a atividade não é comercial que é sócio-ambiental, que tem fatores importantíssimos.... que precisam ser levados ao conhecimento da comunidade”....
REPRESENTANTE DA COOPCICLA	“Benefícios eu acho que esta trazendo para eles, se não visse benefícios eles não estariam fazendo esta coleta, é melhor porque é um ganho que eles têm, geralmente os catadores avulsos nunca querem trabalhar em uma cooperativa, eles querem ter a vida deles independente, soltos, fazer o que eles acham que deve ser, então se ele sai aqui, ele coletar 4 ou 5 quilos de latinha ele chegou ali vendeu, ai para ele já fez o dia, para e pronto, ai vai beber, muitos são viciados em bebidas em drogas, muitos já compram o feijão, uma carne, já leva para casa, para a família, já na cooperativa não, ele tem uma norma onde todos os cooperados já sabem o roteiro daquele trabalho, então a pessoa pega 8 horas, larga meio dia, retorna 13:30 e quando dá 17 horas eles param porque muitos vão para a escola. Então o catador avulso não tem essa obrigação, eles procuram fazer o trabalho deles que acham melhor, se ele acha que deve sair 04h, 05 h da manhã tudo bem, já os cooperados não, na cooperativa não, eles sabem que o horário inicia 08 horas, de 08 até as 12, retornam as 01:30 e termina as 17: horas “.

Quadro 3.3 - Benefícios e malefícios que o trabalho do catador autônomo pode gerar a comunidade, 2008.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de informações cedidas através da realização de entrevistas. Salvador, 2008.

O morador do local aponta questões abordadas anteriormente, tais como o comportamento do catador no momento da coleta, a atitude de rasgar os sacos a procura do material e deixar os resíduos espalhados. Essas questões podem ser negativas no sentido de se constituir em motivos de resistência à aceitação e ao reconhecimento da importância da atividade do catador para a cidade.

A ACOMAPEC reconhece fato que já foi questionado em outros momentos nesta discussão, que se o trabalho realizado pelo catador não for discutido pela sociedade pode ser transformado em mais um problema urbano, não se restringindo apenas a uma questão social.

Segundo a visão apresentada pela representante, esta questão deve ser trabalhada utilizando-se de instrumentos como a conscientização e sensibilização, através da educação ambiental, tanto dos catadores, quanto da comunidade. Isso porque a condição atual do catador não é um problema específico do grupo, mas sim, uma questão sócio-ambiental que reflete na sociedade como um todo.

Já o representante da COOPCICLA considera que o principal benefício da atividade recai sobre os mesmos, por ser uma alternativa que possibilita a geração de renda. Em suas colocações, ressalta uma questão importante, quando insinua que a principal vantagem, considerada pelo catador, está em não seguir determinações, ou seja, serem independentes, não seguindo normas como as que existem na cooperativa. Revelando assim, em seu discurso, mais uma questão que deve ser levada em consideração antes de se propor qualquer tipo de instrumento de inclusão dos mesmos no mercado de trabalho.

A partir do quadro 3.4 podem ser analisados os argumentos das instituições no que se refere a uma das primeiras e principais alternativas especuladas ao se discutir a inclusão dos catadores, a implantação de novas cooperativas.

ENTREVISTADOS	POSICIONAMENTOS
REPRESENTANTE DA ACOPAMEC (setor de reciclagem)	“Acho super positivo a comunidade tentar organizar-se institucionalmente, essa consciência da organização institucional é muito importante”.
REPRESENTANTE DA COOPCICLA	“Eu não vou dizer que sou contra, mas acho que deveria pegar as cooperativas que já existem, como é o caso que aconteceu com a Coopcicla, alguns anos atrás tínhamos coleta no Rio Vermelho, Amaralina, Pituba, Stiep, Costa Azul, Itaigara, Caminho das Árvores, deixamos de fazer por causa de pessoas que surgiram nesse governo agora e acharam de criar novas cooperativas dentro desta área, então acho que eles deveriam fazer o que? Em primeiro lugar saber quem era a cooperativa que estava naquela área, sentar conosco, e a gente tentar criar esse quadro e poder absorver algumas pessoas que fossem até pessoas que morassem dentro desta área, não criar cooperativas sem dá estrutura”...

Quadro 3.4 - Surgimento de novas Cooperativas uma alternativa?, 2008.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de informações cedidas através da realização de entrevistas. Salvador, 2008.

Para Alice, representante da ACOPAMEC, o surgimento de novas cooperativas indica um passo importante na construção de um processo de organização e participação da comunidade. Para a COOPCICLA, tal alternativa pode não resultar nos objetivos esperados, o que ocorreu com a própria instituição, situação determinada pela falta de planejamento por parte dos gestores.

A partir de tais questionamentos, é possível inferir que se faz necessário a elaboração de uma abordagem mais ampla e articulada, pois o resultado da escolha desta alternativa pode proporcionar inúmeros impactos urbanos, como por exemplo, no próprio ordenamento sócio-espacial da cidade, ou seja, torna-se visível que a possibilidade de implantação de novas cooperativas envolve questões muito maiores, voltadas para os modelos de gestão e planejamento adotados.

4 INSTRUMENTOS LEGAIS: Leis, Decretos, Programas e Ações Instrumentos para Inclusão

Como ocorre com os mais variados setores, há uma divisão de responsabilidades entre os entes políticos no que concerne às competências referentes aos resíduos sólidos. Um exemplo de tal fato é evidenciado pela classificação de competências analisada pelo Secretário Nacional de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano - Luciano Zica - em artigo publicado na Associação Brasileira de Resíduos Sólidos e Limpeza Pública (ABPL) em 2007, destacadas a seguir:

Competências *legislativas* sobre resíduos sólidos

União -> editar normas gerais sobre proteção do meio ambiente, controle da poluição, responsabilidade por danos ao meio ambiente, etc. (art. 24, VI e VIII, CF/88).

Estados -> editar normas em caráter suplementar às da União (art. 24, §2º, CF/88).

Municípios -> suplementares a legislação federal e estadual no que couber (art. 30, II, CF; 88) (ZICA, 2007).

Competências *administrativas* sobre resíduos sólidos

É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e Municípios: proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas e preservar as florestas, a fauna e a flora (ZICA, 2007).

4.1 Lei de Saneamento - nº 11.445

A lei de Saneamento, decretada no dia 5 de Janeiro de 2007, estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico. Dentre os seus princípios fundamentais, encontra-se o manejo dos resíduos, determinado no inciso III de seu primeiro capítulo:

“III - abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos realizados de formas adequadas à saúde pública e à proteção do meio ambiente”; (LEI..., 2007, p.1)

Segundo o Art. 3º desta mesma lei, o saneamento básico é definido como um “conjunto de serviços, infra-estrutura e instalações operacionais, fazendo parte deste a limpeza urbana e manejo de resíduos, definidos na alínea c que segue”.

c) limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos: conjunto de atividades, infra-estruturas e instalações operacionais de coleta, transporte, transbordo, tratamento e destino final do lixo doméstico e do lixo originário da varrição e limpeza de logradouros e vias públicas; (LEI..., 2007, p.2).

A Lei de Saneamento define como resíduo sólido urbano todo o lixo originário de atividades comerciais, industriais e de serviços cuja responsabilidade pelo manejo não seja atribuída ao gerador, podendo sua remoção ser realizada através das seguintes atividades de que compõem (LEI..., 2007, p. 3):

- da coleta, transbordo e transporte dos resíduos;
- triagem para fins de reciclagem, tratamento, pode este ser realizado por meio da compostagem e de disposição final dos mesmos;
- varrição, capinação e poda de árvores em vias e logradouros públicos, entre outros eventuais serviços pertinentes à limpeza pública urbana.

4.2 Programa Nacional Lixo & Cidadania

Lançado pelo Fórum Nacional Lixo & Cidadania, em Junho de 1999, o Programa Nacional Lixo & Cidadania, junto com a Campanha Criança no Lixo Nunca Mais, tem como objetivo central erradicar o trabalho infantil no lixo em todo o Brasil.

A criação do Programa foi um incentivo da Agência das Nações Unidas (UNICEF), que se envolveu como a questão do lixo a partir de 1994, devido a um fato que comoveu a sociedade.

Várias crianças que trabalhavam no lixão de Aguazinha, em Olinda, foram hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido alimentos coletados no lixo. Suspeitava-se que havia carne humana no lixo hospitalar que era depositado a céu aberto sem nenhum controle, junto com os demais resíduos da cidade (ABREU, 2001, p 12).

A intenção do UNICEF foi buscar soluções para o problema de milhares de crianças, as quais juntas os seus familiares, sobrevivem do que catam nos lixões e nas ruas do país.

Os bons resultados apresentados pelos projetos pilotos desenvolvidos em municípios do Nordeste e do Norte do Brasil, assim como outras iniciativas, fizeram com que o programa continuasse atuando, servindo de exemplo para novas experiências.

A 2ª edição do livro – Do Lixo à Cidadania: estratégias para a ação-viabilizada pelo Fórum Lixo e Cidadania, junto à Caixa Econômica Federal, apresentam os objetivos do programa:

Erradicar o trabalho de crianças e adolescentes no lixo, promovendo a inserção de todas essas crianças e jovens na escola e em atividades sócio-educativas complementares.

Inserir social e economicamente os catadores, capacitando-os e apoiando-os no fortalecimento de seu trabalho em programas de coleta seletiva, reutilização e reciclagem do lixo.

Mudar radicalmente a forma adotada para a destinação final de lixo no Brasil, erradicando os lixões, recuperando as áreas já degradadas e implantando aterros sanitários (ABREU, 2001, p.12).

Como pode ser percebido, o segundo objetivo apresentado refere-se à inclusão social dos catadores, o que revela que o Fórum pode ser um importante instrumento nas discussões relacionadas à melhoria da qualidade de vida urbana e, conseqüentemente, das condições de trabalho dos catadores.

Como se sabe, as diferenças regionais, sejam elas físicas ou culturais, determinam diferentes modelos de gestão, que para atuarem com eficácia dependem do nível de articulação entre os diversos setores governamentais ou não-governamentais. Baseando-se nas informações fornecidas por Abreu (2001) tornou-se possível identificar as ações do Programa direcionadas as escalas nacional, estadual e municipal.

Em 1998, foi criado o Fórum Nacional Lixo e Cidadania com o intuito de favorecer a discussão e indicação de soluções para os problemas, relacionados ao lixo (ABREU, 2001).

Uma das frentes de atuação definidas pelo Fórum Nacional e que pode ser considerada como a mais importante dentro do contexto discutido, é a que se refere à

capacitação dos responsáveis pelas ações de controle sócio-ambiental, dos agentes financeiros e das equipes responsáveis pela implantação dos projetos, além da capacitação profissional e formação para a cidadania dos catadores.

No que diz respeito à escala estadual, não há uma regra específica para a formação dos fóruns estaduais. O que não pode ser deixado de lado é a garantia de uma visão integral do problema pelo envolvimento de atores dos diversos setores, sendo um ponto importante à participação de entidades que representam os catadores, pretendendo, com isso, concentrar os esforços, os quais, muitas vezes, encontram-se dispersos, não produzindo os resultados desejados na formulação e implantação das políticas públicas (ABREU, 2001).

Para a autora, os Fóruns Estaduais devem atuar de forma complementar ao Fórum Nacional, com ações direcionadas para:

- Realização de diagnóstico da situação sócio-ambiental dos resíduos sólidos no estado;
- Mobilização da sociedade e das municipalidades e articulação das ações dos órgãos estaduais e regionais;
- Assessoramento e apoio às iniciativas municipais e locais;
- Sistematização e disseminação das experiências e estratégias de ação;
- Capacitação dos diversos atores;
- Estímulo a programas estaduais, municipais ou de ONGs de transferência de renda para as famílias que vivem do lixo;
- Articulação com a Procuradoria e as Promotorias da Infância e do Meio Ambiente, e com os Conselhos de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) estaduais;
- Articulação do setor de resíduos sólidos urbanos com as áreas sociais, educacionais e de saúde pública, buscando orientar a racionalização da aplicação dos recursos do estado (ABREU, 2001, p. 37 e 38).

Além do apoio nacional e estadual, os Fóruns Municipais devem estabelecer articulações locais (ABREU, 2001). Para a autora, a instância municipal é responsável pela formulação e implantação dos projetos locais, devendo garantir um processo de gestão participativa do lixo, enfrentando problemas referentes à degradação ambiental e social relacionados à geração do lixo municipal.

Na instância municipal, faz-se necessário o apoio político do governante local, devendo a prefeitura adotar posições favoráveis à gestão adequada do lixo, buscando melhorias ambientais e priorizando a atuação junto aos catadores, onde houver coleta seletiva informal (ABREU, 2001).

Um exemplo de como ações dos diversos setores da Prefeitura pode ser integrado, também é apresentado pela autora:

Os técnicos responsáveis pelos serviços de limpeza urbana devem ouvir e falar com técnicos da área social, da saúde, educadores e especialistas em meio ambiente. A gestão do lixo não deve ser monopolizada pelo setor de limpeza urbana da Prefeitura (ABREU, 2001, p.39)

Para Abreu (2001), é fundamental que o Fórum Municipal possua uma visão total, o que só é possível a partir do trabalho em parceria entre os diversos atores sociais, como por exemplo: ONGs, associações de moradores, igrejas, entidades de ensino superior, Conselho de Direitos e Tutelares da Criança e do Ambiente, entre outros. Abreu (2001, p.39) afirma que “enquanto houver a presença de catadores informais deve-se buscar seu envolvimento [...] ele deve ser incluído como personagem ativo e determinante na discussão de alternativas para os problemas aos quais estão submetidos”.

As estratégias para atuação dos Fóruns municipais devem adotar os seguintes passos:

- Constituição de uma equipe local que conheça os objetivos, princípios éticos e filosóficos do Programa Nacional Lixo & Cidadania, um Núcleo Mobilizador local que terá o papel de identificar os problemas, ações, programas e projetos em desenvolvimento na área de resíduos sólidos no Município;
- Realização do Diagnóstico Rápido Participativo Urbano, o qual permite o levantamento de informação sobre a realidade de forma coleta e estimula a tomada de decisões pelo conjunto da comunidade, revelando a prática dos serviços de limpeza prestada pelo município e por terceiros, qualidade dos serviços e grau de satisfação dos usuários, a existência de coleta formal ou informal, etc, dando atenção especial ao diagnostico social junto aos catadores;
- Apresentação dos resultados do diagnóstico que poderá coincidir com o lançamento do Fórum Municipal lixo & Cidadania, realizado através de Seminários;

- Desenvolvimento do Plano Integrado de Gestão Sustentável dos Resíduos Sólidos, cuja elaboração deverá ser feita de forma participativa e compartilhada, considerando o Diagnóstico Rápido Participativo e proposições discutidas com a comunidade no Seminário, além de ser feito um estudo da viabilidade econômica com o intuito de verificar a necessidade de financiamento para implantação dos projetos e o valor a ser cobrado dos usuários;

- Implantação ou ampliação das atividades, projetos e programas definidos pelo Plano;

- O contínuo monitoramento, avaliação e re-adequação das atividades do Plano de Gestão.

Na Bahia, o Fórum Lixo e Cidadania tem o papel de articular a promoção da inclusão social dos catadores de materiais recicláveis, atuando de forma mais enfática na Região Metropolitana de Salvador (ESPINHEIRA; AZEVEDO, 2007).

Segundo as autoras, o Fórum vem promovendo ações que estimulam a formação de novas cooperativas e associações, buscando, com isso, fortalecer e aumentar a produtividade da coleta, criando melhores condições de comercialização dos materiais recicláveis, possibilitando assim o desenvolvimento sustentável das cidades.

O programa de ação promovido pelo Fórum, segundo Espinheira (2007), e Azevedo (2007), reúne projetos desenvolvidos por diversas instituições, contando durante sua formulação com a participação dos principais interessados: os catadores de materiais recicláveis junto a suas associações e cooperativas.

Durante as visitas a campo ocorreu à possibilidade de um maior contato com as ações desenvolvidas pelo Fórum, a partir de um convite para participar das reuniões que vinham ocorrendo na CONDER. Durante as reuniões (duas no período de pesquisa), fizeram-se presentes representantes das 14 cooperativas cadastradas no Fórum, como por exemplo, as já citadas CAMAPET, CAEC, COPERBRAVA, entre outras, e representantes de instituições e órgãos como a Caixa Econômica, a INFRAERO e Secretária de Meio Ambiente.

Foram debatidas questões como o andamento dos projetos criados pelo Fórum, o decreto nº 5.940/06, o edital da SESP referente ao PBLU, entre outros, que podem ser constatados nas pautas das reuniões que seguem no anexo H.

4.3 Decreto nº 5940/06 – Separação dos Resíduos

O Decreto nº 5940, que entrou em vigor em 25 de Outubro de 2006, institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis.

No que diz respeito à extensão do texto, é composto apenas de sete artigos que buscam habilitar, através de suas diretrizes, as associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis a coletarem os resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta. Também expõe a necessidade de que estas obedeçam aos seguintes critérios:

- I - estejam formais e exclusivamente constituídas por catadores de materiais recicláveis que tenham a catação como única fonte de renda;
- II - não possuam fins lucrativos;
- III - possuam infra-estrutura para realizar a triagem e a classificação dos resíduos recicláveis descartados; e
- IV - apresentem o sistema de rateio entre os associados e cooperados (DECRETO, 2006, p.1).

Durante as reuniões referentes ao Fórum Lixo e Cidadania, como já salientada uma das questões discutidas foi o decreto, o qual, segundo os componentes da mesa, não vem proporcionando os resultados esperados. Esse fato é evidenciado pelo descumprimento de significativa parte dos órgãos públicos municipais, ao não destinar os materiais que podem ser reciclados as cooperativas ou associações.

Em uma das colocações de Joilson (CAMAPET), foram citados alguns fatos que possibilitam a identificação de pontos que pode favorecer o seu não cumprimento:

- Dificuldade na realização da coleta, por não terem condições de dirigirem-se aos órgãos;

- Falta de diálogo entre as cooperativas e instituições, órgãos e empresas.

No entanto, foi possível verificar que não só as cooperativas enfrentam dificuldades em seguir o que é proposto pelo decreto, como também os órgãos ou empresas podem estar enfrentando a mesma situação. Um exemplo que demonstra tal situação pode ser verificado durante a exposição de uma funcionária da INFRAERO, Solange Farias, ao afirmar que a empresa possui materiais que podem ser doados para cooperativas, mais é impossibilitada de realizar tais ações, por terem que seguir as regras burocráticas, o que é dificultado também pelo fato de grande parte das cooperativas não serem regularizadas.

Contudo, um fato bastante interessante foi o citado por Joilson, ao afirmar que as cooperativas não devem esperar apenas as ações do poder público, buscando organizarem-se internamente, fortalecendo-se, o que pode futuramente possibilitar que venham a pleitear atividades como as executadas atualmente pela VEGA, JG e TORRE. Segundo ele, isso passou a ser possível a partir do dispositivo da lei de Saneamento que alterou a lei 8.666/93, dispensando licitação para execução do serviço de limpeza urbana.

Outro ponto a ser ressaltado na análise do decreto 5.940/06 é o fato dos catadores, que se encontra em condição informal, não serem citados, fatos que representa obstáculo na luta pela inclusão social dos mesmos.

4.4 Política Nacional dos Resíduos Sólidos

O Projeto de Lei em processo de aprovação tem como objetivo segundo Jardim (2007), estabelecer diretrizes gerais, definições, instrumentos, gestão integrada e responsabilidades, traçando ações estratégicas para viabilizar processos capazes de agregar valor aos resíduos.

A aprovação da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) resultará no estabelecimento de um marco regulatório que deve ser entendido como um instrumento

indutor de desenvolvimento social, ambiental e econômico. Nesse contexto, o lixo deixa de ser um problema, passando a se desmembrar em várias oportunidades, gerando novas riquezas e negócios, criando novos postos de trabalho, promovendo assim, inclusão social por meio da reciclagem, o pensamento eco-eficiente por parte das empresas e o mais importante, disseminando na sociedade a necessidade de um consumo consciente. (JARDIM, 2007).

Para Jardim (2007), o ponto central da proposta do Executivo está na implementação de uma logística reversa, a qual é definida pelo Projeto de Lei nº 203 de 1991, como pode ser visto a seguir.

Dentre as diretrizes da PNRS, estabelecidos pelo Projeto de Lei, pode ser citado como umas das mais importantes, no que diz respeito ao assunto em questão os seguintes incisos:

- I - proteção da saúde pública e da qualidade do meio ambiente;
- II - não-geração, redução, reutilização e tratamento de resíduos sólidos, bem como destinação final ambientalmente adequada dos rejeitos;
- IV - educação ambiental;
- VI - incentivo ao uso de matérias-primas e insumos derivados de materiais recicláveis e reciclados;
- XIV - integração dos catadores de materiais recicláveis nas ações que envolvam o fluxo de resíduos sólidos (PROJETO DE LEI, 2007, p.1).

A análise do 7º Artigo da Política Nacional é de grande importância para que os termos freqüentemente utilizados nas discussões relacionadas à questão do lixo, muitas vezes não entendidos pelos leigos, sejam devidamente compreendidos. Para isso, foram destacados os mais pertinentes nesta abordagem inicial:

- VII - destinação final ambientalmente adequada: técnica de destinação ordenada de rejeitos, segundo normas operacionais específicas, de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança, minimizando os impactos ambientais adversos;
- IX - geradores de resíduos sólidos: pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, que geram resíduos sólidos por meio de seus produtos e atividades, inclusive consumo, bem como as que desenvolvem ações que envolvam o manejo e o fluxo de resíduos sólidos;
- XI - gestão integrada de resíduos sólidos: ações voltadas à busca de soluções para os resíduos sólidos, de forma a considerar as dimensões políticas, econômicas, ambientais, culturais e sociais, com a ampla participação da sociedade, tendo como premissa o desenvolvimento sustentável;
- XII - logística reversa: instrumento de desenvolvimento econômico e social, caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios, destinados a

facilitar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos aos seus geradores para que sejam tratados ou reaproveitados em novos produtos, na forma de novos insumos, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, visando a não geração de rejeitos;

XV - manejo de resíduos sólidos: conjunto de ações exercidas, direta ou indiretamente, com vistas à operacionalizar a coleta, o transbordo, o transporte, o tratamento dos resíduos sólidos e a disposição final ambientalmente adequada de rejeitos;

XVI - limpeza urbana: o conjunto de ações exercidas, direta ou indiretamente, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, relativa aos serviços de varrição de logradouros públicos; limpeza de dispositivos de drenagem de águas pluviais; limpeza de córregos e outros serviços, tais como poda, capina, raspagem e roçada, bem como o acondicionamento e coleta dos resíduos sólidos provenientes destas atividades;

XVII - tecnologias ambientalmente saudáveis: tecnologias de prevenção, redução ou eliminação de resíduos sólidos ou poluentes, propiciando à redução de desperdícios, a conservação de recursos naturais, a redução ou eliminação de substâncias tóxicas presentes em matérias-primas ou produtos auxiliares, a redução da quantidade de resíduos sólidos gerados por processos e produtos e, conseqüentemente, a redução de poluentes lançados para o ar, solo e águas (PROJETO DE LEI,... 2007, p.2 e 3).

No corpo da Política Nacional, precisamente em seu Art. 10, são estabelecidos os instrumentos, dentre os quais se inclui a educação ambiental, um dos mais importantes nesta abordagem. No entanto, podem ser destacados:

I - Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos;

II - Análise e Avaliação do Ciclo de Vida do Produto;

III - Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental, nos termos do art. 9o, inciso VIII, da Lei no 6.938, de 31 de agosto de 1981;

IV - inventários de resíduos sólidos em conformidade com o disposto pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA;

V - Avaliação de Impactos Ambientais, nos termos do art. 9o, inciso III, da Lei no 6.938, de 1981;

VI - Sistema Nacional de Informações Ambientais - SISNIMA e o Sistema Nacional de Informações em Saneamento Básico - SINISA;

VII - logística reversa;

VIII - licenciamento ambiental;

IX - monitoramento e fiscalização ambiental;

X - cooperação técnica e financeira entre os setores públicos e privados para o desenvolvimento de pesquisas e de novos produtos;

XI - pesquisa científica e tecnológica;

XII - educação ambiental;

XIII - incentivos fiscais, financeiros e creditícios;

XIV - Fundo Nacional do Meio Ambiente e Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; e

XV - Conselhos de Meio Ambiente (PROJETO DE LEI, 2007, p.10).

4.5 Plano Básico de Limpeza Urbana de Salvador

Conforme a Carta convite nº03/2007 e o contrato nº 017/2007, firmado entre a prefeitura municipal de Salvador e a empresa Proema Engenharia Ltda, foi estabelecido, em 21 de agosto de 2007, o Plano Básico de Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos de Salvador. O plano é constituído das seguintes etapas:

- Diagnóstico dos serviços de limpeza urbana: envolve o levantamento das atividades de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos atualmente executados no Município de Salvador, ou seja, coleta, transporte, tratamento e destinação final dos resíduos urbanos e serviços complementares de limpeza urbana. Também consta mapeamento das frequências de coleta e de varrição, avaliação da legislação existente e caracterização gravimétrica dos resíduos sólidos domiciliares.
 - Prognósticos da geração dos resíduos: desenvolvidos através da proposição de uma modelagem matemática que permitiu estimar as quantidades de resíduos a serem geradas no Município até o ano 2030.
 - Proposições de Limpeza Urbana: contém as recomendações de intervenções a serem feitas nos serviços atualmente executados, bem como recomendações para a implantação de novos serviços e propostas de implementação de um modelo de gestão dos resíduos sólidos para o Município, que permitam a preservação do meio ambiente e a redução dos custos com a execução dos serviços.
 - Custos dos Serviços: envolvem considerações de ordem econômica e são estimados os custos dos serviços na forma de terceirização e sob a forma de concessão.
- Modelos para Contratação: considera as alternativas de contratação existentes (PBLU, 2007, p.6).

Segundo o PBLU, a gestão de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos da cidade apresenta-se em regime misto, fazendo parte do mesmo a empresa de Limpeza Urbana de Salvador (LIMPURB), empresas concessionárias, terceirizadas e permissionárias. O modelo de gestão dos resíduos sólidos na capital é representado pelo organograma que se encontra no anexo G.

Entre as 16 atividades propostas pelo plano, podem se citados como as mais importantes a coleta seletiva e a educação ambiental, considerada instrumento que proporciona benefícios diretos a sociedade e ao meio ambiente. Segue a definição de educação ambiental contida no plano:

A Educação Ambiental é um instrumento de revisão dos conhecimentos sobre o mundo e a vida em sociedade, que conduz o ser humano de forma coletiva para a construção de novos valores sociais, na aquisição de conhecimentos, na mudança de atitudes, competências e habilidades na conquista e na manutenção do direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (PBLU, 2007, p. 121).

Segundo o PBLU, as atividades de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos de Salvador estão estruturados em 18 núcleos de limpeza, os quais correspondem às regiões administrativas do município, estando Narandiba incluída na região administrativa XII, junto a bairros como Tancredo Neves, Engomadeira, Cabula VI e Mata Escura.

Os catadores de materiais recicláveis são denominados, pelo PBLU, profissionais autônomos, desorganizados, que suprem setores industriais, ao disponibilizar matéria prima barata, o que, segundo o mesmo, alivia os custos de limpeza pública, retirando toneladas de materiais das ruas, ou seja, a importância do trabalho que vem sendo exercido por este grupo é reconhecida teoricamente.

O Plano Básico de Limpeza Urbana salienta que os próprios catadores podem gerar transtornos para a limpeza da cidade, fato identificado no momento da coleta, quando alguns violam os recipientes onde está depositado o lixo, deixando os logradouros sujos, além de sujeitar-se a contaminações e doenças, por atuarem de forma insalubre.

No entanto, segundo o plano, os catadores podem tornar-se parceiros na limpeza urbana, se forem criadas políticas e programas de apoio à coleta seletiva, à formação de cooperativas ou outras formas de organização, além de possibilitar o apoio e incentivos a empresas de reciclagem.

O PBLU vem sendo discutido durante as reuniões do Fórum lixo & Cidadania, plano que, segundo os diretores do fórum, não vem respondendo às expectativas, não definindo metas que possibilitem a inclusão dos catadores e formas de incentivos às cooperativas. As reuniões do Fórum vêm sendo realizadas pela CONDER, em parceria com as cooperativas de reciclagem existentes em Salvador, contando com apoio de instituições como a Caixa Econômica Federal e a Secretaria de Meio Ambiente.

4.6 Financiamentos/ BNDES

Para que o Programa Lixo & Cidadania, assim como outros, possam alcançar seus objetivos, dependem, além da consolidação de grandes estratégias, da aquisição de recursos.

A segunda edição do livro - Do Lixo á Cidadania: estratégias para a ação – (2001, p.63) traz algumas das necessidades em que são requisitadas as destinações destes recursos, como por exemplo:

- Projetos e obras de tratamento destinadas à erradicação dos lixões existentes;
- Implantação da coleta seletiva e necessária infra-estrutura a fim de melhorar as condições de trabalho e renda das famílias de catadores;
- Construção de habitações para as famílias de catadores que moram nos lixões ou nas ruas das cidades;
- Programas que assegurem os direitos de cidadania das crianças e adolescentes filhos de catadores, promovendo acesso a uma educação de qualidade, como por exemplo, o programa de transferência de renda, Bolsa Família.

Segundo Abreu (2001), alguns fatores políticos envolvendo aspectos legais dificultam o acesso dos municípios a financiamentos, principalmente os referentes a setores como o de destinação dos resíduos. São por ela destacados:

A baixa priorização na destinação de recursos para resíduos sólidos urbanos o que demanda a necessidade de abertura de novas fontes de financiamento e A liberação de recursos sem garantia da sua aplicação eficiente, tornando-se necessária à revisão de critérios para essa liberação (ABREU, 2001, p.63).

Para a autora, o que vem sensibilizando os órgãos federais a adotarem a prática da liberação dos recursos é a atuação do Fórum Nacional, fazendo com que tomem

como base para seus editais critérios de seleção que incorporam as diretrizes do Programa Nacional Lixo & Cidadania.

Uma questão muito importante em nível municipal é a necessidade que têm os municípios de viabilizarem recursos próprios para a gestão do lixo urbano, como é relatado pela autora:

A busca de financiamento para os projetos não deve se restringir às fontes nacionais. A globalização da economia implica também a globalização dos problemas, e a busca de alternativas para a solução dos problemas sócio-ambientais urbanos, vinculados à pobreza, pode configurar uma linha de intercâmbio internacional envolvendo diversos países em desenvolvimento (ABREU, 2001, p 63).

Contudo, os recursos financeiros para aplicação de projetos voltados para o lixo urbano são reduzidos e, quando disponíveis, aplicados de forma pouco eficiente, mas, o que torna a situação mais grave é o fato de que muitas vezes os municípios não têm o conhecimento da existência desses recursos ou não sabem o que fazer para viabilizá-los. Essa situação levou o Ministério das Cidades a elaborar um guia de ações e programas de resíduos sólidos - Lixo e Cidadania – com o intuito de orientar os municípios. O Guia apresenta segundo Abreu (2001), linhas de financiamentos e ações de apoio disponibilizado pelos órgãos federais aos municípios, organizações não governamentais, associações e cooperativas de catadores.

Encontram-se listados, a seguir, no quadro 4.1, alguns dos principais programas de financiamentos federais que podem incentivar o poder público municipal a atuar em atividades que busquem a minimização dos problemas urbanos relacionados ao lixo, como o apoio ao do trabalho exercido pelos catadores de materiais recicláveis que se encontram em condição informal, atuando por conta própria através de sua inclusão no mercado de trabalho.

Ministérios	Programas
Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome	
Secretaria Nacional de Renda de Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PET) Programa de Apoio Integral à família (PAIF) – Centro de Referência da Assistência Social – Casa da Família

Ministério da Educação	
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.	Programa Brasil Alfabetizado – Alfabetização de Jovens e Adultos
Secretaria de Educação Nacional de Habitação	Programa Fazendo Escola
Ministério das Cidades	
Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental	Programa de Resíduos Sólidos Urbanos
Ministério do Meio Ambiente	
Secretaria de Qualidade Ambiental nos Assentamentos Humanos	Resíduos Sólidos Urbanos
Diretoria de Educação Ambiental	Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA
Ministério da Cultura	
Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura	Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC
Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	
Departamento de Desenvolvimento Urbano	Projeto Multisetorial Integrado – PMI Financiamento a Empreendimentos - FINEM
Ministério da Saúde – Fundação Nacional de Saúde (FUNASA)	
Departamento de Engenharia de Saúde Pública	Programa de Resíduos Sólidos Urbanos
Coordenação geral de Cooperação Técnica em Saneamento	Programa de Cooperação Técnica em Saneamento Ambiental

Quadro 4.1 - Programas do Governo Federal que podem incentivar a minimizar os problemas vinculados ao lixo.

Fonte: Elaborada pela autora de acordo com as informações coletadas no livro Do lixo à Cidadania: estratégias para a ação, 2001, p.65 a 66.

De acordo com o Projeto de Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, existem condições que devem ser seguidas para que, todo e qualquer incentivo ou financiamento possa ser acessado, tal situação é comprovada pelo parágrafo que segue:

Parágrafo único. A existência do Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos é condição prévia para o recebimento dos incentivos e financiamentos dos órgãos federais de crédito e fomento (PROJETO DE LEI,... 2007, p.11).

O Artigo 13, disposto abaixo, traz em seus incisos, de forma mais esclarecida, algumas das condições mínimas que devem conter os Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos.

Art. 13. É condição para o Distrito Federal e os Municípios terem acesso a recursos da União destinados a empreendimentos e serviços relacionados à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos a elaboração de Planos de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, executados em função dos resíduos sólidos gerados ou administrados em seus territórios, contendo, no mínimo [...]

- XII - programa social, contendo as formas de participação dos grupos interessados, inclusive com a indicação de como serão construídas as soluções para os problemas apresentados;
- XIII - mecanismos para a criação de fontes de negócios, emprego e renda, mediante a valorização dos resíduos sólidos; (PROJETO DE LEI,... 2007, p. 5).

Um exemplo que pode ser citado como forma de apoio às atividades vinculadas à questão dos catadores, foi tomada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), fato que pode ser identificado a seguir.

“Cooperativas de catadores terão acesso a R\$ 14,6 milhões do BNDES para financiar projetos”, essa foi a chamada de uma reportagem publicada, em 7 de Outubro de 2007, pela Agência Brasil, na qual constava a informação de que seria anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia posterior, 8 de Outubro, a liberação de R\$ 14,6 milhões da linha de crédito do BNDES, valor que seria destinado a cooperativas de catadores de materiais recicláveis, repassado no total, para 21 cooperativas em 10 estados do país, beneficiando cerca de 1,5 mil cooperados. Tais operações faziam parte dos 34 projetos já aprovados pelo BNDES, no valor total de R\$ 22,9 milhões.

No entanto, segundo matéria anunciada pela Gazeta Mercantil – “BNDES concede R\$ 16,4 milhões para catadores de lixo” - em 11 de Outubro de 2007, pode ser identificada a existência de controvérsias nas informações. A mesma informou que o financiamento, superior ao informado pela Agência Brasil, seria destinado a 24 cooperativas e não a 21, as quais se comprometeram criar 8 mil empregos. Contudo, como foi assinalado anteriormente, o financiamento seria destinado a reformas de infraestrutura física, assistência técnica e capacitação de cooperadores.

Segundo uma outra matéria realizada pela Agência Estado, em 1º de Outubro de 2007, o ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, disse em discurso na cerimônia de liberação do investimento:

O custo médio de investimento de R\$ 4 mil para os catadores de lixo é o menor para a geração de um posto de trabalho, mesmo se comparado a outros como a reforma agrária, a criação de confecções, padarias e empregos na construção civil. Os recursos do BNDES não são reembolsáveis, ou seja, não precisam ser pagos ao banco estatal de fomento (CHIARINI, 2007 s.n).

Tal argumento vem a fortalecer um ponto bastante comentado nas discussões referentes aos catadores, ao realizarem a coleta seletiva os catadores proporcionam uma diminuição dos gastos operacionais referentes à coleta, transporte, transbordo e disposição final do lixo domiciliar.

4.7 O Movimento Nacional dos Catadores: reconhecimento perante a Classificação Brasileira de Ocupações

O Movimento Nacional dos Catadores é um movimento social que há cerca de 4 anos vem organizando os catadores de materiais recicláveis pelo Brasil afora. “Buscamos a valorização de nossa categoria de catador que é um trabalhador e tem sua importância” (MNCR, 2002).

O movimento estabelece como um de seus principais objetivos garantir o que chama de protagonismo popular da classe, a qual é considerada oprimida pelas estruturas do sistema social. O grupo tem por princípio garantir a independência de classe dispensando a fala de partidos políticos, governos e empresários em seu nome.

Tendo em vista esse ideal o Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclável estabelece como seus objetivos:

- A Coleta de materiais recicláveis, realizada por catadores;
- O pagamento aos catadores pelos serviços de coleta de materiais;
- O controle dos catadores sobre a cadeia produtiva de materiais recicláveis;
- A conquista de moradia, saúde, educação, creches para os catadores e suas famílias;
- O fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, com o devido deslocamento dos catadores para galpões que garantam a sobrevivência digna de todos.

O Movimento surgiu em meados de 1999, com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel. Em Junho de 2001 foi realizado o 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniram, mais de 1.700, catadores e catadoras (MNCR).

Nossa categoria é historicamente excluída da sociedade, e muitos catadores (as) ainda sobrevivem de forma precária em lixões e nas ruas. O trabalho de coleta de materiais recicláveis significa garantir alimentação, moradia e condições mínimas de sobrevivência para uma parcela significativa de nosso povo brasileiro. Apesar das imensas dificuldades, resistimos e lutamos dia a dia pela vida. Pelo direito de trabalhar honestamente e sobreviver (MNCR, 2002 s n).

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é o documento normalizador do reconhecimento, da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. É ao mesmo tempo uma classificação enumerativa e uma classificação descritiva (CBO, 2002).

- » **Classificação enumerativa:** codificam empregos e outras situações de trabalho para fins estatísticos de registros administrativos, censos populacionais e outras pesquisas domiciliares. Inclui códigos e títulos ocupacionais e a descrição sumária. Ela também é conhecida pelos nomes de nomenclatura ocupacional e estrutura ocupacional.
- » **Classificação descritiva:** inventaria detalhadamente as atividades realizadas no trabalho, os requisitos de formação e experiência profissionais e as condições de trabalho (CBO, 2002 s.n).

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, a estrutura da CBO pode ser considerada um conjunto de códigos e títulos utilizados na sua função enumerativa. É uma estrutura hierárquico-piramidal composta da seguinte forma:

- » **10** grandes grupos (GG)
- » **47** sete subgrupos principais (SGP)
- » **192** subgrupos (SG)
- » **596** grupos de base ou famílias ocupacionais (SG), onde se agrupam **2.422** ocupações e cerca de **7.258** títulos sinônimos. (CBO, 2002 s.n)

É no grupo de base ou família que se encontra classificado o catador de materiais recicláveis, representado pelo Código 5192.

São considerados pela CBO sinônimos dos catadores os seguintes subjetivos:

- Catador de ferro-velho
- Catador de papel e papelão
- Catador de sucata
- Catador de vasilhame
- Enfardador de sucata (cooperativa)
- Separador de sucata (cooperativa)
- Triador de sucata (cooperativa)

Os catadores são descritos sumariamente como aqueles que catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis (CBO, 2002).

Para o Movimento Nacional dos Catadores, sua classificação como profissional foi considerada uma conquista. Pode ser verificado no anexo F, o ciclo da cadeia produtiva da reciclagem, na qual os catadores também se encontram incluídos.

O objetivo do ciclo, segundo o movimento, é demonstrar a relação entre o papel das indústrias e dos catadores no processo da reciclagem, o mesmo, expressa a importância da legalização de sua profissão como pode ser verificado na citação abaixo:

89% do trabalho de produção da matéria-prima que vai para a indústria é feita pelos catadores. Hoje esse trabalho é reconhecido pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) graças à luta do MNCR, uma das primeiras conquistas do movimento. Esse foi um primeiro passo para a o reconhecimento dos catadores como profissão (MNCR, 2002 s.n).

4.8 Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo

Criado pelo Decreto 11/09/2003 o Comitê de Inclusão Social dos Catadores de Lixo tem por finalidade:

I - implementar o Projeto Interministerial Lixo e Cidadania: Combate à Fome Associado à Inclusão de Catadores e à Erradicação de Lixões, visando garantir condições dignas de vida e trabalho à população catadora de lixo e apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos Municípios;

- II - articular as políticas setoriais e acompanhar a implementação dos programas voltados à população catadora de lixo;
- III - definir mecanismos de monitoramento e avaliação da implantação das ações articuladas que deverão atuar de forma integrada nas localidades (DECRETO,... 2003, p. 1).

Responsável pela avaliação do processo de separação dos resíduos recicláveis descartados e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores, encaminhados semestralmente pela comissão responsável pela Coleta Seletiva Solidária de cada órgão ou entidade da administração pública federal direta e indireta, o Comitê é composto por um representante, titular e suplente, de cada órgão e entidade a seguir indicada:

- I - Casa Civil da Presidência da República;
- II - Ministério da Educação;
- III - Ministério da Saúde;
- IV - Ministério do Trabalho e Emprego;
- V - Ministério da Ciência e Tecnologia;
- VI - Ministério do Meio Ambiente;
- VII - Ministério da Assistência Social;
- VIII - Ministério das Cidades;
- IX - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior;
- X - Gabinete do Ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome;
- XI - Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República;
- XII - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; e
- XIII - Caixa Econômica Federal (DECRETO,... 2003, p. 1).

4.9 Gestão do Lixo X Educação Sócio-ambiental

O Poder Público local ocupa papel de destaque no campo de limpeza pública, seja ele o executor das operações ou o contratante de serviços de terceiros. Cabendo a administração local modernizar-se, deixando de ser um mero executor de serviços públicos, passando a ocupar a posição de gerente de desenvolvimento municipal.

No que se refere à limpeza urbana, é demonstrado que há uma tendência em não mais encarar as ações saneadoras como atribuição exclusiva da Prefeitura, estando cada vez mais evidente a responsabilidade que ambos deverão assumir em prol de um bem comum.

Como parte do sistema de limpeza urbana, a reciclagem confere funções específicas ao Poder Público, como por exemplo:

- “Incentivador de ações para a reciclagem”;
- “Implementador de ações para a reciclagem”;
- “Consumidor de produtos reciclados” (CEMPRE, 1993).

A atuação da Prefeitura como agente incentivador reforça sua posição como gerente do desenvolvimento municipal e otimiza sua mão-de-obra e equipamentos, ao mesmo tempo em que dinamiza o setor privado através da reciclagem.

As Prefeituras, segundo o disposto no Caderno Reciclagem, podem incentivar as atividades de reciclagem por meio das seguintes ações:

Cadastramento de sucateiros e ferros-velhos;
 Desenvolvimento de programas específicos a fim de disciplinar a ação dos catadores de rua;
 Permissão de uso de terrenos públicos municipais ociosos, como áreas para a triagem de materiais recicláveis coletados por iniciativa de grupos organizados da sociedade;
 Organização de campanhas de doação de roupas a serem reutilizadas por pessoas necessitadas;
 Criação de espaços (galpões) propícios a troca de objetos e móveis que as pessoas não queiram mais. Os interessados poderão deixar as peças em consignação, ficando a prefeitura somente com a incumbência da administração do “mercado” ou terceirizando essa atividade;
 Redução de impostos para a implantação de indústrias recicladoras não poluentes no Município;
 Apoio à organização de uma bolsa de resíduos industriais. Embora a destinação de resíduos industriais não seja de competência direta da Administração Pública local, é mais uma maneira de incentivar o setor privado a participar de programas de coleta seletiva e reciclagem, também reduzindo o volume final de lixo disposto no Município.
 As bolsas de resíduos industriais funcionam como canais diretos entre uma determinada fonte geradora, que deseja se desfazer de seus resíduos, com uma empresa ou indústria para a qual aquele resíduo venha a se tornar matéria-prima (CEMPRE, 1993 s.n).

Como agente implementador de medidas diretas e concretas, a Prefeitura poderá atuar das seguintes formas:

Aprimoramento do serviço de limpeza urbana;
 Desenvolvimento de um programa de educação ambiental;
 Treinamento e capacitação dos funcionários municipais envolvidos com os serviços de limpeza urbana e coleta seletiva;
 Instituição de uma coordenação municipal de reciclagem;

Implementação de coleta seletiva;
Construção e gerenciamento de usinas de reciclagem e compostagem;
Custeio dos serviços de limpeza urbana e programas especiais para reciclagem;
Instituição de consórcios intermunicipais (CEMPRE, 1993 s.n).

Ao visar à implantação de um programa de educação ambiental, uma prefeitura deverá contar com o órgão responsável pelo planejamento e execução dos serviços de limpeza urbana, assim como, os setores ligados ao saneamento, à saúde e ao meio ambiente. Contudo, a educação ambiental adquire uma posição de destaque no desenvolvimento de uma política de reciclagem. Logo, tentar fazer com que as pessoas participem de atividades de reciclagem demanda informá-la sobre o assunto e não apenas divulgar informações, mas sim educá-las para tal (CEMPRE, 1993).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destino do lixo é um problema mundial e ainda não foi encontrada uma forma de condicioná-lo sem agredir o meio ambiente e evitar conseqüências para a saúde pública.

Existem técnicas de minimização de seus impactos, como a construção de aterros controlados, compostagem, coleta seletiva e reciclagem. No entanto, a mais adequada, que é a diminuição de sua produção, é um desafio, dificultado não só pela ineficácia dos sistemas de gestão dos resíduos sólidos, como pela cultura do consumo.

Narandiba, subdistrito de Salvador, assim como outras regiões carentes do país, sofrem com a precariedade dos serviços básicos: habitação, transporte, saúde, educação e emprego. No local foi verificado que as grandes dificuldades enfrentadas pela população referem-se ao sistema de esgotamento sanitário, o qual apresenta um baixíssimo índice de acesso.

Foi possível identificar em Narandiba, assim como supostamente ocorre em outros locais, o crescimento do número de pessoas que devido ao alto índice de desemprego, associado ao baixo nível de instrução vem nesse grande problema, o lixo, uma solução, uma alternativa de geração de renda e sobrevivência. São os catadores de materiais recicláveis, popularmente chamados de catadores de lixo, cidadãos que moram na própria comunidade ou em bairros adjacentes, que diariamente, alguns com horários fixos, percorrem os pontos reservados a destinação do lixo produzido pela população.

São crianças, adolescentes, idosos, famílias, que trabalham em condições insalubres, expostas a doenças e acidentes, por realizar a atividade de forma inadequada, sem utilizar qualquer tipo de proteção, como luvas ou botas. Os catadores autônomos não recebem apoio de nenhuma instituição. Uma das tentativas que ocorreu anteriormente, por meio de um cadastro, não foi à frente.

Alguns catadores desenvolvem técnicas, utilizam sua criatividade para realizarem a coleta, o que é demonstrado pelas adaptações criadas para realizar o transporte dos materiais, como pode ser visto no apêndice D.

Os catadores realizam uma atividade importantíssima, contribuindo para minimizar a poluição ambiental, retirando do lixo, materiais que levariam anos para se decompor, que causariam, pela disposição incorreta, o que é comum, inúmeros transtornos, como entupimentos de bocas de lobo, canais, alagamento de ruas, deslizamento de encostas, geração de doenças como a dengue, entre outros males urbanos. São pessoas que, além de todos estes benefícios, realizam o trabalho da prefeitura, reduzindo os gastos públicos da limpeza urbana, mais que infelizmente não são reconhecidas pela sociedade.

É verdade que alguns geram transtornos, ao revirar as caixas, rasgar os sacos e deixar os dejetos espalhados, aumentando o problema e até mesmo criando incômodo para muitos ao presenciar essas pessoas no meio do lixo, provavelmente contaminadas. No entanto, são indivíduos que vivenciam tal situação pela falta de apoio, não só do poder público, como da população como um todo.

Como pode ser constatado, na ACOPAMEC, COOPCICLA e demais associações e cooperativas todas passam por situação semelhante, não recebem o apoio necessário para se manterem, para absorver os catadores que ainda se encontram em situação informal, sendo ainda em grande número irregulares, atuando sem estrutura adequada, dependendo, muitas vezes, dos chamados atravessadores, que atualmente, são os que vêm dando oportunidade aos catadores, mesmo não pagando, como é afirmado pelos cooperados, o valor justo pelos materiais.

Como pode ser visto o atravessador (dono do depósito) que atua em Narandiba, é bem aceito pelos catadores e parte da população, tendo, segundo os mesmos, papel importante na comunidade.

O depósito conta com um grande fluxo de catadores, moradores locais, que separam em casa os materiais e os vendem para complementar sua renda, pequenos comerciantes e grandes empresas, no entanto, por necessidade ou facilidade e, infelizmente, não por consciência ambiental.

A partir das reuniões do Fórum, foi possível construir uma idéia geral sobre as condições enfrentadas pelas associações e cooperativas, muitas vezes funcionando em condições mais precárias do que o depósito, ou como ACOMAPEC, em estágio inicial das atividades.

Participam da reunião do Fórum representantes das cooperativas, de órgãos, como o Ministério Público, Caixa Econômica, Secretaria do Meio Ambiente, entre outros, que discutem formas de melhorar as condições de funcionamento das cooperativas e associações, a fim de gerar oportunidades para inserção dos catadores individuais, além de minimizar os impactos gerados ao meio-ambiente.

O Decreto 5.940/06 e o PBLU são alguns dos instrumentos que, a partir de sua revisão e se necessária alteração, podem ser utilizados como base para a inclusão social dos catadores.

Contudo, para que o trabalho do catador de material reciclável em Nandiba, profissional registrado na classificação brasileira de ocupações, seja reconhecido e valorizado, faz-se necessário o apoio à realização de programas como o Fórum Lixo e Cidadania, a revisão dos instrumentos, como os anteriormente citados e a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, além de programas voltados para a conscientização e sensibilização da população.

A realização de tais propostas e a elaboração de um projeto que vise a criação de uma cooperativa e, o mais importante, a sensibilização dos catadores e da comunidade para as questões sociais e ambientais é o que inicialmente se propõe como continuidade deste trabalho, que aponta para a necessidade da inclusão social dos catadores, cidadãos comuns, que através da coleta seletiva segura, consciente, deixarão de ser mais um problema urbano, passando a atuar como personagens importante na busca por melhor qualidade de vida para a população local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria de Fátima. **Do lixo a Cidadania**: estratégias para a ação. Brasília, Caixa, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Resumo - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2003. NBR 6028. Disponível em:<<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação: Referências-Elaboração**. Rio de Janeiro, 2002. NBR 6023. Disponível em:<<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em: 01 mar. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Utilização de resíduos sólidos**. Rio de Janeiro, 2004. NBR 10004. Disponível em:<<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2008.

AZEVEDO, Gardênia; ESPINHEIRA, Maria de Fátima. **Habitar, produzir e reciclar**: construindo cidadania em cidades sustentáveis. Salvador: ABES, nov. 2007.

_____. **Parcerias como estratégia para inclusão social de catadores de materiais recicláveis**. Salvador: XIII SILUBESA, mar 2008.

BARCELLOS, Gustavo Vieira. **Lixo Urbano**: abordagens sobre modelos de gestão. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.resol.com.br>> Acesso em mar. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Trad. Plínio Dentzien. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, 2003 p 9 e 75.

BIDONE, Francisco Ricardo Andrade; POVINELI Jurandyr. **Conceitos Básicos de Resíduos Sólidos**. São Paulo: EESC/USP, 1999.

BLANC, Cláudio. **Catadores heco-heróis**: os coletores de materiais recicláveis exercem um papel fundamental no mundo de hoje. Revista Aquecimento Global. 2008, ano 1, nº 2, p. 2-13, 2008.

BRAGA, Hilda Maria. **O re-ciclo dos resíduos urbanos** em cidades médias: um estudo de caso no sudoeste baiano. Revista eletrônica de geografia y ciências sociales. [Barcelona] 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24548.htm> Acesso em: 14 fev. 2008.

BRASIL. **Casa civil**. Decreto nº 5.940, 25, out. 2006. Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.legislacao.planalto.gov.br>> Acesso em: 22 mar. 2008.

BRASIL. **Casa civil**. Decreto, 5940/2006. Institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mtc.gov>> Acesso em: 23 mar. 2008.

BRASIL. **Casa civil**. Decreto 11.09.2003. Cria o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/11670.html>> Acesso em: 23 mar. 2008.

BRASIL. **Casa civil**. Lei 11.445, 5 jan. 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico; altera as Leis nºs 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/L11445.htm>. Acesso em: 22 mar. 2008.

BRASIL. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/busca/recursos.asp?codigo=5192>> Acesso em: 30 jan. 2008.

BRASIL. **Congresso Nacional**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e dá outras providências Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/501911.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2008.

BRASIL. Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República. **Manual de Gerenciamento de Resíduos Sólidos**. Rio de Janeiro: IBAM, 2001. Disponível em: <<http://www.etg.ufmg.br/manualrsu.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2008.

CALDERONI, S. **"Os Bilhões Perdidos no Lixo"**. São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://talentoambiental.blogspot.com/2007/08/sabetai-calderoni-os-bilhes-perdidos-no.html>>. Acesso em: 06 ago. 2007.

CHIARINI, Adriana. **Patrus**: sem Lula, catadores não teriam verba do BNDES. São Paulo, 2007. Agência Estado. Disponível em: <<http://portalexame.abril.com.br>> Acesso em: 23 mar. 2008.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. (CEMPRE). **O papel da Prefeitura**. Brasília, 1993. Caderno reciclagem p.7-24 e 32.

CONSTANCE, Paul. **Dignidade no lixão**: milhares de latino-americanos ganham a vida catando lixo, agora querem que seu trabalho seja legalizado e se torne mais seguro. Revista do Banco Interamericano de Desenvolvimento. [Brasil], 2004. Disponível em: <<http://www.iadb.org/idbamerica/index.cfm?thisid=3079>>. Acesso em: 24 jan. 2008

CRAIDE, Sabrina. **Proposta de política nacional busca agregar valor aos resíduos sólidos**. Agência Brasil, Salvador, 13 abr. 2008. Disponível em:

<<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/09/22/materia.2007-09-22.5801431228/vi>
ew >. Acesso em: 22 mar. 2008.

EIGENHER, Emilio Maciel; FERREIRA, João Alberto. **O Futuro das Metr  poles: caos e exclusão social?** Revista Ciência Hoje, 2006, v. 38, n   227, p.30-33, 2006.

FERNANDES, Rosali Braga. **L  s políticas de la vivienda em la ciudad de Salvador y los Procesos de urbanización popular en caso Del Cabula.** Feira de Santana, 2003.

FERREIRA, Simone de Loiola **Os catadores de lixo e o processo de emancipa  o social ...** 2005 Disponível em:<http://www.csielo.br/scielo> Acesso em: 16 jan. 2008.

GANDRA, Alana. **Cooperativas de catadores terão acesso a R\$ 14,6 milhões do BNDES para financiar projetos.** Agência Brasil. Brasília, 7 out. 2007. Disponível em:
<<http://minasaguas.blogspot.com/2007/10/cooperativas-de-catadores-tero-acesso-r.html>
>. Acesso: 18 dez. 2007.

GAZETA MERCANTIL **BNDES concede R\$ 16,4 milhões para catadores de lixo.** São Paulo, 02 out. 2007. Disponível em: <www.ibps.com.br/index.asp?idnoticia=4008 >. Acesso em: 01 jan. 2008.

GRIMBERG, Elisabeth. **A Política de resíduos sólidos: a responsabilidade das empresas e a inclusão social.** [São Paulo], 21 jun. 2004. Disponível em<<http://www.akatu.net/search?SearchableText=produ%C3%A7%C3%A3o+de+lixo> > Acesso em 29 mar.2008.

GRIMBERG, Elisabeth. **Abrindo os sacos de “lixo”:** um novo modelo de gestão de resíduos esta em curso no país. Instituto Pólis.[São Paulo], 25 jul. 2007. Disponível em:
<http://www.polis.org.br/artigo_interno.asp?codigo=35>. Acesso em: 20 mar. 2008.

IBGE. **Estudos e pesquisas:** indicadores de desenvolvimento sustentável. n   4, Rio de Janeiro, 2004. p. 135 a 145.

IBGE. **Vocabulário básico de recursos naturais e meio ambiente.** 2   ed. IBGE, Rio de Janeiro, 2004, p. 83.

INSTITUTO PÓLIS. **Coleta seletiva de lixo:** reciclando materiais, reciclando valores. Publica  o n. 31, 1998. Disponível em:
<http://polis.org.br/tematicas19.asp?cd_camada1=1&cd_camada2=7>. Acesso em: 28 out. 2008.

JARDIM, Arnaldo. **Política Nacional de Resíduos Sólidos.** Revista Sustentabilidade, 2007. Disponível em:
<<http://www.revistasustentabilidade.com.br/sustentabilidade/artigos/politica-nacional-de-residuos-solidos/>>. Acesso em 22 mar. 2008.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Mariana. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMPURB. **Cooperativas**. Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.limpurb.salvador.ba.gov.br>>. Acesso em: 25 mai. 2008.

LIXO.COM. **Catador de Materiais Recicláveis**. [Brasil], 2008 Disponível em:<http://www.lixo.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=133&Itemid=240> Acesso em: 10 mar. 2008.

MEROLA, Ediane; ANTUNES, Laura. Dengue hemorrágica mata 20 vezes mais na cidade do Rio. O Globo Online. Rio de Janeiro, 25 mar. 2008. Disponível:<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2008/03/24/dengue_hemorragica_mata_20_vezes_mais_na_cidade_do_rio-426518480.asp> Acesso em: 15 mai. 2008.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **O que é o movimento**. Brasil, 2002. Disponível em:<<http://www.movimentodoscataadores.org.br>> Acesso em: 13 Dez. 2007.

MUCOUCAH. P. Sérgio. **Coleta seletiva de lixo**. Publicação Instituto Pólis. São Paulo, 2002.

NETO, José Araújo. **Conjunto de bairros forma Narandiba**. A Tarde. Salvador, 10 mar. 2001. Caderno local p. 4.

NUNES, Débora. **Pedagogia da participação: trabalhando com comunidades**. Salvador, 2002.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Coleta seletiva**. [Brasil], 2008. Disponível em: <<http://portalsaofrancisco.com.br/alfa/reciclagem/coleta-seletiva.php>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

RECICLAGEM.NET. O que é reciclagem. [Brasil], 2006. Disponível em: <<http://www.compam.com.br/oquereciclagem.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2008.

ROCHA, Nikas. **Direito de Morar em Narandiba exigiu luta**. A Tarde. Salvador, 02 mar. 2002. Caderno local p. 4.

SALVADOR. **Plano Básico de Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos de Salvador**. PBLU São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.limpurb.gov.br>> Acesso em: 19 abr. 2008.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. et al. **Elaboração do plano urbanístico básico para a área de Narandiba**. Salvador, 1976.

SALVADOR. Prefeitura Municipal. et al. **Plano de ocupação para a área do miolo de Salvador**. Salvador, 1985.

SALVADOR. **Prefeitura Municipal**. Secretaria de Planejamento Urbano, Urbanismo e Meio Ambiente; Fundação Mário Leal Ferreira. Limpeza urbana. Salvador: Salvador em dados, 2004. Disponível em: <<http://www.seplam.pms.ba.gov.br>> Acesso em: 30 Jun. 2008.

SALVADOR. Secretaria Municipal do Planejamento, Urbanismo e Meio ambiente – **Revista Veracidade**. Salvador-BA, ano 3 nº 6 Dezembro de 2007. p.89 e 90.

SANTOS, João Rodrigues dos. **Coleta Seletiva de lixo**: uma alternativa ecológica no manejo integrado dos resíduos sólidos urbanos. São Paulo, 1995 (Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual de Maringá para obtenção do título de mestrado)

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: USP, 2004.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Saúde. **Utilidade pública**. São Paulo, 20 fev, 2002.

SIMPOSÍO INTERNACIONAL DE DESTINAÇÃO DO LIXO. Salvador **Anais**, CONDER, 1994.

SOARES, Ival Roberto Conceição. **A reciclagem de resíduo sólido**: a qualidade de vida na cidade de Salvador BA. Salvador {s.n} 2004. (Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia, UNEB - Campus de Salvador, para obtenção de pós-graduação.).

SOUZA, Janaina Di Araújo; GOMES, Itania. **Campanha de educação ambiental**: reciclando atitudes. Salvador {s.n}, 1995. (Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia, UNEB – Centro de Educação Técnica da Bahia, para obtenção do título em Comunicação Social.).

SOUZA, Lidiane. **Presença de militares inibe ação de ladrões**. Tribuna da Bahia. Salvador, 23 e 24 fev. 2002. Caderno cidade nº 11.

SOUZA, Luiz. **Número de casos de dengue grave na Bahia chega a 29**. A Tarde. Salvador, 27 de abr. 2008. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=874300>> Acesso em: 13 mai. 2008.

VIOLÊNCIA aumenta na Bahia. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, 11 abr. 2008. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/Jornalismo/JN/0,,AA1678163-3586-814660,00.html>> Acesso em: 22 mai. 2008.

ZICA, Luciano. Título. **Associação Brasileira de resíduos sólidos e limpeza pública.** Salvador, 17 Out. 2007. Disponível em:<
<http://www.ablp.org.br/senalimp2007/17-10-2007-01.php>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS E ICONOGRÁFICOS

REIS, S. **Mapa dos setores Censitários selecionados para objeto de estudo em Narandiba.** Salvador, 2008. 1 mapa. Escala: indefinida.

REIS, S. **Mapa de localização da área de estudo em Salvador.** Salvador, 2008. 2.1 mapa. Escala: indefinida.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas realizadas em Campo

NÚMERO 1

ENTREVISTA – CATADOR 1

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Carlos Antonio do Espírito Santos

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: Ensino fundamental (4ª série)

1. O que o levou a desenvolver esta atividade? Quanto tempo a realiza?

R: Essa atividade é um meio que agente tem de ganhar mais do que quem está trabalhando de carteira assinada, se não tivesse ganhando um pouco mais não daria para construir minha casa e nem pagar minhas contas. Então eu larguei de trabalhar de carteira assinada para ganhar um pouco mais e dá para conseguir dinheiro, viver numa boa, agora tem gente que não sabe trabalhar ai fica difícil, agora eu sei trabalhar, meu modo de trabalhar é ajuntar, ajuntar, ajuntar para depois vender, agora tem pessoas que cata um pouquinho ali e vende logo, ai não sabe trabalhar. 10 anos trabalhando na atividade.

2. Como desempenha a sua atividade? Em quais locais coleta os materiais?

R: Levanto de manhã cedo, 6:00 horas da manhã, coloco calça uma mascarã, para usar lá no ambiente, ai agente trabalha numa boa, tira a mascara, ai agente vai para outra, agente sai em casa em casa pedindo a reciclagem, coletando, sai limpando, todo lugar, agente percorre todos os bairros, agente vai aqui na Barra, Ondina, Pituba todos os bairros, eu trabalho com mais duas pessoas, são meus colegas, dividimos o dinheiro.

3. Quais materiais você coleta? E quanto consegue arrecadar, em média, por mês?

R: Garrafa Pet, PP papelão. Por dia dá 20, 25 reais por ai, no mês 700, e 500 por causa do cobre e do alumínio.

4. Este valor você divide entre os três?

R: Não este valor é para cada um, é claro.

5. Qual profissão desempenhou antes de tornar-se catador?

R: Sempre fui pedreiro, nunca trabalhei de carteira assinada.

6. Se conseguisse um trabalho agora de carteira assinada, deixaria de ser catador?

R: Exatamente, não, trabalhar duro para não receber nada né.

7. Você pretende continuar?

R: Até achar uma coisa melhor né, eu pretendo continuar.

8. Como é sua relação e demais catadores com a comunidade?

R: A comunidade ajuda agente, sempre quando eles podem em juntam para agente e passam para agente.

9. Quais as principais dificuldades enfrentadas na realização de seu trabalho?

R: Eu acho que é seguro, para mim é seguro.

10. Já tentou se cadastrar em alguma Cooperativa de Materiais Recicláveis?

R: Nunca pensei, nunca ouvi falar, desde que eu comecei a trabalhar com este negocio aqui eu nunca ouvi falar.

11. Nunca participou de algum programa. nenhum órgão da prefeitura nunca esteve aqui para falar com vocês?

R: Nunca.

12. Tem conhecimento da Legislação que trata sobre as atividades vinculadas ao lixo ou resíduos? Sabe quando e como pode recorrê-la?

R: Eu também não.

13. Já ouviu falar no Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis? E que catador de material reciclável é uma profissão legalizada?

R: Não, eu não sabia não, eu estava até pensando nisso essa semana, eu vejo no rádio as pessoas homenageado um monte de profissão só não vejo a dos catadores, agente que fica trabalhando 24 horas direto, eu não vejo eles tocando neste assunto. No movimento nunca ouvi falar.

14. Como você é mais chamado pela comunidade?

R: Reciclador.

15. Você acha melhor ser chamado de reciclador do que catador?

R: Qualquer nome que colocar vai pegar, eu não ligo para que nome eles coloque lá, geralmente quando eu passo pela rua muitas pessoas olhe o lixeiro, o catador de lixo e eu não estou nem ai para eles, muitas vezes aquele que ta falando ali, eu boto ele no meio onde estou trabalhando, boto ele para cata e tirar dinheiro como eu tiro ali, ele vai se interessar por um lixo que não tem valor, que não tem valor nenhum e eu vou tirar o que tem valor, ele não sabe catar.

Salvador, 25 de Março de 2008.
NÚMERO 2

ENTREVISTA – CATADOR 2

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Ricardo Santana Amorim Santos

SITUAÇÃO: Catador 2

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: Ensino fundamental (4ª série)

1. O que o levou a desenvolver esta atividade? Quanto tempo a realiza?

R: Porque quando eu vi que a gente tava ganhando alguma coisa, aí comecei a trabalhar aqui, porque se eu ficasse esperando por emprego eu não ia ganhar nada e todo mundo ia passa fome, então graças a Deus depois que abriu a sucata pouco ou muito estamos levando de tarde o dinheiro para casa, para comprar o rango. Há seis anos estou na atividade.

2. Qual profissão desempenhou antes de tornar-se catador?

R: Ajudante de servente, servente da construção civil depois que pegou eu digo é vou corre para sucata porque quem trabalha Deus ajuda. Por que se esperar pelos homens nós morre de fome, então pede a Deus para ganhar um trocado aqui,

3. Como desempenha a sua atividade? Em quais locais coleta materiais?

R: É minha mulher é minha filha eu trabalho aqui, uma trabalha no Pau da Lima outra em Sussuarana, é assim todo mundo dá seus pulos. Meus filhos estudam mais também trabalham um tem 12 e outro tem 15 e conseguem trabalhar, são todos grandes, aí eu falo a meu filho só não pode ficar com a mente vazia você tem que vender um picolé, reciclar porque eu não tenho condições de dá tudo a eles, ficar com a mente vazia não vai prestar nada tem que ocupar a mente com alguma coisa.

4. Quais materiais você coleta? E quanto consegue arrecadar, em média, por mês?

R: Dá garrafa ao papel branco, latinha, papel branco, papelão, o que tiver na lixeira, agente só não trás a lixeira por que não pode. Mas se pudesse trazia também, tudo agente recicla. Rapaz por mês eu nunca bati minha conta não, mais quando a correria ta boa agente faz 30 por dia, nos trabalha, cada viagem aqui pode chegar até 50, cada viagem que agente dá e 5 é 10 só é juntando para quando chegar de noite, pra ver quanto é que dá, se agente trabalhar o dia todo dá até 50, no saco né, porque se fosse no carro de mão agente ia ganhar mais. Eu trabalho só e Deus.

5. Quais principais dificuldades enfrentadas na realização de seu trabalho?

R: Acho que é o racismo de muita gente aí, muitos compreendem muitos, tem nojo não quer que agente vá a casa deles, tem uns que chamam, entra aí rapaz, fica a vontade, tem outros que não ligam não já passou por isso também.

6. Utiliza alguma espécie de proteção durante a realização da coleta?

R: Só a palavra de Deus e a força de Deus só, ele protege agente de tudo.

7. Já sofreu algum corte?

R: Eu nunca me cortei, porque agente já tem as manhas já, o papel de coco agente não pega, onde tem garrafa agente pendura, agente tem que ter cuidado teve um colega meu que se cortou assim.

8. No momento da coleta você rasga o saco?

R: Não, nós não pegamos de vez não, nós primeiros pegamos, olha, depois abre devagarzinho, olha o que tem dentro, tira depois coloca lá agente não vai pegar não, porque tem muita injeção muita coisa, aí agente pega o saco faz assim (apalpa) para ver o que dentro, depois pega um pãozinho, porque muita gente já ensinou agente como recicla, porque tem muitos que tem pico, e pode como um colega meu que pegou um saco cheio de injeção e cio no pé dele, aí eu falei rapaz vai no médico, aí ele foi no médico, foi o tal do pico, foi no pé certinho, aí ele arrio tudo e foi pro médico.

9. No momento da coleta deixa os sacos fora do lugar?

R: Não porque agente vai lá e pega às vezes agente usa até a vassoura, se eu pegar e deixar lá o pessoal do prédio vai falar, tá sujando aí, mais eu pego e coloco no lugar, se algum outro deixa eu também pego e coloco no lugar.

10. Como é sua relação com a comunidade e demais catadores?

R: Tem muitos que tem racismo, mas têm outros que dão uma ajuda. É e aí! correria para cá, é correria para lá e aí ninguém briga não, eu saio outro chega eu saio outro chega é assim e você sabe que a reciclagem não pode cair eu chego outro chega, é o dia todo o cara na reciclagem, não tem briga a caixa é minha a caixa é minha é todo mundo unido.

11. Como você é mais chamado pela comunidade?

R: Correria, porque que meu nome ninguém não sabe, me chamam de correria, reciclador, eles não me chamam de lixeiro não, só chamam mesmo os moleques que não sabe da vida, mais os adultos não, não chamam não.

12. Recebe ajuda da comunidade?

R: Recebo garrafas, latinhas, às vezes chamam para fazer um trabalho, fazer mudança, agora muitos não gostam não, tem alguns que aconselham: porque você não usa uma luva uma camiseta? Aí eu falo é por causa da correria, aí não dá tempo, aí ele fala é essa mão sua aí que trabalha.

13. Se conseguisse um trabalho de carteira assinada deixaria de ser catador?

R: Há Com certeza deixaria, sabendo que eu vou levar todo mês o dinheiro da comida dos meus filhos eu deixaria porque isso aqui é um quebra, emprego não tem né? É um quebra galho.

14. Já tentou se cadastrar em alguma Cooperativa de Materiais recicláveis?

R: Aqui todo mundo já uma vez, mais já sumiu, aqui todo mundo já deu seu documento, identidade CPF, , disse que ia da carro, ia dá luva capacete, ia dá , até hoje já vai fazer um ano e meio até hoje nada, pediram documento, com Xerox, ninguém sabe onde foi parar os documentos, só Deus sabe.

15. Tem vontade de trabalhar em uma cooperativa?

R: Claro quem não tem? Quem é que não tem?

16. Já ouviu falar no Movimento Nacional dos catadores de recicláveis? E que catador de material reciclável é uma profissão legalizada?

R: Já ouvi falar, em Recife já tem em São Paulo. já tem, já vi passar no Fantástico. Sei que é legalizada, tem lugares aí que já é, agora aqui nunca vi ninguém falar, aqui na Bahia, mas Recife outros lugares aí é tudo organizado, roupa e tudo, tem horário de trabalha, tudo direitinho, mais aqui nunca ouvi não..

17. Tem conhecimento da legislação que trata sobre as atividades relacionados ao lixo ou resíduos? Sabe como pode recorrê-la?

R: Vi num lugar ai dizer que o lixo faz muita coisa, as fábricas, agora eu ao sei como é na fábrica não, só sei que com o lixo eles fazem muita coisa se não fizesse eles não iriam comprar, né, eu sei que ele faz muita coisa.

18. Considera sua atividade importante para a cidade? Porquê?

R: Considero, Por que consigo meu sustento daqui, depois que abriu essa fábrica aqui, pouco ou muito eu consigo comida para meus filhos, muitos tem vergonha de fazer isso...dizendo há eu sou algum lixeiro,... eu tenho 45 anos aqui, sempre ganhando meu trocado e levando para casa, e todo dia estou aqui de novo, todo dia, de domingo a domingo, já fiz minha casinha com isso aqui, minha casa era de tabua,...mais depois eu fiz, eu minha mulher e minha filha e agora lá em casa já uma televisãozinha, um sonzinho, já tem sofá... e graças a Deus agente tá vivo levando a vida como pode. Porque quando não existia isso a cidade ficava toda suja, né, e agora no lugar onde tem o lixo e a caixa cheia, agente cata tudo o que não presta, fica lá mais antigamente ficava tudo lá né.

Salvador, 30 de Abril de 2008.

NÚMERO 3

ENTREVISTA - LOCAL DE VENDA DOS MATERIAIS RECILÁVEIS (DEPÓSITO)

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Antonio Carlos

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Encarregado

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: 2º grau completo

1. O que levou a escolher esta atividade e quanto tempo a desenvolve?

R: Sou encarregado, comando o pessoal recebi um convite para trabalhar, não tive outra opção. Trabalho há 4 anos nisso.

2. Quantas pessoas em média procuram o local para vender o material coletado?

R: De 100 a 150 pessoas por dia, a mesma pessoa vem 2, 3, 4 vezes no dia.

3. Quantas pessoas trabalham no local e quanto conseguem arrecadar mensalmente?

R: 12 pessoas recebem por semana, 150,00 reais.

4. Quais as principais dificuldades enfrentadas para desenvolver este trabalho?

R: Proteção, preconceito (muito), a prefeitura não deixa, não quer, eles cobram muito o alvará, na verdade agente tenta registrar mais ela não deixa, ela diz que neste ponto não pode usar este ponto não pode utilizar tipo de trabalho, são materiais inflamáveis, eles não pode liberar alvará porque de um lado é familiar e de outro também é familiar.

5. Quais materiais são comprados? Quais seus valores?

R: Jornal, Revista, Ferro, Papelão, Sopro (P. P), Pet, Perciana, Chumbo, Antomônio, Inox, Alumínio, Metal, Bateria de carro (pequena), Cobre, Motor de geladeira e Papel branco.

6. Qual é o mais comercializado?

R: Papelão e ferro são os que mais encontram na rua.

7. Para onde vai todo material que se encontra no depósito?

R: Na verdade não vai tudo para o mesmo lugar, por exemplo, o ferro vai para o Metal ferros em Simões Filho, o papelão vai para uma empresa japonesa, todo papel da Bahia vai para eles. (Eles trabalham na central o pessoal compra e passam para eles)

8. E as cooperativas, qual a relação que mantém com elas?

R: Nenhuma, ainda não, mais o plano é este todo mundo unido fazer a cooperativa.

9. Recebe algum tipo de apoio para a realização desta atividade?

R: Nenhum.

10. Tem conhecimento da Legislação que trata sobre as atividades vinculados ao lixo ou resíduos? Sabe quando e como pode recorrê-la?

R: Não

11. Considera sua atividade importante para cidade? Porquê?

R: Eu acho muito importante, tá limpando a rua, tá dando emprego, é muito importante, eu mesmo tiro meu pão de cada dia daqui, eu acho muito importante.

Salvador, 25 de Março de 2008.

NÚMERO 4

ENTREVISTA - ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES PAROQUIAIS DE MATA ESCURA E CALABETÃO – ACOPAMEC. (COORDENADORA DO SETOR DE RECICLAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL)

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADA: Maria Alice Santos

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Coordenadora do setor de reciclagem e educação ambiental.

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: 3º grau completo (Bióloga)

1. Quando e por que surgiu a Associação?

R: Na verdade ela ainda não surgiu, ela ainda está em processo de surgimento a um ano, desde o ano passado, em março do ano passado, que a gente começou a entrar em contato com uma líder comunitária, que é D. Lúcia que ela já trabalhou com vários líderes comunitários no bairro, inclusive com reciclagem. Uma ação individual ela e outros colegas resolveram fazer a catanção, como eles chamam, aqui no bairro, assim como ela, têm vários outros do qual chamou de catador informal, que a gente chama de catador independente, que não tem nenhuma vinculação, associação ou instituição, eles fazem a catanção de qualquer forma, sem nenhum material de segurança, sem nenhum trabalho educativo, socialização, é como dá, é com o carrinho, sem carrinho, com saco, sem saco, do jeito que eles puderem, nos lixos das ruas, onde se acumulam lixos nas esquinas. Aí nosso trabalho qual foi? Como a gente estava estruturando o centro de reciclagem e o centro de educação ambiental a gente resolveu fazer um trabalho de sensibilização nas escolas e com os líderes comunitários para a problemática do lixo, o trabalho de conscientizasse a respeito da problemática do lixo, de como tratar o lixo, como separar, como coletar, na intenção de disponibilizar este material separado para esses catadores independentes, que a comunidade separasse que ele não precise separar no lixo o que serve, e assim fizemos, só que essa pessoa, a líder comunitária. D. Lúcia nos demonstrou que tinha interesse em formar algum tipo de instituição, associação, que fizesse esse trabalho de reciclagem, mas que tivesse, inclusive, abertura para fazer outros trabalhos sociais, com crianças, com mães que trabalhem na reciclagem, com as crianças, os filhos dos catadores, este tipo de coisa. Ai o que a gente fez a instituição, a ACOPAMEC, tava auxiliando D. Lúcia junto com um grupo que ela formou, são 14 famílias hoje, a se institucionalizar, a se legalizar, a gente procurou um advogado, o nosso papel foi esse; incentivar a formação legal da associação, a gente buscar um advogado, desenvolveu um estatuto, desenvolvemos um estatuto social da associação deles, junto com eles, várias reuniões no ano passado, buscamos alguns parceiros com o intuito de buscar materiais de segurança e o grande apoio que a ACOPAMEC está dando é a disponibilidade do galpão, a prensa e a balança, pois a alguns anos atrás era a ACOPAMEC que realizava este trabalho de coletar e comercializar para gerar renda, mas como a renda era muito pequena, não mantinha nem os funcionários que trabalhava para isso, a gente parou e o galpão ficou ocioso, ai com essa parceria a gente pretende disponibilizar o galpão para isso, só que se alongou um pouco essa parte da legalização, ai não começou efetivamente só que agora está começando nas vias de fato, só falta mesmo um documento para que a gente consiga a CNPJ, que é um atestado de viabilidade

de localização, mas quando começou o movimento para formar a associação foi em março de 2007 e aí se estende até hoje sem estar de fato formada, estamos neste processo de construção.

2 Qual o papel da Associação (objetivo)?

R: O principal objetivo é criar condição de trabalho digno para esses catadores, tanto para trabalhos específicos, para reciclagem, como condições melhores de vida para qualquer outra área, sejam para os filhos, para os idosos que estão em casa, para a família do catador.

3 Quantas pessoas trabalham na Associação?

R: A gente está com entorno em torno de 14 pessoas cadastradas, mas efetivamente quem está lutando para esta formação, eu pessoalmente sei que são entorno de 05 a 04, mas cadastradas, que eu sei que depois vão trabalhar são em torno de 14 pessoas.

4 Como é que funciona? É um trabalho voluntário?

R: É um trabalho em associação, ou seja, isso tudo eles decidiram ao longo das reuniões, eles decidiram assim, eles vão para rua catar, chegam aqui com uma quantidade de material, vão pesar e prensar e vão ter um controle da quantidade que cada pessoa individualmente está trazendo, então, por exemplo, chega Sr. Nimas com 3 Kg de ferro, 2Kg de plástico, 1 Kg de papel ele anota o que ele tem, chega outro com o dobro disso, anota o que tem, e aí ao longo de 01 mês, mais ou menos, que é o que imagina, que vai ter uma quantidade boa para conseguir um preço favorável, pois a ideia é que justamente eles não são muito beneficiados trabalhando individualmente, porque eles não conseguem juntar uma quantidade que tenha um preço bom, eles acabam tendo que vender a preço dos atravessadores, os sucateiros, que arrocham bastante, que cobram bem baratinho, mais aí é isso, eles decidiram que eles vão vir, vão fazer o controle de quanto cada um traz e que ao final do mês vão vender e repartir proporcionalmente esse dinheiro, quer dizer, eles estão se associando para conseguir melhor condição de trabalho, não é um trabalho voluntário nem um trabalho assalariado com vínculo empregatício.

5 Quanto recebe em média cada associado?

R: A gente ainda não tem este valor porque não estamos fazendo este trabalho em conjunto.

6 A Associação possui um estatuto, ou normas destinadas a auxiliar em seu funcionamento?

R: A gente está na construção a um ano destas normas.

7 A Associação recebe algum apoio no desenvolvimento de suas atividades?

R: A COPAMEC disponibilizou o espaço, a prensa e a balança que são equipamentos principais e os associados estão se organizando de maneira que todos tenham o mesmo trabalho, obrigação e mesmos direitos, até coisas como, quem vai ficar aqui tomando conta, pesando, fazendo esse controle, eles vão estar revezando isso, não vai ter uma pessoa só nessa função e na função de catar na rua, todos vão fazer de tudo.

8 Qual a diferença entre a atividade desenvolvida pela Associação e a atividade de uma cooperativa?

R: Na verdade a diferença é institucional, a forma como se organizar a cooperativa e a associação, isto tem bem legal, bem desenvolvido no site do SEBRAE, a gente escolheu a associação porque a parte burocrática é mais simples, por exemplo, a cooperativa precisa ter a posse da sede, ou seja, do galpão, e a associação pode ter uma sede emprestada ou alugada, como é o caso da gente aqui, outra coisa é que a cooperativa precisa ter um fundo que chama COPOPART, um fundo que é um recurso da cooperativa e que cada cooperativado, caso a cooperativa se desmanche, têm direito de receber, e não sei direito como funciona é uma coisa financeira mais complicada, mais complicada que a associação, a associação não

tem bens da associação, ela tem bens dos associados, ela não é dona de nada, na cooperativa isto é diferente, um pouco mais complicado, por isso agente escolheu a associação.

9 Como se dá as atividades relacionadas a reciclagem?

R: A gente pensa em fazer atividades educativas na comunidade para que as pessoas possam separar o lixo e dar o lixo maior qualidade, limpo, já separado, eles pretendem catar, selecionar diretamente na rua, a gente pretende conseguir material de segurança para que eles façam isso, que é, luva, lata, carrinho esse tipo de coisa, eles vão catar, vão vir pra cá fazer esse armazenamento, essa prensagem e quando juntar uma quantidade grande, eles vão comercializar e dividir o dinheiro.

10 Vocês já possuem uma base de quantos catadores poderão fazer parte da associação?

R: Ligadas à associação a gente tem 14, eu acredito e D. Lucia também, que é a presidente, que quando estiver em pleno funcionamento provavelmente mais pessoas vão se agregar, eu fiz uma vem um levantamento por alto, só com os que conheci diretamente, quando estava fazendo trabalho na comunidade e contei quantas pessoas que trabalhavam no lixo e dava mais de 50, só que mais gente conseguiu contato, que aceitaram, que quiseram participar foram 14, mas eu sei que no bairro muito mais gente sobrevivi disso.

11 Qual a quantidade de material coletado por mês? E qual seu destino?

R: A atividade relacionada à coleta ainda não começou plenamente.

12 Desenvolve alguma atividade com os catadores informais e ou com a comunidade local?

R: Isso é um objetivo além desse trabalho que eu faço de educação ambiental é pela COOPAMEC, não é exatamente pela associação, mais a associação é clara que a vontade é de desenvolver os trabalhos sociais, comunitários, está coisa que te falei de clubes de mães, creches para crianças quando as mães não trabalham, ele tem várias idéias de trabalho comunitário que querem desenvolver.

13 Quais os benefícios ou malefícios que a atividade do catador pode trazer para a comunidade?

R: Se não for uma coisa trabalhada, discutida, elaborada, pode trazer problema de convívio mesmo, porque o catador tem necessidade de remexer no lixo, não é bem resolvido na cabeça do cidadão a relação que ele precisa ter com o lixo, se é uma coisa boa, se é uma coisa que eles precisam ver, que eles precisam passar, isso é um problema social na verdade, mas o catador ele remexe o lixo, então as pessoas podem ver com maus olhos, podem criticar, então precisa ter um trabalho de sensibilização, de conscientização, de educação. Mesmo o catador precisa ser educado de como vai mexer e realmente não deixar espalhado, a pedir a colaboração das pessoas, que as pessoas entendam que também é um trabalho também sócio-ambiental e que não é uma atividade comercial qualquer, então acha que é o mais importante deixar claro que a atividade não é uma atividade comercial que é uma atividade sócio-ambiental que tem fatores especiais importantíssimos, que tem fatores ambientais também que precisam ser discutidas que precisam ser levados ao conhecimento da comunidade, não pode chegar e impor, chegarem, a gente trabalhando aqui e pronto, isso precisaria ser trabalhado, é o ponto que precisa se dedicar mais.

14 O que é necessário para que um catador em situação informal se cadastre na Associação?

R: O interesse, buscar, correr atrás, se apresentar, vê se os interesses e os objetivos deles são compatíveis com as atividades da associação, essa associação ficará aberta a novas pessoas, ficara integrando novos catadores.

15 Considera a atividade do catador importante para a cidade?

R: Sim. A atividade do catador autônomo toma para si uma responsabilidade governamental de instância municipal, como tem acontecido com alguns segmentos da sociedade, onde devido a uma carência do serviço público, e à questão socioeconômica de falta de trabalho e renda, a sociedade civil não-governamental (organizada ou não, como no caso dos catadores autônomos) assume responsabilidades e obrigações de outras ordens. No caso dos catadores esta atividade supre uma necessidade e assume uma função social importantíssima. A cidade não dispõe de uma coleta seletiva municipal real, que supra as suas necessidades ambientais e responda aos anseios dos cidadãos que já apresentam consciência para as questões ambientais. A rede que se estende em muitos bairros de Salvador, composta por milhares de cidadãos que por falta de oportunidade de emprego, organiza uma rotina de trabalho baseada em coletar materiais recicláveis e comercializá-los, gerando assim renda para manter sua família, cumpre uma função socioeconômica importantíssima que inclusive reflete nos índices de desemprego e até de violência do município.

16 O que acha do serviço de coleta de lixo do bairro?

R: Aqui no bairro já teve muitos problemas sérios em relação à coleta seletiva, atualmente por conta dos vários líderes comunitários que se desenvolveram aqui, tem várias associações de bairros e muitos líderes comunitários envolvidos, atualmente está estável, eu diria, a coleta seletiva, porque é definido o dia que passa o caminhão e até onde desce, tem ruas que eles não consegue descer porque é estreitinha, mas é definido, são respeitados, os horários são respeitados, eles passam no dia certo, no horário certo, a coleta tradicional da prefeitura, além dessa tem uma coleta alternativa, realizada por voluntários, como eles chamam, mas que na verdade não são voluntárias, são funcionários da prefeitura, estão prestando um serviço para prefeitura, que eles descem nos locais que o caminhão não desce, eles descem nos locais que o caminhão não desce; coletam esse lixo e trazem até o local onde o caminhão passa. Então o título de recolhimento de resíduo sólido, eu acho que o sistema funciona, aqui no bairro funciona, não tem lógico, o reaproveitamento, a reutilização desse material, como vai ser através dos catadores, mas com coleta tradicional funciona tranquilamente não é como outros bairros que estão em situação mais crítica, aqui por conta de ter muito líder comunitário em cima, eles conseguiram deixar mais estável a situação.

17 Como vê o surgimento de novas cooperativas?

R: Eu pessoalmente acho super positivo, a comunidade tentar organizar-se institucionalmente, essa consciência da organização institucional é superimportante é o que faz a comunidade crescer.

18 Tem conhecimento da legislação que trata sobre as atividades vinculadas ao lixo ou aos resíduos?

R: Eu tenho certo conhecimento né, por que tenho formação em bióloga,, mas é uma legislação que está, inclusive, em constante mudança, porque surgem novas tecnologias, para distinção do lixo, para os aterros, então esta sempre mudando, eu tenho pouca.

19 Conhece o Movimento Nacional dos catadores de materiais recicláveis?

R: Conheço só pelo site e o complexo de cooperativa que também cita.

20 Tem conhecimento sobre a Política Nacional dos Resíduos Sólidos?

R: Tenho, mais não sei em que etapa esta exatamente, não está totalmente aprovada não.

21 Tem o conhecimento de que a atividade do catador é uma profissão legalizada?

R: Tenho, tem até o numero da ocupação, que não lembro agora.

22 Quais as medidas que deveriam ser tomadas pelos gestores da cidade em relação aos catadores?

R: Eu acho que essa iniciativa da prefeitura, por exemplo, de estar organizando esta rede de cooperativas é uma das atividades que podem ser desenvolvidas, que vão ajudar, mas eu acredito que,

eu acho que eles estão tentando fazer também, este tipo de cadastramento destes profissionais em Salvador e a tentativa de formação de sindicatos, estes tipos de coisa, a organização política mesmo é o que vai alavancar esta profissão.

23 Você acha que as políticas públicas existentes atingem realmente os catadores?

R: Eu acho que a gente tem que está atento a justamente isso, por que claro que as políticas públicas elas lutam por coisas organizadas institucionalizadas, com certeza não vai ter como uma política pública atingir exatamente este catador que esta aqui, que não tem vínculo com nada, que é uma pessoa independente que tem problema de alcoolismo, de violência na família e que como ultima alternativa de vida saiu para recolher o que fosse possível ou que pudesse comercializar do lixo, se essa pessoa não esta inseridas no contexto não vão ser auxiliadas por estas políticas públicas, mas se a gente conseguir que esse cidadão se vincule a alguma associação ou alguma cooperativa e se essa cooperativa vai estar sendo auxiliada por esta política pública ai funciona, mas claro que os que estão a margem da sociedade, como qualquer coisa que eles façam não são atingidos, como na saúde, na educação, também uma política pública em relação ao profissionalismo dele, não vai atingir, se ele não estiver inserido no contexto de organização social, mas eu acho que as políticas públicas lutando pelas associações e cooperativo é o caminho mesmo, ai as cooperativas e as associações dentro das comunidades precisam buscar estes profissionais que não tem consciência ainda da profissionalização.

24 Quais impactos a inclusão social dos catadores (autônomos) podem proporcionar ao ambiente urbano? Ou seja, os benefícios que a inclusão social dessa categoria pode trazer para o catador, em específico, e para a cidade?

R: Para o catador, acredito que o principal benefício é a geração direta de trabalho e renda. Uma forma real de se manter e manter sua família. Isso reflete no aumento da qualidade de vida do catador e dignificação do ser humano. Indiretamente, e a depender do tipo de apoio e formação que esse catador possa vir a ter, o fortalecimento da cidadania e da consciência político-sócio-ambiental também surgem como benefícios desta atividade ao catador. Para a cidade, a inclusão social desta atividade traz os benefícios ambientais inerentes a uma atividade que retire resíduos sólidos do meio ambiente e encaminhe-os para reciclagem; reduz ou simplifica obrigações da prefeitura com implantação de coleta seletiva regular; reduz as taxas de desemprego; pode refletir na redução dos índices de violência urbana gerada por falta de trabalho e renda; gera cidadãos com melhor qualidade de vida, com consciência ambiental e de cidadania desenvolvidas, inseridos no mercado consumidor e colaboradores dos impostos fiscais.

Salvador, 08 de Abril de 2008.

NÚMERO 5

ENTREVISTA - COOPERATIVA DE AGENTES DE RECICLAGEM - COOPCICLA

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Edson da Silva Cabral

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Coordenador

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: Bacharel em Ciências Contábeis

1. Quando e por que surgiu a COOPCICLA?

R: Surgiu em 1996, alguns catadores de ferro velho e outros de materiais recicláveis tentaram na época, criar a cooperativa e houve apoio da Limpurb e a OCEB, então criaram a COOPCICLA. Vai fazer 12 anos, foi a 1ª cooperativa a ser criada dentro de Salvador com o intuito da coleta seletiva. O primeiro passo foi em alguns bairros e depois começamos a expandir esse trabalho.

2. De que forma se organiza a cooperativa?

R: Todas são cooperadas. Existe a parte do pessoal que faz parte da diretoria, são os líderes, e os que fazem parte do conselho fiscal. Os restantes são cooperados, onde eles podem algum dia vir a ser um dos diretores, não tem nenhum problema, por isso é feita uma assembléia, aonde a gente segue o estatuto da cooperativa, cada diretoria tem o período de 03 a 04 anos, não sei exatamente.

3. Qual é o papel da cooperativa (objetivo)?

R: É a parte mais social e o meio-ambiente, nosso trabalho é ajudar o meio ambiente, vem visando estes dois, vem trazendo efeitos muito grande, você sabe que não só Salvador como o Brasil, há uma onda de desemprego incrível, as pessoas não têm mais o que fazer, acabaram com os cursos técnicos onde tinha oportunidade de muita gente, ter um curso para amanhã poder ser técnico em alguma coisa, então, hoje as pessoas estão vivendo da reciclagem, desse material, é melhor, está fazendo alguma coisa do que está parado ou querendo pegar o que é dos outros.

4. Quantas pessoas trabalham na cooperativa?

R: Atualmente está com 40 cooperadas trabalhando externa e internamente.

5. Há um limite de cooperados?

R: O mínimo para você criar uma cooperativa é de 25 cooperados, depois disso você vai expandindo gradativamente, como você pode diminuir, dependendo de sua produção, porque você não é forçado a manter 40 cooperados, como você também não é forçado manter os 25 no quadro né, então você tem que ver esta parte da produção, quando agente fala produção é a questão financeira de cada um.

6. Há alguma norma que rege o funcionamento da cooperativa? Qual?

R: Ela segue tudo que dita o estatuto da cooperativa.

7. A cooperativa recebe algum tipo de apoio no desenvolvimento das atividades?

R: A cooperativa tem o apoio apenas desse setor onde é a sede da cooperativa, e um veículo que a gente tem aqui que roda de segunda a quarta-feira, só e mais nada, o apoio só é esse, que é dado pela Limpurb, onde nós estamos nesse momento, onde você está nesse momento, aqui já foi à sede da Limpurb, hoje funciona a cooperativa desde a criação da cooperativa, então aqui existe um contrato de comodato que é renovado de 2 em 2 anos, certo e mais um caminhão que está à disposição da cooperativa, de segunda até quarta-feira o restante tudo é conosco por isso a cooperativa foi forçada comprar um caminhão em 2005 e nos no mês que vem terminamos de pagar; com a fé em Deus, que nós temos desde a época que compramos, não foi fácil, porque você pagar uma entrada de 38.500,00 e depois você manter uma prestação de 1.444,16 sem ajuda financeira de órgão nenhum, nem da área municipal, nem estadual e nem federal, nem de ONG nenhuma; é muita força de vontade e trabalho, tudo isso vale a pena.

8 Onde são coletados os materiais?

R: Há nós temos vários setores hoje da cidade que nós coletamos materiais recicláveis, vários bairros, né, vários condomínios, várias empresas, como a TV Bahia, Condomínio Aldeia do Jaguaribe, Pedra do Sal, Banco Real, e outras, Ministério Público, da Fazenda, são várias parcerias, temos várias outras.

9. Como se dá as atividades relacionadas a reciclagem?

R: Na realidade nós não reciclamos, fazemos coleta, a triagem, prensamos este material, armazenamos e depois vendemos, é bom para as pessoas que comprem na mão da gente, eles comprem com um preço e vendem a indústria com um preço bem maior. Ai você me pergunta. Por que vocês não vendem diretamente as indústrias? Porque nosso volume é pouco e o nosso pagamento é de 15 em 15 dias, então a gente precisa ter dinheiro para pagar os cooperados, por que se a gente tivesse dinheiro em caixa e pudesse segurar por 2 ou 3 meses a venda para as indústrias seria bem melhor, muito mais vantajoso a gente não faz a reciclagem por questão de maquinário, nós não temos o maquinário, nós temos uma área muito grande, cedida pela Limpurb, a gente agradece muito né, mas se a gente tivesse o maquinário, a gente poderia manter aqui uma fabrica de plástico, o ganho seria bem melhor, a gente teria um efetivo melhor, não só para eles como quem sabe para os filhos deles, que fossem maior de idade e poderia está trabalhando aqui conosco, abriria um campo maior de trabalho.

10. Como é realizado o pagamento dos cooperados?

R: Hoje estão tirando uma média de 180 a 200 reais por quinzena;, pode chegar a 200, 220, isso depende da produção.

11. Percorrem todos os pontos possíveis da cidade ou os locais de coletas são predefinidos?

R: A gente procura percorrer, onde tem material, nós vamos lá para atender a pessoa, porque as vezes tem pessoas que ainda não esta fazendo a coleta, e as vezes tem alguns materiais, então a gente vai lá, eles ligam, se a gente tiver tempo de um roteiro agente passa por lá e pega este material, a gente não vai deixar esse material ir para o aterro sanitário né, é um benefício que está trazendo para cooperativa e para o meio ambiente também.

12. A cooperativa recebe doações de materiais?

R: Recebe doação, nesse sentido que acabei de lhe dizer, de algumas pessoas que já tem essa parceria, porque têm locais hoje em Salvador que são vendidos estes materiais e nós não compramos materiais, eu acho que as pessoas deveriam na realidade se conscientizar mais, os empresários, né e procurar doar estes materiais e não querer vender acho que é uma situação que não é fácil, então a gente vê muita gente ai, muita empresas, muitos hotéis muitos hospitais, inclusive hospitais do Estado, são os primeiros a estarem vendendo este material, eu acho que o governador nem sabe disso, nem o governador e nem o próprio secretário porque se soubesse já tinha dado um puxãozinho de orelha, porque você que os

órgãos federais todos os materiais são dados, eu não sei porque muitos órgãos do Estado como alguns hospitais, vendem esse material, quando esses materiais eram para serem doados a pessoas que necessitam, que estão precisando, né.

13. Qual a quantidade de materiais coletado em um mês?

R: A cooperativa já teve época em que ela coletava 250 a 220 toneladas ao mês, hoje estamos coletando 140 a 150 toneladas de material reciclado.

14. Quem compra este material?

R: A Bahia Pet, a Consumetais, são vários materiais que comprem estes materiais recicláveis.

15. Desenvolve alguma atividade com os catadores autônomos e ou com alguma comunidade?

R: Isso nós fazemos no momento que vamos implantar a coleta seletiva que as pessoas geralmente pedem a presença da gente, não é só por telefone que a gente vai está só se comunicando, mais é bom a gente esta explicando, orientando, aos próprios condôminos, algumas empresas que se prontificam, que solicitam a presença nossa, nós vamos até lá para orientar, explicar o objetivo da cooperativa, então é importantíssimo, não é só visar a parte financeira, mais também a gente tem que pensar no futuro, no nosso futuro, eu não digo nem nosso, mais dos meus netos, bisnetos, seja quem for, quem vier ai, por que não é fácil a gente pegar esse material ai e deixar ir todo para o aterro.

16. Com vê o trabalho dos catadores avulsos?

R: Na realidade a gente não compra os materiais, então eles (os catadores) procuram vender em alguns ferros velhos que já existem em alguns pontos da cidade. Que você sabe, com a onda de desemprego em Salvador, várias pessoas criaram os pontos de compra de materiais recicláveis, então Salvador está cheio disso, aqui mesmo você encontra, tem um ponto ali embaixo, já tem outro ali, onde pessoas compram o material e ai ele pega e revende para o atravessador já passa para as industrias, então na realidade o catador avulso às vezes não tá ganhando o que deveria.

17. Quem são de fato os atravessadores?

R: Há ai fica difícil de falar porque são várias empresas e eu não gosto nem de ficar citando este nome atravessadores, eu falo atravessador porque a gente não vende diretamente para as indústrias, não vende diretamente para fábricas, eu acho que as fábricas, as indústrias deveriam fazer negócio diretamente com as cooperativas para procurar valorizar mais o trabalho da cooperativa e a parte também financeira, porque ai o cooperado teria um ganho melhor, do que ter empresas hoje que vivem exclusivamente do cooperado que cata, que a cooperativa repassa este material para eles, para essas empresas, e essas empresas só fazem apenas coletar e vender.

18. Considera a atividade do catador avulso importante para a cidade?

R: Acho que é importante, agora eles deveriam se organizar melhor, porque existi muitas queixas de moradores, porque na realidade eles chegam, lascam o saco que está com o material, ali dentro às vezes tem alguns pregos, pois há residências que ainda não se conscientizaram para a coleta seletiva, então eles chegam lascam o saco e acaba sujando a rua, isso traz um prejuízo incrível para a Prefeitura, não só para a Prefeitura como para o meio-ambiente, vai manter a rua suja, imunda, as pessoas passam, vê aquilo, daqui a pouco vai tá dando o que? mosca, rato, porque eles deveriam se organizar melhor, porque eles deveriam se organizar melhor se ele abrir um saco daquele e se interessar por algumas latinhas e depois fechasse o saco ficaria tudo limpo, tudo organizado, não é abrir, lascar e largar lá.

19. Quais os benefícios ou malefícios que a atividade do catador pode trazer para a comunidade?

R: Benefícios eu acho que esta trazendo para eles, se não visse benefícios eles não estariam fazendo esta coleta, é melhor porque é um ganho que eles têm, geralmente os catadores avulsos nunca querem trabalhar em uma cooperativa, eles querem ter a vida deles independente, soltos, fazer o que eles acham que deve ser, então se ele sai aqui, ele coletar 4 ou 5 quilos de latinha ele chegou ali vendeu, aí para ele já fez o dia, para e pronto, aí vai beber, muitos são viciados em bebidas em drogas, muitos já compram o feijão, uma carne, já leva para casa, para a família, já na cooperativa não, ele tem uma norma onde todos os cooperados já sabem o roteiro daquele trabalho, então a pessoa pega 8 hora, larga meio dia, retorna 13:30 e quando dão 17 horas eles param porque muitos vão para a escola. Então o catador avulso não tem essa obrigação, eles procuram fazer o trabalho deles que acham melhor, se ele acha que deve sair 04h, 05 h da manhã tudo bem, já os cooperados não, na cooperativa não, eles sabem que o horário inicia 08 horas, de 08 até as 12, retornam as 01:30 e termina as 17: horas.

20. O que é necessário para que um catador em situação informal se cadastre na COOPCICLA?

R: O necessário é o que nós exigimos de qualquer uma outra pessoa, que queira ingressar numa cooperativa, a gente solicita toda a documentação dele, na realidade a gente solicita xérox da carteira de identidade, CPF, antecedentes, xérox do recibo de luz ou água para saber onde o cidadão mora, se tá tudo Ok, aí depois a gente vai passar para o pessoal que é da diretoria e pelo conselho fiscal que vai analisar, depois disso ele vai fazer um treinamento dentro da cooperativa e vai passar por um período de experiência para vê se vai se adaptar ou não, muita gente, às vezes, acaba não se adaptando para esse tipo de trabalho, mas atualmente, muitos procuram se adaptar o mais rápido e muitos estão aí trabalhando ganhando o dinheiro deles.

21. Como avalia o serviço de coleta de lixo da cidade?

R: Não tenho como opinar porque minha área é diferente, a gente aqui lida com material reciclável não lida com lixo orgânico.

22. Como vê o surgimento de novas Cooperativas?

R: Eu não vou lhe dizer que eu sou contra mais eu acho que deveria pegar as cooperativas que já existem, é o caso que aconteceu com a COOPCICLA, alguns anos atrás, nós tínhamos coleta no Rio Vermelho, Amaralina, na Pituba, no Stiep, no Costa Azul, no Itaigara, no Caminho das Árvores, deixamos de fazer por causa de pessoas que surgiram nesse governo agora e acharam de criar novas cooperativas dentro desta área, então eu acho que eles deveriam fazer o quê? Em 1º lugar saber quem era a cooperativa que estava atuando naquela área, sentar conosco e a gente tentar criar esse quadro e poder, absorver algumas pessoas que fossem até pessoas que morassem dentro destas áreas, não criar cooperativas sem dá estrutura, só que essa pessoa já se afastou da Prefeitura, graças a Deus, mas o intuito dele parece que foi acabar com a COOPCICLA, a realidade é essa, mas Deus é grande e ele não conseguiu acabar com o projeto que já vem 11 anos. As pessoas logo depois que assumiram o lugar deste cidadão, sentou conosco e procurou rever este lado que a gente estava sofrendo, tanto é que foi retirado um veículo, que foi desde a criação da cooperativa, acabou retirando este carro e nós só ficamos com o carro que nós compramos então isto para gente foi um abalo muito grande e nós perdemos muitos cooperados, fomos forçados a mandar várias pessoas embora, pais de família. Eu acho assim, que nosso país tem uma coisa que eu chamo desagradável, pessoas que já vem fazendo um trabalho e amanhã muda, aí de dar continuidade à pessoa que chega quer acabar com aquele trabalho, para mudar de novo, dizer fui eu que criei, foi eu que fiz, é lei do engano, a cooperativa é independente, ela não é departamento, não está subordinada a órgão nenhum, a responsabilidade da cooperativa é na realidade dos cooperados, para isso nos temos a Assembléia onde é discutido, aqui nós não aceitamos determinação e nem ordem de ninguém, nem de ONG e nem de nenhum órgão, eu acho sim, que a gente deve sentar para conversar para tentar resolver as coisas e coisas que tragam não só benefícios para cooperativa, mais para sociedade e para o meio-ambiente, mas tem pessoas que pensam de outra

maneira, então é isto que ocorre, então nossos problemas estes todos que acabei de dizer, inclusive o Centro Administrativo, quem implantou a coleta seletiva dentro do centro foi a COOPCICLA, hoje nós não atuamos mais nessas áreas.

23. Como classifica a atuação do Movimento nacional dos catadores de recicláveis?

R: A COOPCICLA na realidade nunca se envolveu, só teve uma reunião que na realidade nem fomos convidados, nós fomos lá de gaiato no navio, para saber como estava tudo, nunca fomos convidados, temos o apoio da Limpurb do OCEB, onde a gente procura sempre estar conversando, dialogando e tentando rever este lado, então existem várias cooperativas que foram criadas e a gente não gostaria de opinar, nem da cooperativa. A nem da B, só falamos sobre a COOPCICLA.

24. Quais medidas deveriam ser tomadas pelos gestores municipais em relação aos catadores?

R: Eu acho que a Prefeitura já vinha fazendo um trabalho bom, no sentido de vir orientando a eles a respeito até das coletas que eles vêm fazendo, agora, cabe a prefeitura ou a um órgão dela instruir melhor, chamar esse pessoal, sentar e tentar rever como é que poderia ser feito, quem sou eu para dizer alguma coisa dessas, só algum técnico que já venha fazendo algum estudo para tentar resolver esta questão deles.

25. Quais estratégias poderiam ser implementadas com o intuito de promover a inclusão social dos catadores autônomos?

R: É difícil o catador avulso querer seguir uma determinação, se amanhã você pensar em criar uma cooperativa e colocar estes catadores avulsos, eles não vão querer se adaptar, o ser humano é muito difícil, essas pessoas não são fácil, a pessoa pegar e dizer vai fazer desta maneira, não é assim não, deve ser feito com estudo, com calma para evitar um tipo de aborrecimento, eles podem até achar que vocês estão tirando ele daquela área, então não é por ai não, é um trabalho que merece muita paciência para ser realizado, porque, essa questão de catadores não é de agora não, já é de muitos anos, não é desse governo que estamos vivendo agora não, é de vários governos, eu vou lhe dar um exemplo, essa cooperativa mesmo surgiu no fim do governo de Lídice da Mata, não existiam outras cooperativas que lhe davam com material reciclável; quem antigamente lidava com material reciclável eram algumas empresas de lixo, não gostaria de citar nomes mais existiam eles já faziam está coleta e revendiam.

26. O que acha da frase: “o principal estímulo da reciclagem é a obtenção do lucro e não a preservação ambiental”.

R: Quando você fala isso você pode citar uma empresa, que isso seja dentro de uma empresa, dentro de uma cooperativa não, a cooperativa não vive do lixo, todo material que entra ela vende, pega o que tem que pagar e divide com todas as cooperadas, não existe lucro, a gente para poder conseguir alguma coisa, a gente senta, conversa, discute, no caso da compra do caminhão foi dessa maneira então casa um deu um sozinho, para poder comprar esse caminhão, que é um caminhão baú que no mês que vem terminamos de pagar. Não é fácil, é um trabalho que a gente já vem fazendo há anos, quando se fala neste sentido, você pode visar a empresa, mas quando se trata de cooperativa é outra coisa.

Salvador, 17 de Abril de 2008.

NÚMERO 6

ENTREVISTA - MORADOR DE NARANDIBA

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Antonio dos Reis

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Impressão sobre o trabalho dos catadores

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: Ensino fundamental (4ª série)

1 O que considera lixo?

R: É papel, garrafa, resíduo de comida, muitas coisas que se transforma em lixo.

2. Quais os problemas causados pelo lixo?

R: Vários problemas ao meio-ambiente é o plástico, as latas, os ferros, as baterias que prejudicam o meio-ambiente, causa problema dos ratos de esgotos, insetos; são várias conseqüências, mau cheiro.

3. Qual o local que costuma jogar o lixo?

R: Nas caixas coletoras.

4. O que acha do serviço de coleta de lixo do seu bairro?

R: Tem que melhorar mais ainda, até agora tá bom mais tem que melhorar bastante.

5. Já ouviu falar na reciclagem do lixo? Qual sua importância?

R: Já sim! Não prejudica o meio-ambiente, não prejudica o ar, não juntar o mosquito da dengue, os ratos de esgoto, os insetos, é muito importante à reciclagem.

6. Costuma separar o material que pode ser reciclado ?

R: Costumo. garrafa plástica, lata. Entrego ao reciclador.

7. Como descreve a atividade do catador?

R: Pegam o lixo para sobreviver, porque não tem emprego, não tem como trabalhar, a reciclagem é para isso.

8. Quais os benefícios ou malefícios que esta atividade pode trazer para a comunidade?

R: É importante para não deixar o lixo nos terrenos baldios, no rio, que vai parar no mar, que prejudica a gente, para evitar os ratos, a dengue, os insetos e não prejudicar o meio-ambiente. Os pontos negativos? Alguns catadores tiram da caixa tiram do saco e joga o lixo no chão, outros colocam muitas deles jogam no chão e muitos deles botam na caixa coletora.

9. De que forma você poderia ajudar a desenvolver e facilitar o trabalho do catador?

R: Colocar o lixo de reciclagem em um saco e dá na mão dele para ele levar, do que ele derramar o lixo na rua.

10. Considera a atividade do catador importante para a cidade? Porquê?

R: Com certeza, para evitar as sujeiras nas ruas e prejudicar o meio-ambiente.

Salvador, 29 de Abril de 2008.

NÚMERO 7

CONVERSA INFORMAL-LOCAL DE VENDA DOS MATERIAIS RECILÁVEIS (DEPÓSITO)

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Antonio Carlos

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Encarregado

FORMAÇÃO EDUCACIONAL: 2º grau completo

1. Fale um pouco sobre como funciona a atividade no depósito.

R: Armazenamos o material no local, é rotativo, o material não pode ficar aqui, as empresas passam aqui para pegar o material, o material que tem maior quantidade é levado para outro local para que o carro passe e recolha. O pessoal mais fraco vende papel branco, papelão, pet que encontra no lixo, o alumínio, revistas, quem vende são as madames, tem gente que vem até de palitô, para o carro aqui e vem vender papel branco. Todos aqui são tratados iguais, com respeito, todos são clientes, se não for assim fecha as portas, todo comercio é assim.

2. Apenas os catadores de rua vendem no local?

R: As pessoas pensam que só as pessoas de baixa condição que vem aqui, é, pensam que só é o catador de rua, os mendigos, mais muita gente vem aqui, até mesmo estes mercados, não jogam mais o papelão fora, eles vem vender aqui, estes mercados ai pagam seu funcionários muitas vezes com o dinheiro do papelão. Muita gente pensa dessa forma, mas quem pensa dessa forma, são as pessoas que não tem conhecimento, não sabe como funciona. Ele não sabe que eles estão jogando o dinheiro fora. Este depósito da Santana mesmo agente pega no mínimo 1000 toneladas, 200, 300, 500 Kg por dia.

3. Quais os horários de funcionamento?

R: Funcionamento de domingo a domingo, até 1 hora. Tô ganhando meu dinheirinho legalmente, pago meu plano de saúde eu levo a vida tranqüila, graças a Deus, estou satisfeito com meu salário. Tem muita gente que trabalha engravatado, isso e aquilo, e tá ganhando um salário mínimo, um salário e meio, eu faço meu trabalho tranqüilo, ganho muito que eles, que são todo graça.

4. Recebem algum tipo de apoio da CONDER?

R: Eles fizeram um cadastramento deste pessoal que cata, pegou identidade, nome o documento deste pessoal, dizendo que daria um apoio com o carinho de mão, luva, mais acho que ficou no papel, já tem mais de 1 ano e até hoje não apareceu nada. A não ser que ele deve te feito projeto e por lá deu sumiço, né. E está tal de cooperativa eu acho que não funciona. Tem muita gente, o coitado trabalhou para catar, o catador cata na rua que tá lá dentro administrando tira o dinheiro desvia o dinheiro, é rara cooperativa funcionar, não tem administração.

5. Os valores que você pagam, você acha que é um valor aceito?

R: O valor que nós paga é o valor comercial de Salvador, e tem o valor do mercado, como tem muito funcionário a gente tem que pagar o funcionário também, então é uma rotatividade, todo mundo tem que ganhar o seu. Isso aqui é um mercado. Isso aqui circula mais dinheiro que qualquer mercadinho, isso aqui é como se fosse parte da Bahia, é melhor que a Ford porque a maioria dos funcionários capacitados, são pessoa de fora, os daqui de salvador acho que não chega a 50% dos capacitados, os daqui são só pra pegar no pesado, quem fica na administração, comandando são os de fora, pode até ter mais não é suficiente, então é que nem isso aqui, tem que ser capacitado, bota uma criatura aqui que não consegue tirar 10 reais, tem gente aqui que consegue tirar 50 reais por dia, tem gente ai fora que não consegue tirar isso, tem gente aqui que consegue tirar 100 a 150 por ida, aqui circula muito dinheiro, para eles aqui é a Ford, eles tiram o pão de cada dia daqui, se não fosse isso aqui, esse reciclagem, um ou estavam morrendo de fome e outro estaria roubando para sobreviver. Apesar de criança não poder trabalhar, tem que cuidar estudar, tem criança de 05 e 06 anos que vende material e tem senhores e senhoras que tem 50, 70 anos, ela todo dia vem vender, recolher o dinheirinho dela, todo o dia ela leva 10, 12 reais, do esforço dela e chega criança também aqui 08, 06, 07 anos ele paga 05,06 reais dele compra um kg de açúcar e pra casa, então essa área comporta de tudo, tem o coitado tem o cidadão que vende todo dia, tem um rapaz aqui que tem a profissão dele, mas todo dia ele trás 500, 400 kg de papel branco, ele faz 50, 60 reais todo dia, todo o dia ele faz este dinheiro, então, por exemplo, esse papel que ia para o lixo, sai do dinheiro dele aqui no mínimo dois dias e polui o meio-ambiente 5.000 reais 4, 3, esse dinheiro tá circulando aqui, e é bom para vizinhança, que ele vai no mercado comprar o açúcar, feijão, esse dinheiro aqui vai para este mercado, para aquele mercado, esse dinheiro fica rotativo aqui, eles pegam o dinheiro e vão comprar por aqui, esse dono do mercado vai comprar o sabão, a lata de óleo, essa caixa de óleo, do papelão volta para aqui de novo ele torna pegar esse dinheiro, é rotativo, isso aqui é a salvação.

6. O que deveria ser feito pra melhorar a condição dos catadores como para quem trabalha no depósito?

R: Vou dizer por mim, é a legalização, se a Prefeitura liberasse o alvará, seria muito bom ainda mais nesta área não é fácil não é para qualquer um encarar. Então se as pessoas fosses registrado. Se a prefeitura liberasse, facilitasse o alvará para regular as pessoas, nesse caso para nós que estamos prestando serviço, seria ótimo, de repente a gente se acidenta, adoece, com é que vai se encostar sem o INSS, a empresa não tem condição de ficar pagando, apesar de que ele paga o tempo de cada um, paga tempo, paga férias, mais não são registrados, 13º paga tudo (o dono que paga) eu recebo o meu mensal até hoje nunca faltou, ao contrário antes do dia 1º ele paga, e os outros meninos que recebem semana, todo o sábado ele paga, ele pode deixar faltar outra coisa, menos o dinheiro de quem trabalha para ele, são todos no dia 24 ele paga todo mundo, em uma parcela só, não é dividido, a maioria das empresas dia 05 dá uma metade depois dá outra ele é ao contrário ele paga todo de vez.

7. E a Prefeitura?

R: A Prefeitura não dá esse apoio, se desse esse apoio era maravilhoso.

8. A Prefeitura nunca fez uma proposta?

R: Nunca, ao contrário ele fecha e leva a balança pra gente não trabalhar, já fizeram isso várias vezes ele já levaram umas 08 balanças, pega a balança, leiloa lá, não entrega mais a Sucom e a Prefeitura. A Prefeitura não faz essa parte, se colaborasse seria muito importante. No lado do catador em área, seria uma área que tem movimento, que o catador pudesse juntar o material e recolher estoque, que é muito importante para ele não carregar para longe.

Salvador, 30 de Abril de 2008.

NÚMERO 8

ENTREVISTA - MORADOR DE NARANDIBA (Não planejada)

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Edson (41 anos)

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Morador e participa das atividades realizadas pelo depósito

1. Qual sua relação com o depósito?

R: Eu dou uma força ao homem aí para adiantar o lado, para limpar, porque se não limpar minha filha, aí da periferia vem rato, barata, todo tipo de inseto que não presta, principalmente a dengue se, né não fosse essa reciclagem quantas garrafas estariam por aí?, Quantas reciclagens desta tem dentro da periferia de Salvador? Se ninguém reciclasse isso como traria?, já analisou isso?, Seria montanha de papelão, montanha de Pet, a reciclagem é uma coisa que ajuda a diminuir, ajuda de um lado e arruma empregos para outras pessoas.

2. E os alagamentos que já ocorreram no local como o Sr. o relaciona com a questão do lixo?

R: O brasileiro em si tem que se educar, nós não que já temos uma educação totalmente diferente, que se nós pega um sofá, nós joga no lixo ali, no container, eles não, eles jogam dentro do canal, ali tiram fogão, geladeira, bicicleta, armário, ali tira de tudo no canal quando chove, quer dizer que a água entrou e tirou de dentro de casa para levar para lá? Não a água no entrou[...]se não fosse o catador? É o que to te dizendo, eu peguei montanha de papel, de garrafa porque antigamente quando não tinha reciclagem 78 por aí assim, a bera da praia ali ne Stiep e no rio das tripas, tirava no mínimo, no mínimo 18 caçambas de lixo, era brincadeira eu rodava na praça nessa época eu tirava 18 caçambas da li, usando máquina trator e aí fica difícil.

3. Quantos tempo mora no local?

R: Mais de 21 anos. Eu cheguei aqui não rodava nem ônibus aqui, não rodava ônibus não, estava construindo o Cabula VI e o Hospital Roberto Santos quando eu cheguei, agente pegava Tancredo Neves soltava no alto do macaco e vinha andando para aqui, não tinha carro direto agente vinha até o 19 BC e pra vim para cá pegava outra condução, a estrada aí, era toda de barro cheio de nativos de um lado e de outro de manhã, quando você passava assim, tinha umas 6, 7, 8 cobras que os carros matava, quer dizer que em consideração ao que agente já passou estamos no paraíso hoje.

4. Quais os principais problemas que a comunidade enfrenta?

R: Eu acho que os principais problemas aqui hoje em dia é a droga, porque, estava até comentando ontem, porque daqui a dez anos quem tem filho não vai poder mais controlar, você chega num evento e você ficam de longe observando, 50% das pessoas que estão no evento usam drogas, você pega um ônibus hoje, um coletivo, você olha assim, você os meninos novos, você olha para cara e diz aquele ali é usuário de droga não tem jeito, não tem jeito.

5. O Sr. Acha que isso está provocando o aumento da violência?

R: Exatamente, a policia vem, a policia só vem aí, ela entra ali na rua de barro ali (Tv, Águas Cristalinas) chega ali na frente aonde o usuário de drogas e o vendedor não esta, abordam as pessoas ali, inclusive essa semana levaram uma menina lá que não tinha nada a vê que estava no barzinho, toda vez que vem eles só param no barzinho porque não vão lá dentro? Porque eles não vão lá dentro, aí dentro fazer uma limpeza, lá dentro? Você acha que quem está vendendo drogas vai ficar aqui na beira de uma pista onde toda hora está passando carro da policia, policial e tudo?, Porque policial é igual a formiga só quer andar na trilha, eles não vão para lá pra dentro, eles são covardes neste ponto aí são covardes eles tem o

poder de andar mais lá dentro eles tem medo[...] nós que é morador nós vai, mais eles não vem, se você entrar ali agora, se você não encontrar dez pessoas ali usuário de droga eu mudo meu nome, quem ta acabando com o mundo e vais acabar com o Brasil é a droga.

6. Em questão de infra-estrutura o que o Sr. tem a dizer?

R: Eles fazem muita coisa eles botam muita coisa nos cofres públicos, mais agente não vê nada, eles tapeiam você, por exemplo, com um piso desses, um solo desses, olha como está, porque eles não fizeram esta estrutura antes de botar o piso para ficar tudo bonitinho? Um asfalto desse mesmo, porque não fez uma infra-estrutura antes de botar o asfalto, depois do asfalto todo bonitinho aí vem a Embasa e corta o asfalto desse todo, olha aí o desnível do asfalto, aí, em todos os lugares, porque eles não fazem a infra-estrutura deles, antes olha, vou colocar asfalto aqui assim, assim e assim, chama o engenheiro da embasa vamos fazer uma infra-estrutura que é para poder amanhã não termos prejuízos, quer botar um tubo de 100 numa população que dessa, seja realista guenta? Não guenta ali coloca um tubo de 100 e mil no bolso, porque o projeto daqui era para pegar o tubo de 200, eles falam bota um tubo de 100 o resto agente bota no bolso e quando se pergunta seu trabalho foi feito? Eles falam o trabalho foi realizado é por isso que o carro passa todo dia aí para desentupir, por que se tivesse um canal de 200 não estaria assim, aquele canal ali quando foi construído eu disse: por que não começa esse canal de baixo, daqui pra lá para cima, ele disse eu não eu vou começar de lá de cima, eu disse esqueça isso rapaz, quando você chegar no meio isso aí não vais casar como não caso, você tem 2% de queda de água ali, se ele começasse de baixo ele tinha 5%, tem 2%, por isso que entope por isso que acontece isso tudo que vem acontecendo aqui, eles só querem fazer as coisas do jeito deles.

7. E o que diz das ruas que ainda não chegou asfalto?

R: Aquela rua ali quando conversei (Pedrinho Pepe) para vê ele dá uma camada de asfalto ali ele disse para mim, o próprio Pedrinho Pepe, olha eu não vou fazer essa rua porque essa rua é muito longa, então eu perguntei, então você só faz beco é? Pode olhar estas bequinhos aí dentro dos canais ta tudo asfaltado, porque? Porque o dinheiro que ele recebe só dá para fazer beco, ele foi realista, ele me disse: eu não tenho ajuda para fazer uma rua dessas, vamos supor se eu fizesse apenas uma parte da rua as pessoas iam começar a brigar e eu não vou poder nem tirar minhas máquinas dali, eu disse concordo com você, então deixa do jeito que tá, ele deixou do jeito que está, tá entendendo?. Dionísio aí veio aqui disse que foi ele, eu falei rapaz não existe isso, para você dizer que vai botar asfalto aqui primeiro você tem que fazer um levantamento, levar para a câmara dos vereadores, para ser aprovado na câmara, depois da câmara dos vereadores, depois você vai ter que levar até a bancada do prefeito para ser aprovada, para por último chegar na mão do prefeito para o perfeito assinar, para liberar a verba, para poder botar isso aqui, ele aí calou a boca, quer dizer, ele fica enganando o povo, também o povo é leigo nesse ponto nunca foi na câmara dos vereadores para poder observar como as coisas funcionam, então fica difícil.

8. E referente a coleta realizada pela Limpurb?

R: Nesse ponto aí é suficiente, isso aí agente não pode reclamar aqui, aqui nessa área todo o dia ele pega uma carga de lixo, lá na rua todo dia o caminhão entra, inclusive agora ele estão vindo até os domingos, que antes eles não vinham no domingo, eles vem todos os dias, quando tem uma quantidade de lixo excessiva eles trazem uma caçamba, pegam três quatro caçambas, enche as caçambas e levam.

9. O Sr concorda que mesmo o carro do lixo passando todos os dias a rua onde mora (Tv. Cristalinas) ainda continua suja? E que o principal culpado é a própria comunidade que não joga o lixo no local adequado?

R: Exatamente. Você vê que a prefeitura bota o funcionário, é igual você dizer assim, minha vó dizia assim: olhe meu filho quando você for montar um negócio monte na trilha da formiga, a trilha da formiga é isto aqui, a rua que tem movimento, de coletivo e etc, agora se você monta um negócio lá dentro, você esta esquecido, você só vai vender a comunidade ali, tá entendendo?, aí a prefeitura chega até ali no portão do Juliano, varreu ali, olha para lá vê tudo sujo vai embora, eu digo isso porque eu canso de ver eles fazendo isso lá, cadê porque eles não botam dois homens para varrer daqui até na igreja lá em cima, porque não coloca dois homens para fazer a manutenção na rua toda, até a caixa de lixo, isso eles não fazem só fazem aqui porque aqui tem dois homens trabalhando, mais cadê lá dentro?, por que aqui toda

hora ta passando carro da prefeitura, passando carro para fazer vistoria, fica difícil, cada coisa tem seu ponto tem seu denominadores.

Salvador, 30 de Abril de 2008.

NÚMERO 9

DEPOIMENTO-MORADORA DE NARANDIBA (Não planejado)

ENTREVISTADORA: Suzana Carvalho dos Reis

ENTREVISTADO: Maria das Graças

SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AOS CATADORES: Residência próxima ao depósito, convívio com os trabalhadores e dono do depósito.

O negócio é o seguinte os governadores e os políticos acabaram e destruiriam muitas fabricas, muitos campos de trabalho, a maior parte da população está sem emprego, principalmente na maior idade e a juventude também, então temos aqui este depósito que alem de limpar o meio ambiente ajuda a fazer o serviço da prefeitura e do gari, fazendo a reciclagem em Narandiba, não é um bom emprego mais ajuda a matar a fome, ajuda na saúde porque através daqui a gente tira dinheiro para comprar remédio pra comprar alimentação, então o governo promete, sabe, mais quando ele faz a pessoa já morreu, então isso aqui ajuda muito mesmo[...] temos esperança de ter aqui em Narandiba uma fábrica muito melhor[...] enquanto estamos trabalhando no lixo ninguém tem tempo, a cabeça vazia, que nem é ai, o que diz a imprensa, quer morrer vá morar em Narandiba, e não é totalmente assim né, todo lugar no mundo acontece isso.

Salvador, 30 de Abril de 2008.

APÊNDICE B – Imagens do depósito, onde grande parte dos catadores comercializa os materiais coletados.



Figura 1: Área externa do depósito.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 2: Área interna do depósito.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 200



Figura 3: Área interna do depósito.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008

APÊNDICE C – Materiais comercializados no depósito.

Figura 5- Papel branco picado
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 6- Papel branco picado
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 7- Papelão
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 8- Embalagem plástica de água sanitária.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008



Figura 9- Garrafas PET.
Fonte: Fotografia feita pela autora, 2008.



Figura 10- Garrafas de vidro.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008

APÊNDICE C – Materiais comercializados no depósito. (Continuação)



Figura 11- Alumínio.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

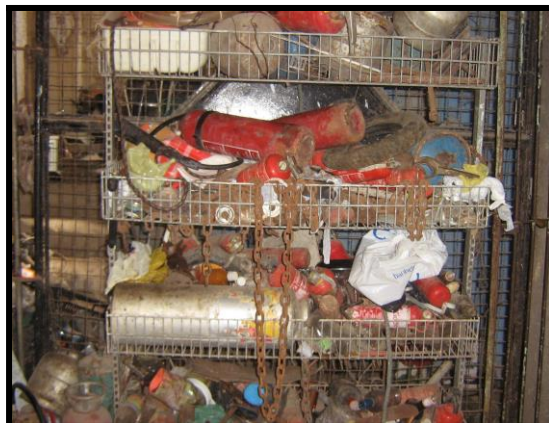


Figura 12- Extintores e motores de geladeira.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 13- Cobre.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008

APÊNDICE D – Criatividade na construção de meios para transportar os materiais coletados



Figura 14- Cama adaptada com rodinhas.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.



Figura 15-Carrinho de supermercado.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008



Figura 16-Carrinho feito com pedaços de madeira.
Fonte: Fotografia feita por REIS, S. C., 2008.

ANEXOS

ANEXO A – Tabela e gráfico do demonstrativo da coleta diferenciada de resíduos em Salvador durante os anos de 1998 a 2003.

TABELA A

Demonstrativo da Coleta Diferenciada de Resíduo Sólido

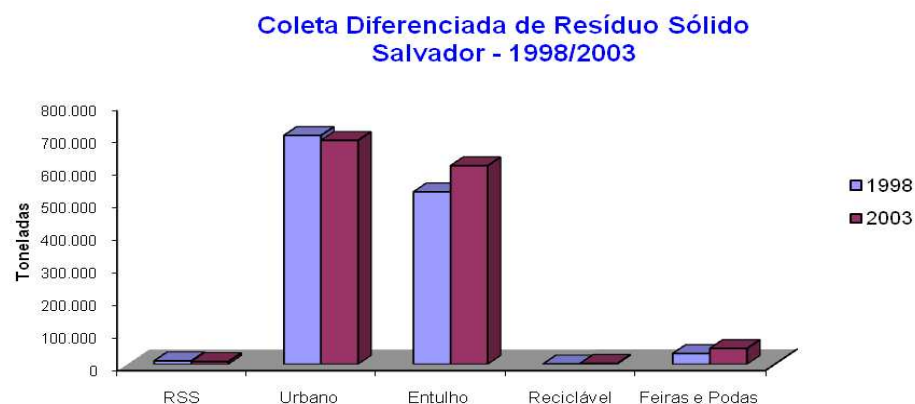
Salvador - 1998/2003

Tipo de Resíduo	Ano / Coleta (em ton)											
	1998	%	1999	%	2000	%	2001	%	2002	%	2003	%
RSS	10.183	0,8	9.588	0,7	10.498	0,6	9.463	0,6	8.660	0,6	8.118	0,6
Urbano	704.098	55,1	722.653	55,9	769.500	46,0	763.766	50,8	748.985	51,4	688.982	50,7
Entulho	530.324	41,1	511.008	39,5	832.007	49,8	682.741	45,4	655.569	45,0	610.998	45,0
Reciclável	665	0,1	4.345	0,3	4.895	0,3	3.595	0,2	2.386	0,2	2.547	0,2
Feiras e Podas	32.856	2,6	46.788	3,6	54.570	3,3	44.860	3,0	40.123	2,8	48.501	3,5
Total	1.278.126	100	1.294.382	100,0	1.671.470	100,0	1.504.425	100,0	1.455.723	100,0	1.359.146	100,0

Fonte:CON/DIRAC/COOPCICLA/ASDOP/DIROP

Nota: Resíduos Urbanos: Domiciliar, Público e Comercial

RSS: Resíduos de Serviços de Saúde



Fonte:CON/DIRAC/COOPCICLA/ASDOP/DIROP

ANEXO B – Tabela e gráfico do modelo de gestão adotado pela LIMPURB: Resíduo sólido coletado por região administrativa em 2003.

TABELA B

Resíduo Sólido Coletado por Região Administrativa

Salvador - 2003

(em ton)

Região Administrativa	População (hab.)	Lixo Coletado	%
I - Centro	70.013	71.237	7,4
II - Itapagipe	147.614	74.275	7,8
III - São Caetano	226.546	65.907	6,9
IV - Liberdade	180.388	74.795	7,8
V - Brotas	209.098	75.951	7,9
VI - Barra	63.105	33.792	3,5
VII -Rio Vermelho	178.879	82.318	8,6
VIII - Pituba	77.521	40.010	4,2
IX - Boca do Rio	112.161	56.718	5,9
X - Itapuã	203.937	76.590	8,0
XI - Cabula	150.016	49.511	5,2
XII - Beiru/Tancredo Neves	207.439	52.950	5,5
XIII - Pau da Lima	209.213	45.786	4,8
XIV - Cajazeiras	145.827	44.955	4,7
XV - Valéria	71.434	21.551	2,2
XVI - Subúrbio Ferroviário/Ilha de Maré	268.938	91.528	9,6
XVII - Ilhas	2.556	32	0,0
Total	2.524.685	957.906	100,0

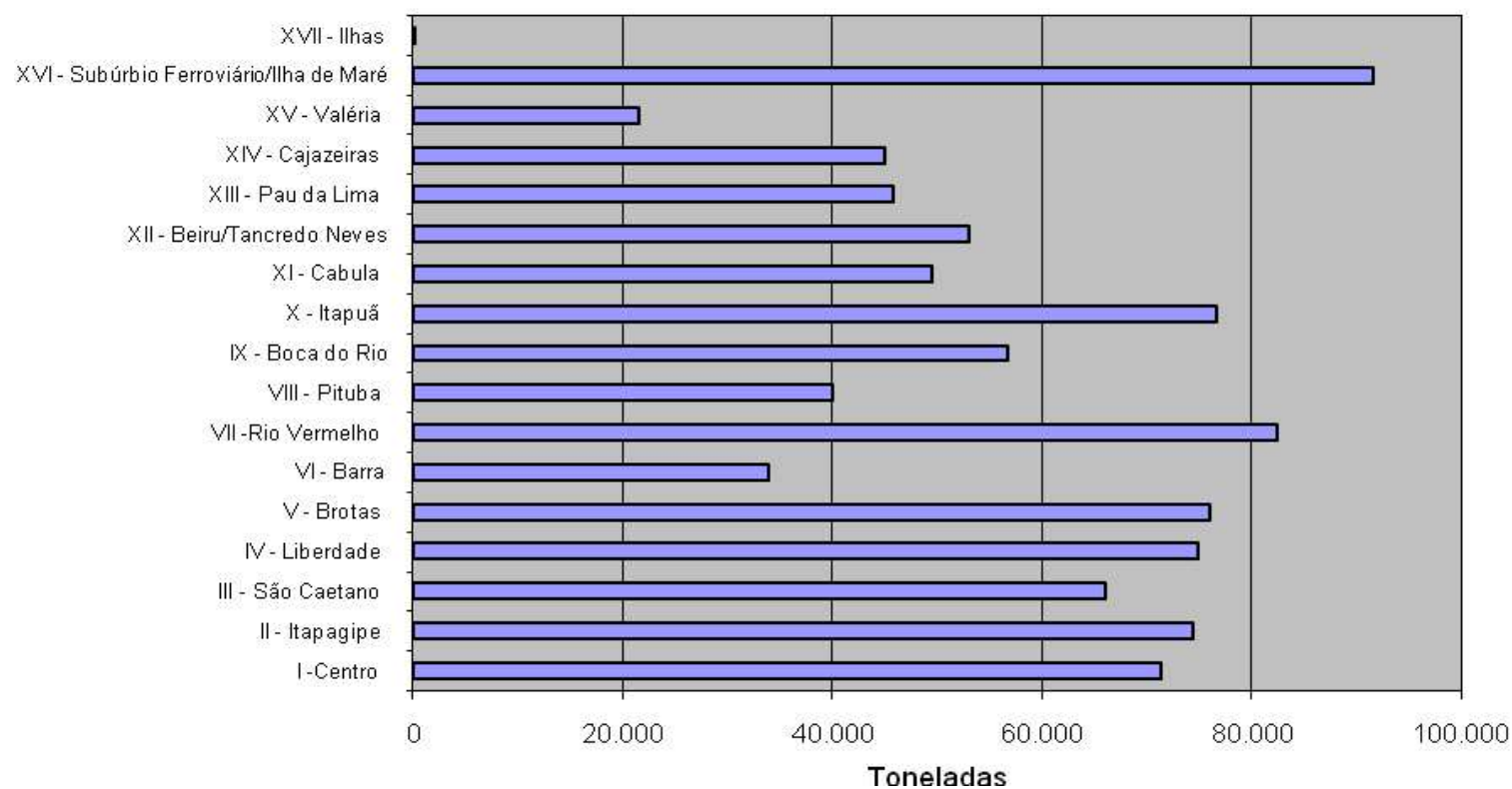
Fontes: ASDOP/DIROP

PDDU Salvador 2000

Não foram incluídas as produções de Limpezas Especiais (79.569t/ano), dos PDE's e produtor (320.125t/ano).

Elaboração: PMS-SEPLAM-FMLF-GERIN-SISE, 2003

Resíduo Sólido Coletado por Região Administrativa Salvador 2003



Fonte: ASDOP/DIROP
PDDU Salvador 2000

ANEXO C – Participação da COOPCICLA no sistema de tratamento e destinação final do lixo produzido em Salvador
no ano de 2003

TABELA C

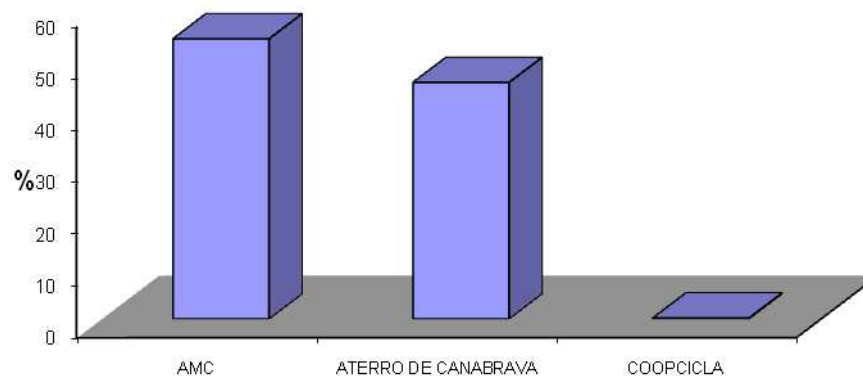
Percentual dos Resíduos Sólidos Tratados e Dispostos em Aterro

Salvador - 2002/2003

Tratamento e Destino Final	2002	%	2003	%
AMC	808.822	55,56	735.374	54,12
ATERRO DE CANABRAVA	644.515	44,28	620.925	45,69
COOPCICLA	2.386	0,16	2.547	0,19
TOTAL	1.455.723	100,00	1.358.846	100,00

Fonte: ASDOP/DIROP

**Percentual dos Resíduos Sólidos Tratados e Dispostos em Aterro
Salvador - 2003**



Fonte: ASDOP/DIROP

ANEXO D – O que pode e o que não pode ser reciclado

O que Reciclar

Reciclável	Não-Reciclável também chamado de Rejeitos
Papel	
jornais e revistas	etiqueta adesiva
folhas de caderno	papel carbono
formulários de computador	fita crepe
caixas em geral	papéis sanitários
aparas de papel	papéis metalizados
fotocópias	papéis parafinados
envelopes	papéis plastificados
provas	papéis sujos
rascunhos	guardanapos
cartazes velhos	bitucas de cigarro
papel de fax	fotografias
Metal	
lata de folha de flandres (lata de óleo, salsicha, leite em pó etc)	
lata de alumínio	
sucatas de reformas	esponjas de aço canos
Vidros	
embalagens	espelhos
garrafas de vários formatos	vidros planos

copos	lâmpadas cerâmica porcelana tubos de TV - gesso
Plástico	
embalagem de refrigerante	cabo de panela
embalagem de material de limpeza	tomadas
copinho de café	embalagem de biscoito
embalagem de margarina canos e tubos sacos plásticos em geral	misturas de papel, plásticos e metais

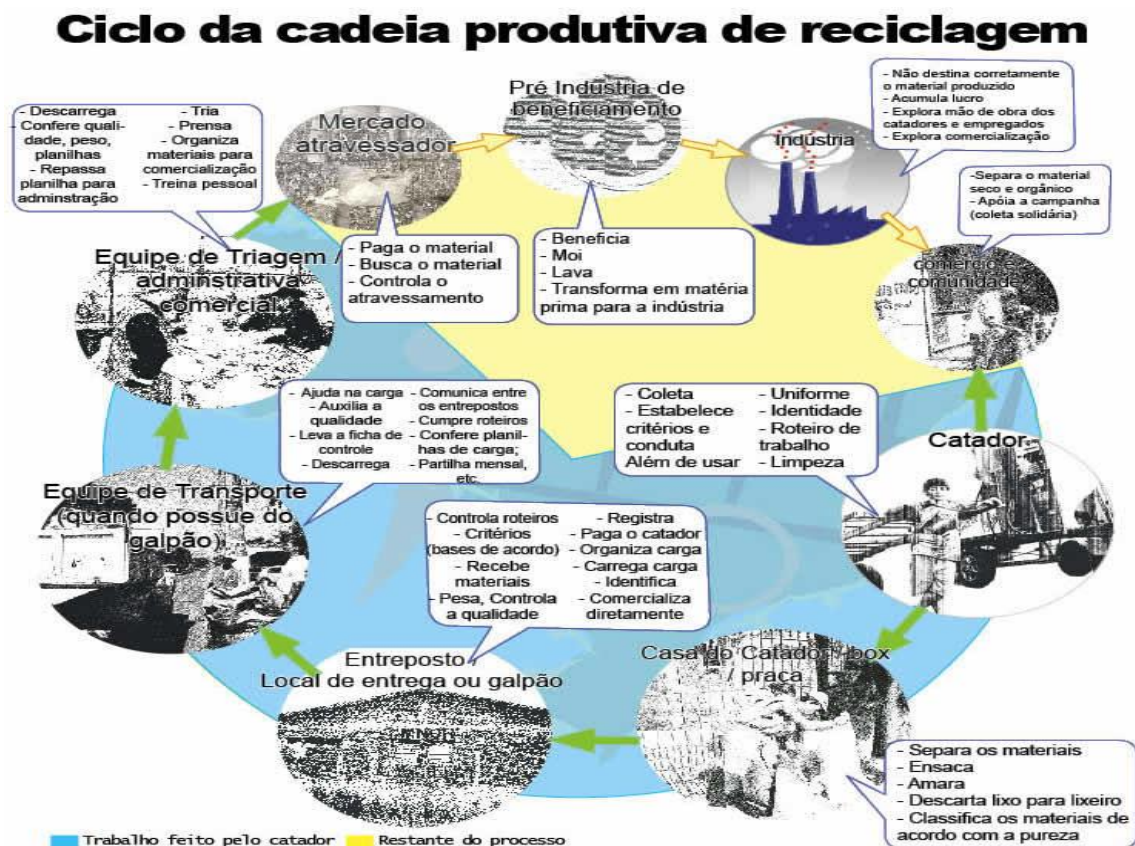
Fonte: RECICLAGEM.NET. 2008. Disponível em:
<<http://www.compam.com.br/oquereciclar.htm>> Acesso: 06 jun. 2008.

ANEXO E-Imagem área do local de estudo.



Figura 1- Imagem aérea do local de estudo. Salvador,, 2008.
Fonte: GOOGLE EARTH. Recorte do programa. Acesso em: 26 mai. 2008.

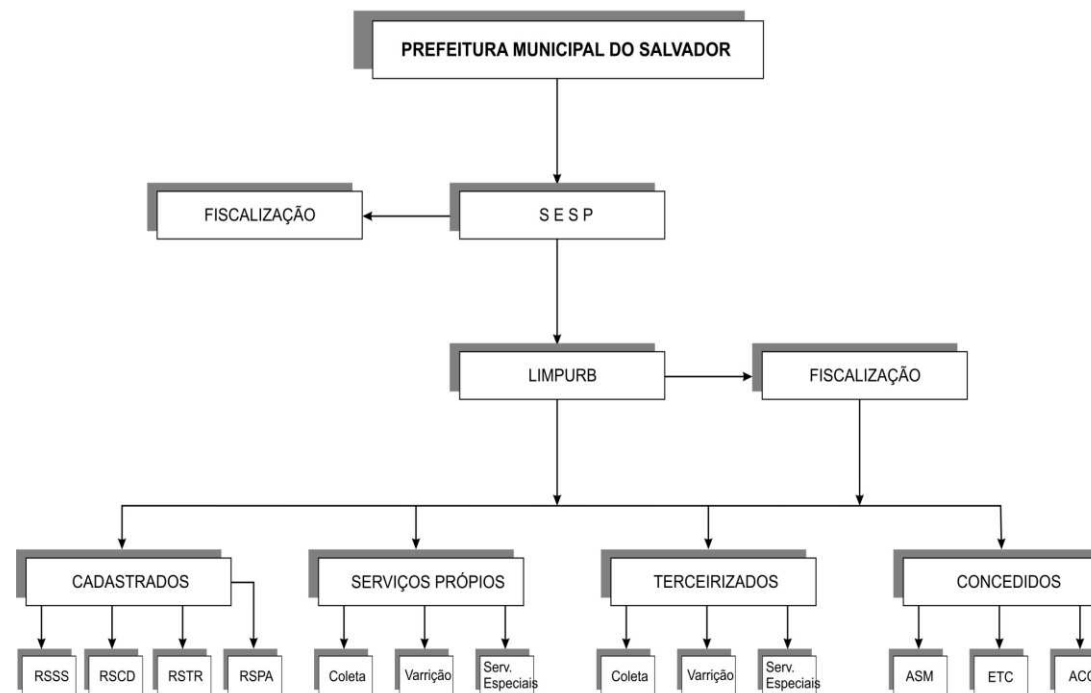
ANEXO F - Ciclo da Cadeia Produtiva de Reciclagem, segundo o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2008.



Fonte: Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2008, disponível em: <http://www.movimentodoscataadores.org.br> em. 20/02/2008.

ANEXO G - Modelo de Gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos, segundo dados do Plano Básico de Limpeza Urbana e Manejo de Resíduos Sólidos de Salvador – PBLU, 2007.

MODELO DE GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS - RSU DE SALVADOR



Fonte: LIMPURB

Fonte: Plano Básico de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, 2007. Disponível em <<http://www.limpurb.salvador.ba.gov.br>>, 2008.

ANEXO H - Putas das reuniões do Fórum Lixo & Cidadania, 2008.

PAUTA Nº 1

PAUTA DA REUNIÃO PLENÁRIA DO FÓRUM LIXO & CIDADANIA

DATA: 18/04/2008

LOCAL: AUDITÓRIO CONDER

1. ANDAMENTO DOS PROJETOS DO FÓRUM
 - DEC. 5.940
 - HABITAR, PRODUZIR E RECICLAR
 - COMPLEXO DE COOPERATIVAS
 - DESAFIOS PARA RECICLAGEM: FLASH DOS CATADORES.
2. EDITAL DA SESP – PBLU/MINISTÉRIO PÚBLICO.
3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO REAPROVEITAMENTO DE ÓLEO DE COZINHA (SR. ENIO)
4. INFORMES

PAUTA Nº 2

PAUTA DA REUNIÃO PLENÁRIA DO FÓRUM LIXO & CIDADANIA

DATA: 16/05/2008

LOCAL: AUDITÓRIO DA CONDER

- APRESENTAÇÃO REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS COOPERATIVAS
- DECRETO 5.940
- PROPOSTAS DE AÇÕES JUNTO AS PREFEITURAS MUNICIPAIS, (INCLUSIVE COM PRÉ-CANDIDATOS)
- PBLU/MINISTÉRIO PÚBLICO
- O QUE OCORRER

Fonte: Reunião Fórum Lixo & Cidadania, 2008.